



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM RELAÇÕES ÉTNICAS
E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC)**

THAILANE SOUZA SILVA BRITO

**ME SIGA E DÊ LIKES. ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS NO
INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE
ADOLESCENTES PRETAS NO ENSINO FUNDAMENTAL,
JEQUIÉ-BA.**

JEQUIÉ - BA

2023

THAILANE SOUZA SILVA BRITO

**ME SIGA E DÊ LIKES. ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS NO
INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE
ADOLESCENTES PRETAS NO ENSINO FUNDAMENTAL,
JEQUIÉ-BA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em
Nível de Mestrado Acadêmico, em Relações Étnicas e
Contemporaneidade (PPGREC), da Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié.

Linha de Pesquisa: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual.

Apoio: Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima de Andrade
Ferreira

JEQUIÉ - BA

2023

B862m Brito, Thailane Souza Silva

Me siga e dê likes. Esteriótipos reproduzidos no Instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas no ensino fundamental, Jequié-Ba / Thailane Souza Silva Brito.- Jequié, 2023.
173f.

(Dissertação apresentada ao Programa0020de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação da Profa. Dra. Profa. Dra. Maria de Fátima de Andrade Ferreira)

1.Redes Sociais 2.Instagram 3.Adolescentes pretas 4.Padrões de beleza 5.Corpo feminino negro I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 305.486081

Rafaella Cância Portela de Sousa - CRB 5/1710. Bibliotecária – UESB - Jequié

THAILANE SOUZA SILVA BRITO

**ME SIGA E DÊ LIKES. ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS NO INSTAGRAM
E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ADOLESCENTES PRETAS NO
ENSINO FUNDAMENTAL, JEQUIÉ-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 2: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

Aprovado em: 28 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria de Fátima de Andrade Ferreira (UESB)
Presidente da Banca/Orientadora

Prof. Dr. Natalino Perovano Filho (UESB/PPGREC)
Examinador Interno



Documento assinado digitalmente
CANDIDA MARIA SANTOS DALTRO ALVES
Data: 29/05/2023 10:05:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra. Cândida Maria Santos Daltro Alves (UESC)
Examinadora Externa

Prof. Dr. José Valdir Jesus de Santana (UESB)
Examinador Interno

**JEQUIÉ
2023**

Dedico este trabalho a Gesulinda, Maria, Maria de Lurdes, Gertrudes e a todas que vinheram antes de mim, que me inspiram e sempre mostram sua força como mulher preta, cada uma ao seu modo. Mas, que resistiram a diversas violências simbólicas por causa da cor de sua pele.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, chego ao final do caminho de minha trajetória acadêmica em nível de mestrado e preciso externar meus agradecimentos a todos que me apoiaram, me ajudaram e me incentivaram durante este caminhar.

Primeiramente a Deus, por tudo que tem feito em minha vida. Sem Ele eu não sou nada. Sinto a presença DELE em cada passo que tomo. Agradeço também a Nossa Senhora por toda intercessão em minha vida.

Aos meus avós, José e Gertrudes, por todo apoio que sempre deram aos meus pais e por nos incentivar sempre a buscar o melhor para nossas vidas. Em especial, a você minha avó que nos deixou recentemente e sempre teve orgulho de todas as minhas conquistas.

Aos meus pais Aguiamaralvo e Marta, por todo apoio, amor e dedicação que sempre tiveram e tem comigo. Pelo cuidado com minha filha Maria Alicia, e serem meu alicerce.

A minha irmã Samile, para que me incentiva, apoia, a quem sempre recorro e abuso para ler algo que fiz, ou para entregar alguma documentação e que por diversas vezes abriu mão de fazer suas coisas para que eu pudesse usar o *notebook*. Só nós sabemos, tudo que enfrentamos, mas não desistimos.

À minha prima-irmã Carol, que cuida da minha filha Maria Alicia, para que eu possa me dedicar aos meus objetivos profissionais.

A Glauber, que apesar das circunstâncias da vida, sempre me apoiou, me incentivou e foi alicerce nos momentos que precisei me ausentar para estudar. Você é um pai maravilhoso e cuida de nossa menina com todo zelo e amor.

À Maria Alicia, minha pequena, meu raio de Sol, por todo amor que demonstra por mim, ela é a minha inspiração para seguir sempre. Desculpe muitas vezes as minhas ausências, mas, isso é para nós, filha!

Aos familiares, obrigada por todo apoio, direto ou indiretamente, por entender minhas ausências. Essa conquista é por todos nós.

À Raissa, Nathália, Lely, Mara Jéssica e Shania, e Erlon cada um com seu jeito, mas, sempre foram meu ombro amigo em todos os momentos. Amo vocês!

Aos meus colegas de Mestrado, em especial Ariane, Vitor e Nilio, experimentamos as doçuras e o amargo do mestrado, mas, sempre juntos e resilientes. Avante, o mundo é nosso!

Aos colegas de Marcionilio Souza (Ana, Sheila, Samara, Karina e Cleide), obrigada por toda paciência e apoio.

Ao professor Marcos Lopes, por toda sua dedicação ao Programa e por todos os ensinamentos que transmite em suas aulas. Eu sou sua fã! Você faz um papel muito maior que o de professor. Obrigada pelo ombro amigo quando precisei.

À Coordenação e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade por toda troca de conhecimento e aprendizado que tive com cada um de vocês.

Às interlocutoras da pesquisa, pela disponibilidade, confiança e contribuição na pesquisa, por me possibilitar discutir sobre essa temática tão importante para nossa sociedade.

Ao grupo de pesquisa: Rede de Pesquisa Discursos, Representações e Violência na Escola por toda as discussões e troca de conhecimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo financeiro, para que eu pudesse me dedicar ao Mestrado.

Aos professores da banca Dr. Natalino Perovano Filho, Dr. José Valdir de Jesus de Santana e Dr^a Cândida Maria Santos Daltro Alves pela disponibilidade e contribuição para minha pesquisa.

Por fim, **à Maria de Fátima de Andrade Ferreira**, minha querida orientadora, minha eterna gratidão, obrigada pela paciência, puxões de orelha e dedicação. Sem você não estaria aqui hoje. Eu te admiro muito! Nos momentos que eu mais precisei você estava dizendo: *“Não Thailane, sua pesquisa é mui linda! Vamos conseguir!* E conseguimos! Como dizemos você é muito mais que uma orientadora, é nossa Mãe na academia.

E assim, termino meus agradecimentos com uma frase que marca minha vida e minha trajetória, “Viver é um rasgar-se e remendar-se.” E como esses dois anos eu vivenciei essa frase! Mas, seguirei firme buscando continuar a trilhar este caminho em busca do conhecimento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

BRITO, Thailane Souza Silva. **ME SIGA E DÊ LIKES. ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS NO INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ADOLESCENTES PRETAS DO ENSINO FUNDAMENTAL, JEQUIÉ-BA.** Dissertação de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidades/ PPGREC/ ODEERE/ UESB. Jequié/BA, 2023.

RESUMO

Esta dissertação analisou de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzidos na rede social *Instagram* interferem (ou não) na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas, alunas dos anos finais do Ensino Fundamental, que estudam em seis escolas públicas e uma privada, sediadas na zona urbana de Jequié, BA, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro. A sociedade vem passando por diversas transformações na política, nas estruturas familiares, nas relações de gêneros e suas intersecções com raça/etnia, classe, e, nesse processo, as relações de interação nas redes sociais entre adolescentes tem se destacado, tanto pelas influências positivas quanto de forma negativa. A pesquisa descritiva e a qualitativa foram utilizadas para recolher dados com aplicação do grupo focal, observação *in loco*, assistemática e sistemática, entrevistas *on-line* e questionários fechados e abertos enviados por *e-mail* e *chat* às interlocutoras. Conforme a pesquisa *TIC KIDS Online* Brasil (2018), cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de *internet* no Brasil, o que corresponde cerca de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país e, em especial, os adolescentes, usuários que mais utilizam essas redes, repetem comportamentos que (re)produzem violências simbólicas, *bullying*, racismo, discriminação, machismo, Lgbtqia+fobia/homofobia, intolerância religiosa e de gênero, no ambiente virtual. Nesta pesquisa, tratamos de questões que se referem à rede social *Instagram* para investigar de que modo ela influencia as relações sociais entre adolescentes. Os resultados da pesquisa mostram que a maioria das adolescentes pretas possui redes sociais e que também presenciam situações de estereótipos, preconceitos e discriminação racial nas Redes Sociais, em especial, no *Instagram*, notando-se que em grande parte se refere à cor, raça, tipo de cabelo, aparência física, por ser mulher e a escola, uma instituição social, é um espaço que ainda se encontra impregnado de questões relacionadas ao patriarcado, racismo e sexismo, mas poderia usar as redes sociais a favor da educação cidadã e permitir orientação às adolescentes para possibilitar conhecimento e saber para distinguir as influências positivas e negativas, como a segregação social, os estereótipos, preconceitos e discriminação racial e reforça a urgência de criação de uma educação antirracista. Esperamos contribuir com discussões no ambiente acadêmico sobre a construção da identidade das adolescentes pretas e de uma educação antirracista, que precisam pautar tema acerca do preconceito, estereótipos, racismo em sua prática socioeducativa de forma crítica e que os resultados possam contribuir para a preparação de propostas e programas de competência do uso das Redes Sociais e, aqui, especificamente, do *Instagram*.

Palavras-chave: Rede Social, Instagram, Adolescentes pretas, Padrões de beleza, Corpo feminino negro.

ABSTRACT

This dissertation analyzed how the stereotypes of Eurocentric female beauty (social, racial and sexist stereotypes) reproduced on the social network Instagram interfere (or not) in the construction of the identity and subjectivities of black adolescents, students of the final years of Elementary School, who study in six public and one private schools, based in the urban area of Jequié, BA, observing what the interlocutor Society has been going through several transformations in politics, family structures, gender relations and their intersections with race/ethnicity, class, and, in this process, the relations of interaction in social networks between adolescents have stood out, both by positive and negative influences. Descriptive and qualitative research were used to collect data with application of the focus group, on-site, unsystematic and systematic observation, online interviews and closed and open questionnaires sent by e-mail and chat to the interlocutors. According to the TIC KIDS Online Brazil (2018) survey, about 24.3 million children and adolescents, aged between 9 and 17 years, are internet users in Brazil, which corresponds to about 86% of the total number of people in this age group in the country and, in particular, adolescents, users who most use these networks, repeat behaviors that (re)produce symbolic violence, bullying, racism, The results of the research show that most black adolescents have social networks and that they also witness situations of stereotypes, prejudices and racial discrimination on Social Networks, especially on Instagram, noting that it largely refers to color, race, hair type, physical appearance, because they are a woman and the school, a social institution, is a space that is still impregnated with issues related to patriarchy, racism Such as social segregation, stereotypes, prejudices and racial discrimination and reinforces the urgency of creating an anti-racist education. We hope to contribute to discussions in the academic environment on the construction of the identity of black adolescents and an anti-racist education, who need to guide a theme about prejudice, stereotypes, racism in their socio-educational practice in a critical way and that the results can contribute to the preparation of proposals and programs of competence of the use of Social Networks and, here, specifically, Instagram.

Keywords: Social network Instagram, Black teenagers, Beauty standards, Black female body.

Apresentação

Nesta apresentação procuramos mostrar em primeiro lugar, a minha trajetória acadêmica até aqui. Thailane Souza Silva Brito, 29 anos, mãe, psicóloga e pedagoga, sempre tive uma base familiar que me impulsionou a estudar. Meus pais sempre diziam, o saber vem através da educação e, assim, cresci sempre pensando em “ser alguém na vida”. Conclui o ensino médio no ano de 2010 e tinha duas metas de vida naquele momento: cursar Psicologia e Pedagogia.

Foi assim, que tudo começou... Passei em 2º lugar com a nota do Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM, para estudar em Psicologia na Faculdade de Tecnologias e Ciências (FTC), no ano de 2012. Foi assim que ingressei na academia. Contudo, aqui, abro parênteses para falar sobre minha história pessoal, buscando a memória para recordar que até 2015, eu não tinha noção que eu era uma mulher preta.

A partir dessa percepção comecei a não gostar da minha imagem refletida no espelho, junto com esse processo, conheci o ODEERE e fiquei apaixonada pelas discussões e temáticas abordadas sobre o racismo, gênero, etnicidade, dentre outras, nesse espaço.

O ODEERE é um Órgão de Educação e Relações Étnicas, fundado em 2005, a partir de estudos de um grupo de pesquisa certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) intitulado Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas dos legados africanos, indígenas e quilombolas, sob coordenação da Profa. Dra. Marise de Santana (ODEERE/UESB, 2022).

Podemos observar, segundo seus coordenadores e análise documental, que desde a sua fundação, este Órgão “tem se tornado um espaço de produção do conhecimento acerca das Relações étnicas e, mais recentemente, sobre Gêneros e Diversidade sexual. O ODEERE Funciona no espaço do antigo Colégio Dom Climério no Bairro do Pau-Ferro, no município de Jequié – Bahia” (2022 s/p.).

Além disso, afirma-se que a sua intenção é desenvolver ações e atividades de ensino, pesquisa e extensão na perspectiva da Interdisciplinaridade. E, também, que o ODEERE envolve pesquisadoras (es), de diferentes áreas do conhecimento e de diversas instituições de ensino, que desenvolvem ações de ensino, pesquisa e extensão com temáticas relacionadas as relações étnicas, de gênero e sexualidades. Confirma-se que “Em virtude de suas atividades no tripé extensão, ensino e pesquisa, o ODEERE, em 2018, foi aprovado pelo Conselho Universitário da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) como Órgão Suplementar” (2022, s/p.).

Esse Órgão foi muito importante para a minha trajetória acadêmica e, voltando à discussão para a minha vida acadêmica na FTC, durante o curso de Psicologia, decidi que meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC seria sobre algo relacionado às temáticas raciais e tive alguns impasses, mas, consegui concluir com o meu TCC, denominada de Monografia, com tema do coração e de interesse de pesquisa “A perpetuação dos estereótipos de beleza eurocêntricas em histórias infantis”.

Desse modo, concluí a graduação de Psicologia, mas, ainda faltava Pedagogia, uma formação desejada e, assim, ingressei na UNEB, para realizar a segunda meta de minha vida – ser também pedagoga.

Logo, também surgiu um novo desejo, concorrer a uma vaga no curso de mestrado, porém, o medo de não conseguir ser aprovada me apavorava, mas, em 2019, tentei pela primeira vez, mas, ainda não era meu momento. Não fui aprovada. Contudo, não desisti. Procurei espaços de conhecimentos, estudos, e tentei novamente em 2020, quando fui aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC, na linha de pesquisa **Gênero, Raça e Diversidade Sexual**.

Foi assim..., sempre pensei em fazer a diferença na minha atuação profissional e acadêmica, sempre quis discutir sobre temáticas que são invisibilizadas na sociedade. Dentre essas questões fui me envolvendo em diferentes movimentos, ações e atividades que procuram atender adolescentes, engajadas em eventos como Encontrospa (Encontro de Crespas e Cacheadas na cidade de Jequié, BA).

E, pensando na adolescente preta, decidimos que o objeto de estudo da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade seria os **Estereótipos reproduzidos no instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas do ensino fundamental, Jequié-BA**, e, portanto, as interlocutoras da pesquisa seriam elas, adolescentes pretas, alunos do ensino fundamental de escolas urbanas em Jequié - BA.

Desse momento, os resultados das reflexões enquanto escrevia o projeto de pesquisa para desenvolvimento desta dissertação, deu condições para eu olhar para o objeto de pesquisa e pensei como a internet pode influenciá-las?

Dessa maneira, comecei a buscar qual rede social poderia utilizar e o *Instagram* estava ali, onde todas as reproduções da sociedade eram reproduzidas nesse mundo virtual. Então, assim, surgiu o tema **Me siga e dê likes. Estereótipos reproduzidos no instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas do ensino fundamental, Jequié-BA**.

Sendo assim, nesta dissertação de mestrado, me compreendo como mediadora do conhecimento. As minhas experiências me fizeram chegar até aqui e a intenção de pesquisa é

a de que as adolescentes possam perceber que, enquanto mulheres, podem chegar onde quiserem! Que o lugar da mulher é onde ela quiser!

A dissertação encontra-se organizada em uma estrutura dividida em quatro partes. A primeira, Parte I, apresenta a Introdução à pesquisa, mostrando os elementos principais da investigação. São eles: o Tema/Objeto de estudo, Justificativa, Problemática formulada, objetivos estabelecidos, breves resultados e, ao final, apresenta algumas conclusões e considerações da pesquisa.

Na Parte II, mostramos o marco teórico da pesquisa, apresentando conceitos, constructos, concepções e definições dos termos principais acerca do tema/objeto de estudo, considerando a sua importância para o entendimento da pesquisa, além das principais categorias de análise.

Na Parte III, delineamos a metodologia da pesquisa, seu percurso teórico-metodológico e conceitual, resultados e discussão.

Na Parte IV, apresentamos a conclusão e as considerações finais da pesquisa.

Enfim, esta dissertação intitulada **Me siga e dê likes. Estereótipos reproduzidos no instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas no ensino fundamental, Jequié-BA** é pertinente e se faz necessária, pois à medida que essas questões sobre o racismo, estereótipos reproduzidos pelas Redes Sociais, se diversificam e tomam maior complexificação, destacando-se aqui o *Instagram*, há uma abertura para que as formas conservadoras enraizadas no sistema patriarcal brasileiro e racista sejam mantidas, reproduzidas, multiplicadas, havendo como consequência o aumento das desigualdades raciais.

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
EPMCMJ	Escola Municipal Carolina Maria de Jesus
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FNB	Frente Negra Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MNU	Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial
ODEERE	Órgão de Educação e Relações Étnicas
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGREC	Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade
PPP	Projeto Político Pedagógico
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEN	Teatro Experimental do Negro
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Quantidade de adolescentes por localidade, 2022.....	100
Quadro 2 -	Perfil das interlocutoras da pesquisa, 2022	103
Quadro 3 -	Modo de participação das adolescentes pesquisadas, Jequié-BA, 2022	109
Quadro 4 -	Autodeclaração racial das adolescentes da pesquisa, Jequié-BA, 2022	111
Quadro 5 -	Relação das adolescentes autodeclaradas negras com o <i>Instagram</i> , interlocutoras da pesquisa, 2022	115
Quadro 6 -	Relação das adolescentes autodeclaradas negras com o Instagram, interlocutoras da pesquisa, 2022	122
Quadro 7 -	Percepção das interlocutoras da pesquisa com as redes Sociais, 2022	125
Quadro 8 -	Relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das adolescentes do Ensino Fundamental, Jequié – BA, 2022: Racismo, preconceito e discriminação racial	130
Quadro 9 -	Relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das adolescentes do Ensino Fundamental, Jequié – BA, 2022: Papel da mulher na sociedade, empoderamento feminino e padrões de beleza	132
Quadro 10 -	Sobre perfis de mulheres que as adolescentes pesquisadas mais gostam de seguir no <i>Instagram</i> , se existe padrão de beleza nas redes sociais e o que mais/menos gosta sobre si mesma, 2022	137
Quadro 11 -	O que dizem/falam as adolescentes sobre foto ou stories postado no Instagram por amigos/as e se acredita que o Instagram influencia no modo como a pessoa deve viver, 2022.	143

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logomarca da rede social Instagram.....	56
Figura 2 – Mapa do Município da cidade Jequié.....	65
Figura 3 – Foto da cidade Jequié-BA	101
Figura 4 – Praça Ruy Barbosa, Jequié-BA.....	101

SUMÁRIO

PARTE I	16
1.Uma introdução à pesquisa	17
PARTE II	30
2.Marco Teórico da pesquisa	31
2.1 Colonialismo e escravidão de africanos/as, população negra escravizada no Brasil.....	32
2.1.1 Estereótipos, preconceitos, discriminação e racismo contra a população negra: o que dizem os autores (?)	38
2.2 A influência da sociedade patriarcal na representação da identidade feminina e da mulher preta no Brasil.....	50
2.2.1 A representação e constituição da identidade da mulher preta no Brasil: uma associação entre racismo, preconceitos e estereótipos	59
2.3 Breve reflexão sobre as redes sociais e a adolescência: instabilidades, conflitos, crises e turbulências.....	64
2.3.1 A Rede Social <i>Instagram</i> : sua história, estrutura e princípio.....	72
2.3.1.1 Funcionamento e estratégias de navegação.....	74
2.3.2 A mulher preta no Instagram (?) e as armadilhas da colonialidade: segregação, marginalização e silenciamento	75
2.4 A descolonização da educação como possibilidade de construção da identidade de adolescentes pretas	78
PARTE III	89
3.Metodologia da pesquisa:material, métodos, procedimentos, análise de resultados e discussão	90
3.1 Material, métodos e procedimentos teórico-conceituais da pesquisa.....	90
3.2 Caracterização do município de Jequié – BA e seu território de identidade.....	98
3.3 Caracterização da localidade, Jequié – BA.....	100
3.4 Perfil das adolescentes participantes.....	102
3.5 A entrada no Campo: coleta, tratamento, análise dos resultados e discussão.....	105
3.5.1 Quem são as adolescentes autodeclaradas negras e modo de participação das interlocutoras na pesquisa	108
3.5.2 A influência do Instagram na definição de perfis de beleza das adolescentes autodeclaradas pretas.....	114
3.5.2 A relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das alunas dos anos finais do Ensino Fundamental, Jequié – BA.....	128
3.5.4 Estereótipos de beleza feminina eurocêntrica reproduzida na rede social Instagram e sua interferência na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas, Jequié – BA	136
PARTE IV	149
4. Conclusão e considerações finais.....	150
Referências	154
Apêndice A – Instrumento de Coleta de Dados – Roteiro de Entrevista.....	163
Apêndice B - Roteiro de Entrevista	164
Apêndice C – Questionário aberto	165
Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	166
Apêndice E - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.....	169
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética e	

UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA

Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapergamos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas.

bell hooks (2018, p. 9).

1. Uma introdução à pesquisa

Esta dissertação de mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade analisou de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzidos na rede social *Instagram* interfere na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas, alunas de escolas dos anos finais do Ensino Fundamental, campo de pesquisa, sediada na zona urbana de Jequié, BA, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro.

Não há dúvida. A sociedade brasileira vem passando por diversas transformações na política, nas relações sociais, nas estruturas familiares, relações de gênero e suas intersecções com raça/etnia, classe e, também, diferentes entrelaçamentos com outros marcadores sociais da diferença.

Nesse processo de mudanças, as relações sociais entre adolescentes têm se destacado como uma preocupação da família, escola e setores da sociedade civil, mas também, o adolescente constroi importantes aprendizados para si mesmo e são imprescindíveis para a construção de sua identidade, do espaço para seu autoconhecimento, e para a formação de grupos de amizades, trocas de saberes, para lutar pelos seus direitos e tomadas de decisão, ocupar espaços sociais, dentre outros.

Na adolescência, a construção de amizade, de laços de sociabilidades, vivências nas relações interpessoais, é percebida como muito importante para o desenvolvimento do adolescente e suas construções sociais e como ser humano. Esse é o momento que exige a aproximação maior da família, pois, à medida que se afasta da família, o adolescente vai buscando aproximar-se de seu grupo de pares e, assim, seus amigos passam a ser as pessoas mais importantes em sua vida.

E a Internet tem favorecido essa aproximação e formação de grupos de pertencimento, amizade, trocas diversas e as influências sobre o pensamento, comportamento, atitudes, que os adolescentes passam a incorporar, mesmo que de forma lenta provoca muitas inquietações de pesquisadores e estudiosos do tema.

Gomes (2017, p. 70) trata do *Movimento Negro educador* e traz um debate consistente sobre “quem é negro e quem é branco invade a vida dos brasileiros e das brasileiras de uma forma diferente, extrapolando os espaços da militância e de discussão política”. Nesse sentido, considera dois aspectos importantes acerca da mulher negra, quando definem os saberes

políticos como aqueles que reeducaram as identidades e a relação com a corporeidade.

Nesta pesquisa, tratamos especificamente de adolescentes pretas, alunas dos anos finais no Ensino Fundamental, de escolas, sediadas na zona urbana de Jequié, município localizado na região Sudoeste da Bahia, território de identidade Médio Rio das Contas, espaço onde a pesquisa foi realizada.

O território de Identidade Médio Rio de Contas é composto por 16 municípios e está localizado entre o Centro Sul e o Sul Baiano. Jequié é a cidade que influencia a dinâmica econômica e social dos demais municípios desse território que, em sua maioria, apresentam características semelhantes, como elevada participação do setor terciário na atividade econômica e nível médio de urbanização. Sendo uma das características que coloca Jequié em destaque é ser o principal pólo de desenvolvimento regional e, atualmente, o ponto de convergência de serviços e comércio de mercadorias que se firmaram na cidade.

Vale ressaltar que uma das grandes mudanças na sociedade contemporânea na vida dos indivíduos é o acesso às informações por meio da Internet. O acesso rico à informação, à comunicação instantânea e ao entretenimento “fez crescer exponencialmente o número de usuários da web nos últimos anos, que chegou a 2,5 bilhões em todo o mundo, tendo como grupo majoritário adolescentes e adultos jovens” (ELHAI JD *et al.*, 2016, p. 253).

É notório que a utilização das redes sociais passou a ser vista como meio de interação interpessoal, de reprodução de comportamentos e atitudes. Ela vem sendo utilizada como ferramenta social e reproduz diversos (pre) conceitos/concepções, dita regras e normas, além de criar espetáculos e o ponto culminante desse tipo de espetáculo, ao que parece, é o *Instagram*.

Sobre isso, Debord (1997, p. 2) explica que o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. Sendo assim, pensar na rede social, é pensar nessa forma de sociedade. Onde as imagens se tornam uma realidade e os indivíduos muitas vezes acreditam e tomam aqueles *post's* como verdade.

Sendo assim, podemos dizer que a adolescência é concebida como um processo do desenvolvimento da vida humana que apresenta transformações sociais, psicológicas, físicas, biológicas e, por isso, é tão importante para a vida dos sujeitos e marca para sempre as suas interações, sociabilidades, grupos de amizades, enfim, a sua vida.

A partir dessa concepção, a adolescência pode ser caracterizada como um período de mudança da infância para o estado adulto e essa duração varia conforme a sociedade. De

acordo o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, considera adolescente, a pessoa entre doze e dezoito anos de idade e goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata a referida Lei.

Para Becker (1987), essa fase da vida seria melhor explicada se entendida como a passagem que acarreta a mudança de atitude do indivíduo de simples espectador para uma postura mais ativa e questionadora.

De acordom com Erikson (1976), a principal tarefa do adolescente é a aquisição de uma identidade e eles precisam se distanciar dos seus pais, para construir sua individualidade. É importante lembrar que é nesse momento que o adolescente entra em contato com os defeitos, os erros e as fraquezas deles e, nesse processo, tem dificuldade em aceitá-los e em se submeter à sua autoridade.

Sendo assim, os adolescentes buscam modelos de identificação em meio à vivência de fortes conflitos, à procura de independência e autonomia (ROMANELLI, 2002) e tendem a desvalorizar a experiência da geração anterior.

Além disso, o que serviu para orientar a conduta de seus pais, geralmente é visto como inadequado e um referencial para organizar sua existência devido à velocidade de mudança dos padrões culturais (SANTOS,1990). É a partir desse período, por exemplo, que surge a idealização pela vida dos artistas, cantores, ou grupo de pares de pessoas a serem seguidas, isto é, os modelos de conduta são interiorizados.

Desse modo, as ideias, os conceitos, as concepções e os comportamentos vão sendo construídos, sua identidade formada e um desses modelos que é seguido por diversos adolescentes é a Rede Social *Instagram*.

Nesse caso, os/as adolescentes devem seguir os padrões ditados como verdade absoluta e aqueles/as que não se enquadram, na maioria das vezes, sofrem discriminação, *bullying*, estereótipos, preconceitos, homofobia, racismo e outras complexas imbricações entre desigualdades sociais e raciais.

Além disso, os participantes precisam provar, muitas vezes, que são heteronormativos para se enquadrarem no ambiente social e, neles, são observados os padrões de beleza ideais. Esses padrões são estabelecidos pelas formas eurocêntricas reproduzidas pela sociedade e que determinam qual o corpo, comportamento, devem ser as formas perfeitas, estéticas, que atendem à “sociedade do espetáculo” (1967) e ao capitalismo contemporâneo e o recorte raça/cor passa a ser uma categoria de análise importante para se compreender a realidade das

adolescentes pretas na nossa sociedade. A identidade da adolescente negra passa a ser tematizada de outro lugar. Contudo, não se pode esquecer os efeitos perversos do sistema capitalista e racista, que se refere a esse processo.

Sem dúvida, o capitalismo tem suas contribuições nesse processo de produção de relações sociais, cria uma sociabilidade com particularidades nunca vividas e experienciadas em outros modos de produção. As relações sociais são alimentadas por elementos que se destinam a manter a sociedade capitalista.

De acordo com a pesquisa *TIC KIDS Online Brasil* (2018), cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil, o que corresponde a uma percentagem de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país. De acordo com a Agência Brasil (2019), pela primeira vez na pesquisa, o número de crianças e adolescentes com contas no *WhatsApp* superou o número de perfis no *Facebook* e junto cresceu o número de usuários dessa faixa etária no *Instagram*, que é a terceira plataforma em número de uso entre esse público.

Os adolescentes são os usuários que mais utilizam essas redes, repetem comportamentos que produzem e reproduzem estereótipos, violências simbólicas, *bullying*, racismo, discriminação, machismo, homofobia, intolerância religiosa e de gênero, no ambiente virtual. Sem dúvida, ninguém ignora que esse tipo de comportamento obedece aos padrões de mercado, por isso, exprimi sua preferência, atitudes, comportamento, “personalidade” e podem recorrer a estereótipos, (pre) conceitos, símbolos sexuais, estética do corpo e padrões de beleza.

Gomes (2017) lembra que, principalmente as mulheres negras têm buscado empoderamento em diferentes ações, inclusive nas páginas de *Facebook*, programas no *YouTube*, *blogs* e tutoriais de beleza negra e, nesse processo, compreendem como o corpo e o cabelo são importantes símbolos de construção da identidade negra. A autora lembra que a estética negra passou a ser “compreendida como parte do direito de cidadania e da vida das mulheres negras, tornando-se um dos saberes sobre o corpo que vem sendo amplamente socializado e potencializado, principalmente pelas jovens negras” (p. 77).

Nesse processo, a luta e reivindicação por meio ações de não aceitação de serem vistas como “objeto de consumo e cobaias das indústrias de cosméticos, moda farmacêutica, foram valorizadas pelas mulheres negras que passaram a exigir respeito à diversidade cultural e à estética negra.

Silva (2016) chama a atenção sobre essa questão, mostrando que as redes sociais se

tornaram parte de nossas vidas, mas também, vem constituindo-se como um instrumento normalizador da sociedade contemporânea. O processo normalizador é reconhecido por Foucault (1977), como uma sociedade disciplinar, baseada em microdinâmicas de poder, que regulamenta e controla a vida nos espaços/tempos sociais.

O poder na concepção foucaultiana é uma prática social constituída historicamente e são formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. Ou seja, o poder está por toda parte e provoca ações, questionamentos, e se apresenta em uma relação flutuante, não estando em uma instituição ou contratos jurídicos ou políticos.

Nesse sentido, a constituição do sujeito é interpretada e se apresenta como algo constituído ao longo de todo o pensamento foucaultiano. E é uma problemática que se constitui como uma provocação para o autor e que o acompanha em toda a sua trajetória filosófica.

Desse modo, podemos pensar nas redes sociais, como uma forma de controle social, que segundo Revel (2005), é uma das características da formação da sociedade capitalista, isto é, de uma sociedade que tem a necessidade de controlar os fluxos e a repartição espacial da mão de obra e dos seus sujeitos, levando em consideração as exigências e necessidades da produção e do mercado de trabalho.

Esses elementos de controle e vigilância mostram que é necessária uma verdadeira “ortopedia social”, que exige o desenvolvimento da polícia e da vigilância das populações como instrumentos essenciais.

Sobre essa política de produção capitalista e seus mecanismos de controle social e de empreendimentos coercitivos são utilizados para o controle e à repressão de subjetividades.

Além disso, as tecnologias e suas funções buscam produzir sujeitos de determinado tipo, procuram estratégias para moldar e organizar a alma, o espírito, a mente, por oposição ao corpo, aos sentimentos, pensamentos, percepções. Como também, a psique, fabricar subjetividades, sujeitos com certo padrão de estética, de desejos e de aspirações, certo regime de conhecimento.

Para Foucault (1985), o sujeito, a subjetividade que envolve um processo de subjetivação, que aparecem e se desenvolvem historicamente com práticas de si e envolve um modo de vida,

Podemos observar que no pensamento foucaultiano, esse é um mecanismo que a sociedade utiliza para tornar possível sujeitos de um certo tipo de sistema de poder e, nesse caso, torna o diálogo um elemento impossível para construção das sociabilidades.

Silva e Silva (2017) afirmam que o uso da *Internet* todos os dias causa conflitos familiares, decorrentes da falta de diálogo. Além disso, levam a relações superficiais, dificuldades de aprendizagem, transtornos de ansiedade e déficit de atenção. Mesmo diante de todos os benefícios que as redes sociais possibilitam como estreitar as fronteiras e facilitar a vida das pessoas, é importante destacar que o uso excessivo pode trazer prejuízos.

Nessa linha, de acordo com Picon *et al* (2015), a possibilidade de se comunicar em redes *online* pelos celulares, permite uma maior facilidade de acesso ao indivíduo, já que, para isso, basta apenas ter o aparelho móvel e internet. Todavia tal comportamento pode atrapalhar o cotidiano das relações pessoais, especialmente o convívio com seus pares (por exemplo, familiares, amigos, colegas de trabalho/universidade), já que o indivíduo, mesmo na companhia de pessoas, pode permanecer conectado às redes sociais e negligenciar os momentos compartilhados.

A forma como os indivíduos utilizam as redes sociais são diferentes, mas os objetivos são os mesmos: o relacionamento em redes, independente da faixa etária. De acordo com Nogueira (2011, p. 18), as “Redes Sociais são o meio onde as pessoas se reúnem por afinidades e com objetivos em comum, sem barreiras geográficas e fazendo conexões com dezenas, centenas e milhares de pessoas conhecidas ou não”. Sendo assim, elas são serviços utilizados com a finalidade de facilitar as relações sociais de pessoas que compartilham os mesmos interesses, experiências ou ainda conexões na vida real.

A rede social *Instagram*, em especial, é utilizada como ferramenta de estudo de narrativas de adolescentes negras nessa pesquisa. O *Instagram* é um aplicativo de rede social feito para compartilhar fotos e vídeos de um smartphone. Semelhante ao *Facebook* ou *Twitter*, todos que criam uma conta na rede têm um perfil e um “*feed* de notícias”.

No *Instagram*, assim como em outras redes sociais, o indivíduo pode interagir com outros usuários, seguindo-os, sendo seguido por eles, comentando, curtindo as fotos, marcando e enviando mensagens privadas. A rede é inteiramente sobre compartilhamento visual. A principal intenção dos usuários é compartilhar e encontrar as melhores fotos e vídeos. Além disso, cada perfil de usuário tem uma contagem de “Seguidores” e “Seguindo”, que representa quantas pessoas eles seguem e quantos outros usuários os seguem.

Desse modo, é importante destacar a influência da rede social *Instagram* nas relações interpessoais escolares que se constituem no ambiente escolar. Pois, a escola sendo um ambiente social, que interfere diretamente nas construções sociais, deve procurar melhorar a qualidade da educação e, conseqüentemente, desmitificar alguns construtos teórico-sociais

arcaicos (questões de gêneros, configurações familiares e métodos de ensino). Sendo assim, todas essas reproduções vistas nas redes são reproduzidas nas escolas.

Os/as adolescentes devem seguir os padrões ditados como verdades absolutas e os que não se enquadram, sofrem estereótipos, discriminação, *bullying*¹, preconceito e racismo.

Além disso, precisam provar muitas vezes que são héteronormativos para se enquadrarem no ambiente social. No qual, são observados o padrão de beleza eurocêntrica ainda existente na sociedade – o homem branco, heterossexual, patriarcal, machista, cristão. Outro ponto importante e que é de extrema relevância para construção desse projeto é o conjunto de padrões de beleza eurocêntrica que se perpetua nas redes sociais.

Dessa maneira, vale ressaltar que conceito de beleza se modifica ao longo dos tempos, porém, há algo que não é modificado, que é o padrão eurocêntrico. Homens e mulheres negras são, ao mesmo tempo, excluídos dos padrões de beleza considerados hegemônicos, constituídos e afirmados a partir do corpo branco, heterossexual, cristão.

Sendo assim, como definir a beleza na atualidade? Ter o corpo bonito? O cabelo perfeito? Mas qual é o cabelo perfeito? A cor da pele branca? Na sociedade do “espetáculo”, a beleza está diretamente ligada ao corpo e suas características e, assim, o peso do racismo sobre a estética e o corpo da mulher negra é uma questão que tem provocado muitas inquietações de pesquisadores e movimentos negros na sociedade brasileira e no mundo. Esse é um dos motivos que tem levado pesquisadores a problematizar os estereótipos relacionados a estética da população negra, destacando-se a mulher negra, com objetivo de denunciar a violação dos direitos humanos e sociais, os direitos acerca da identidade da mulher negra.

Portanto, é importante destacar que, ao abordar a questão da definição de padrões estéticos no universo da beleza corporal, Queiroz e Otta (1999) explicitam a premência das especificidades culturais envolvidas na eleição de parâmetros para análise estética inscritas em diferentes sociedades. E tomando o corpo humano como um artefato cultural, afirmam que, respeitando certos limites, cada cultura define a beleza corporal à sua própria maneira, ocorrendo o mesmo com a classificação e a avaliação das diferentes partes do corpo e as decorrentes associações estabelecidas entre tais partes e determinados atributos, positivos ou negativos (QUEIROZ; OTTA, 1999, p. 22).

Diante disso, o conceito proposto por Duarte Jr. (1998) e que ainda é visto na atualidade, que conceitua beleza como um produto da relação sujeito e objeto. A beleza é uma

¹ O termo *bullying* é definido por Malta et al (2010) como uma ação intencional e repetida de intimidação, opressão, xingamento, chacota, agressões físicas e/ou verbais; sem motivações aparentes, causada por um ou mais estudante e que causa dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação a quem é vítima de tal ato.

forma como interagimos com os objetos. Ou seja, beleza é uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Não tem a ver com formas, medidas, proporções, tonalidades e arranjos pretensamente ideais que definem algo como belo (DUARTE JÚNIOR, 1998, p. 13). Desse modo, os padrões estéticos e concepção variam no tempo e no espaço. E todas essas questões perpassam a rede social *Instagram*.

É importante destacar que é um “ambiente virtual de vida perfeita” reproduz ideias e comportamentos da “vida real”, sendo perceptíveis que ainda no século XXI, os padrões de beleza são os mesmos do século passado. Podemos colocar como exemplo os perfis mais valorizados tanto em publicações, quanto em parcerias pagas seguem o padrão normativo.

Na atualidade, vivemos numa sociedade de imagens, que corporificam pessoas magras, jovens e sem rugas, modelo atrás do qual todas elas correm. Essa situação gera uma forma de cobrança indireta especialmente nas mulheres. Mas, como lembra Martins (2017), procura-se uma beleza que não ter a ver com a nossa, a brasileira.

A mulher, em especial, é a mais cobrada em relação a beleza, o que aparece são formas veladas de exigências. Basicamente, as características culturalmente elogiadas ainda se aproximam da realidade europeia: traços “finos”, cabelos alinhados e pele clara. Mesmo diante de toda visibilidade que a população preta conquistou. O perfil nas redes sociais de mulher preta bonita é o que possui características fenotípicas europeizadas e, caso tenham cabelos crespos, devem estar presos ou “bem definidos”.

Desse modo, podemos relacionar todas essas questões com construção da identidade, principalmente das adolescentes que estão em fase escolar. O teórico Erick Erickson (1968) definiu a identidade de uma forma integrada, em que a dimensão biológica, a vivência pessoal das experiências e o meio cultural dão sentido aos percursos do indivíduo. Ou seja, a construção da identidade é construída através da interação com o meio social.

Assim, podemos correlacionar com as influências que a rede social *Instagram* causa na vida dos indivíduos, principalmente nas adolescentes que estão em fase escolar. Outro ponto que podemos observar é a questão racial que está inserida nessa rede. Onde novamente o aceito, o belo, o padrão, é o homem/mulher branco/a.

Segundo Gomes (1995), uma das justificativas para desconsiderar o negro como belo é o cabelo crespo, e a sua retirada do lugar da beleza diz de um contexto histórico e cultural que constituiu o país.

Desse modo, entende-se aqui que existem forças as quais tentam silenciar o negro na sua estética, e que, em especial, o cabelo crespo – dentre tantos outros caracteres fenotípicos

marcantes – de algum modo possui um lugar de visibilidade da negritude, pois denota uma particularidade corpórea que fora escondida por ser considerada feia e ruim.

No Brasil, o culto à padronização do corpo é desmedido, exagerado e, na escola, as consequências são absurdas, a exclusão social é fato. Esse é considerado um fenômeno assustador, pois os alunos e alunas, vítimas de estereótipos, preconceitos e discriminação racial, acabam desistindo do espaço escolar.

Essa questão pode ser observada nos estudos que relacionam a beleza, tendo como recursos metodológicos e fontes de análise, livros, revistas e sites, nos quais podemos observar como a beleza é imaginada e representada como obrigação/dever cultural, sob influência da mídia, da moda, onde o corpo é transformado em mercadoria e objeto de desejo. O corpo é tomado como corpo ideal, padrão, corpo desejo e as graves consequências de tudo isso são diversas, múltiplas.

As várias áreas de conhecimento têm suas definições de beleza: a filosofia, antropologia, psicologia. E a estética sempre foi uma preocupação dos estudos filosóficos e os padrões estéticos se constituem em constantes movimentos, variam no espaço e no tempo, constroem formas de ser, estilos, frutos de uma cultura.

Arelado a isso, a condição feminina agrava ainda mais a questão racial, visto que ela carrega, em sua constituição histórica, a dupla opressão do silenciamento de seu corpo e de sua subjetividade: por ser negra e hierarquicamente inferior, como assim foi colocada através da escravidão africana subsidiada pelos europeus; e por ser mulher, condição que lhe colocava à maior submissão dos desejos de seu senhor.

Beauvoir (1970) mostra que à mulher foi dada uma posição secundária, justificada pelas diferenças biológicas entre homens e mulheres que faziam dela um ser em posição menor. Assim, vemos então que o racismo fora justificado pela via do corpo, bem como o sexismo. A autora lembra que a mulher foi considerada um ser inferior em relação ao sexo masculino e ainda é, em na dimensão econômica, social, política, cultural e religiosa e, desse modo classificado como o “segundo sexo” ou “sexo frágil” e colocado sempre como um ser dependente dos pais, irmãos, esposos, filhos.

Além disso, mesmo diante das mudanças e avanços alcançados pela sociedade ainda existe um padrão a ser seguindo e o grande desafio significa superá-lo. Nessa conjuntura operam o racismo, o capitalismo e o patriarcado, de modo perverso e contraditório, aprofundando desigualdades.

As mulheres precisam ser mães perfeitas, ter o corpo perfeito, ter um cabelo padrão,

ter um relacionamento “padrão”. Enfim, essa é uma representação de um ser ideal, perfeito, constituído em meio a relações sociais de poder. Quando falamos da mulher preta, existe um duplo sofrimento, lidar com todas essas questões e ainda ser considerada símbolo sexual.

Para investir na crítica a essa concepção, destacamos como essa forma de pensar a mulher afirmava o uso dos conceitos normativos, das identidades subjetivas que sugeria: A mulher “negra” serve para o sexo e a “branca” para o casamento.

Nesse entendimento, os estereótipos e preconceitos contra a mulher negra passam a operar de modo rígido, entrelaçando raça, etnia, classe, sexualidade, assumindo os vários marcadores sociais que se combinam de modo perverso, simplista, dominante, sob uma lógica essencialista.

Todas essas questões acabam sendo reproduzidas no ambiente escolar, as meninas precisam seguir modelos. As redes sociais ditam as regras. Podemos colocar como exemplo, o vazamento de fotos das adolescentes nas redes sociais. Elas são julgadas e vistas como “putas” “mulheres fáceis”, “sem vergonha”, prostitutas, dentre outras formas de estereótipos. De certa forma, essas questões reforçam o dualismo entre mulheres brancas e mulheres negras.

De forma peculiar, passa também a visão de homem dominante e mulher dominada. Reproduz, assim, a ideia de superioridade masculina, julgando os homens de modo diferente, contrapondo-se a essa posição colocada para a mulher, como símbolo do desejo, da empatia, da afetividade, da doçura, o homem sempre é visto como o “garanhão, o namorador”.

A partir da convivência em grupo, os papéis sociais são definidos, sempre levando em conta os estereótipos sociais, pois, é a através deles que as crenças generalizadas por determinados grupos são cristalizadas.

Assim, segundo Lane (2006, p. 22), os estereótipos são “estes papéis que atendem, basicamente, à manutenção das relações sociais representadas, no nível psicológico, pelas expectativas e normas que os outros envolvidos esperam que sejam cumpridas”.

Desse modo, a construção da identidade da adolescente preta perpassa por essas construções e são percebidas de maneira notória no ambiente escolar. Nele, os padrões das redes sociais ficam mais evidentes, as discussões, a formação de grupos de pertencimento, de amizade e, assim, nas conversas, nos encontros, trocas de saberes, os modelos e os estilos são reproduzidos.

E, quanto ao racismo contra a população preta, assim como os preconceitos e estereótipos são construídos sob argumentos, convencimentos, para justificar a inferioridade

do negro em relação aos brancos. As práticas e argumentos racistas produzidos durante o processo colonizador e imperialista de construção da sociedade brasileira são reproduzidos até hoje, sem precedentes.

Nessa pesquisa, tratamos de estereótipos que são produzidos e reproduzidos pela rede social *Instagram* nos processos e de relações sociais entre adolescentes pretas e de que modo essa rede influencia as relações sociais de adolescentes pretas.

Nessa perspectiva, a pesquisa buscou analisar de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzida na rede social *Instagram* interfere na construção de identidades e subjetividades de adolescentes pretas da escola de anos finais do ensino fundamental, localizada na zona urbana, no município de Jequié – BA e o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro?

A pesquisa se valeu da abordagem descritiva e qualitativa, tendo como holofote a proposição de que os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzidos na rede social *Instagram* interferem na construção de identidades e subjetividades de adolescentes pretas de escolas de anos finais do ensino fundamental pesquisada, influenciando o grau de satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor da pele, cabelos) e, também, nas concepções de padrões de beleza e de corpo feminino negro – o corpo pelo prazer marcado pela colonialidade, uma interseccionalidade entre racismo e sexismo.

Desse modo gênero e raça configuram-se como uma teia de opressão que atravessa os corpos femininos negros desde a colonização e escravismo brasileiro e marcam a sociedade até hoje, produzindo condições de subordinação e dominação da mulher e o seu acesso à cidadania, aos direitos sociais e reprodutivos e a autonomia do corpo feminino.

A partir disso, foi proposto como objetivo geral **Analisar de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzidos na rede social *Instagram* interfere na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas de Escolas de anos finais do Ensino Fundamental, campo de pesquisa, sediada na zona urbana de Jequié – BA, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro e o grau de satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor, cabelos).**

A esse propósito, para a realização desta pesquisa, no primeiro momento, foi realizado

um breve levantamento bibliográfico para verificar o que dizem os referenciais teóricos sobre a formação dos ideais de beleza no decorrer da história, observando o que falam sobre a construção histórica do corpo feminino e da imagem da mulher na sociedade brasileira para construir o marco teórico da pesquisa e de que modo os padrões de beleza afetam o corpo feminino negro.

Logo, pautando-se pelo método descritivo e qualitativo, a pesquisa procurou **identificar qual é a forma de relação entre adolescentes pretas, interlocutoras da pesquisa, alunas dos anos iniciais do ensino fundamental, campo de pesquisa, com a rede social Instagram. Além de procurar analisar a relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das alunas adolescentes pretas na escola investigada e quais as definições de beleza são utilizadas pelas interlocutoras da pesquisa e a influência dessa Rede Social na vida das usuárias, satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor da pele, cabelos, dentre outros).**

De acordo com os objetivos, a opção foi pela pesquisa exploratória, com a finalidade de explorar distinções qualitativas, a fim de desenvolver mensurações e para que tivesse certa sensibilidade com a escola-campo. E, também, foi aplicada a pesquisa descritiva, conforme os procedimentos de análise, pela abordagem qualitativa, observando o tema/objeto de pesquisa, problema e objetivos da pesquisa, tendo como decisão para a análise da abordagem qualitativa. Além de buscar apoio da análise com técnicas da abordagem etnográfica virtual, que auxiliou na escolha do público, comunidade virtual, na qual as adolescentes pretas estão inseridas. Os contatos com o grupo de adolescentes por meio do *Google meet* e *Instagram* e encontros nas escolas de anos finais de ensino fundamental onde estudam, sediadas no centro urbano de Jequié - BA.

Por tudo que foi analisado, percebemos que os adolescentes, usuários que mais utilizam essas redes, repetem comportamentos que (re) produzem violências simbólicas, *bullying*, racismo, discriminação, machismo, Lgbtqia+fobia/homofobia, intolerância religiosa e de gênero, no ambiente virtual.

Nesta pesquisa, tratamos de questões que se referem à rede social *Instagram* para investigar de que modo ela influencia as relações sociais entre adolescentes.

Os resultados da pesquisa mostram que, a maioria das adolescentes pretas possui redes sociais e que, também, presenciam situações de estereótipos, preconceitos e discriminação racial nas Redes Sociais, em especial, no *Instagram*, notando-se que em grande parte se refere à cor, raça, tipo de cabelo, aparência física, por ser mulher.

E a escola, uma instituição social, é um espaço que ainda se encontra impregnado de questões relacionadas ao patriarcado, racismo e sexismo, mas poderia usar as redes sociais a favor da educação cidadã e permitir orientação às adolescentes para possibilitar conhecimento e saber para distinguir as influências positivas e negativas, como a segregação social, os estereótipos, preconceitos e discriminação racial e reforça a urgência de criação de uma educação antirracista.

Esperamos contribuir com discussões no ambiente acadêmico sobre a construção da identidade das adolescentes pretas e de uma educação antirracista, que precisam pautar tema acerca do preconceito, estereótipos, racismo em sua prática socioeducativa de forma crítica e que os resultados possam contribuir para a preparação de propostas e programas de competência do uso das Redes Sociais e, aqui, especificamente, do *Instagram*.

PARTE II**MARCO TEÓRICO DA PESQUISA**

Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo.

bell hooks (2018, p. 11).

2. Marco teórico da pesquisa

Na Parte II desta dissertação apresentamos os principais conceitos, concepções e a definição de categorias teóricas de análise, e, assim, procuramos aprofundar o entendimento sobre o tema/objeto de investigação e buscamos construir o referencial de análise, considerando que a pesquisa exige uma análise do objeto por meio de constructos.

Nesse capítulo, a pesquisa buscou responder ao objetivo específico que compôs **realizar um breve levantamento bibliográfico para verificar o que dizem os referenciais teóricos sobre a formação dos ideais de beleza no decorrer da história, observando o que falam sobre a construção histórica do corpo feminino e da imagem da mulher na sociedade brasileira para construir o marco teórico da pesquisa e de que modo os padrões de beleza afetam o corpo feminino negro.**

Logo, pautando-se pelo método descritivo-interpretativo, na primeira etapa da pesquisa, através de uma pesquisa exploratória bibliográfica e qualitativa e, também, na análise documental, esta investigação iniciou o seu percurso teórico, buscando delinear caminhos que pudessem contribuir com a entrada em campo munido de teoria, com conhecimento sobre os constructos e categorias da pesquisa.

Para Lakatos (2003, p. 224) “é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo teórico que serve de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados”.

A partir desse entendimento e compreensão da importância de um quadro teórico elaborado com consistência e adequado, continuamos a construção do marco teórico da pesquisa, considerando a importância de buscar conceitos, concepções e definições já elaboradas sobre o tema.

Para tanto, esta Parte III foi dividida em quatro itens que mostram subitens para tratar de forma descritiva o conhecimento e seus entrelaçamentos conceituais, buscando aproximações com o tema/objeto de estudo desta dissertação, a saber:

No item 2.1 **Colonialismo e escravidão de africanos/as, população negra escravizada no Brasil** e no subitem 2.1.1 **Estereótipos, preconceitos, discriminação e racismo contra a população negra na sociedade brasileira.**

Logo, mostramos no item 2.2, uma descrição sobre **A influência da sociedade patriarcal na representação da identidade feminina e a mulher preta no Brasil.** Esse item apresenta o 2.2.1 **A representação e constituição da identidade da pessoa preta no Brasil: uma associação entre racismo, preconceitos e estereótipos** proposta para buscar melhor

aproximação com o tema e problema da pesquisa.

No item 2.3 apresentamos uma **Breve reflexão sobre as redes sociais e a adolescência: instabilidades, conflitos, crises e turbulências**, pondo para o leitor desta dissertação, uma discussão sobre o subitem 2.3.1 **A Rede Social *Instagram*: sua história, estrutura e princípios** e no 2.3.2 **A mulher preta no *Instagram* (?) e as armadilhas da colonialidade: segregação, marginalização e silenciamento**.

Mostramos uma discussão no item 2.4 **A decolonização da educação como possibilidade de construção da identidade de adolescente preta**, com a intenção de apresentar a importância de decolonizar os saberes, o poder e o ser, estabelecendo uma troca interdisciplinar, inserindo debates e perspectivas atuais no campo da educação decolonial e construção da identidade, especificamente da identidade da adolescente preta.

Nesse sentido, buscamos esforços para tratar de uma discussão e entendimento sobre **A mulher, o patriarcado e o processo de colonização europeia da sociedade brasileira**, procurando aprofundar conhecimentos sobre o processo de colonização e patriarcado brasileiro e suas consequências nas relações de gênero, submissão e dominação do homem sobre a mulher.

Por fim, no subitem 2.5, tratamos da construção da identidade de adolescente preta, considerando a importância de buscar a descolonização de metodologias e práticas.

2.1 Colonialismo e escravidão de africanos/as, população negra escravizada no Brasil

O início da história do Brasil é marcado por uma exploração colonial europeia sob os povos africanos e indígenas. E, assim, os negros africanos, aqui escravizados, foram trazidos da África pelos portugueses e vieram de duas regiões do continente africano: os bantos provenientes da região de Moçambique, Congo e Angola e os sudaneses provenientes da Nigéria, Guiné e Costa do Ouro.

Essa população veio do Centro-Sul, do Nordeste e da Costa Centro-Oeste do continente africano, trazida à força pelos colonizadores. E, como afirma Jorge Couto (1998, p. 303),

O modelo de colonização do Brasil introduziu profundas relações entre indígenas e os colonizadores portugueses, principalmente depois das crescentes exigências de uma numerosa mão-de-obra permanente, visando a consolidação de cultivo da cana-de-açúcar, atividade econômica da época com objetivo de viabilizar a consolidação da América Portuguesa, provocou a resistência indígena.

A partir daí, como explica Couto (1998), impõe-se a necessária mudança no processo

de colonização, pois a mão-de-obra assumida pelos indígenas por meio da escravidão, que ganhou importância fundamental no processo produtivo no início da colonização e, assim, os ameríndios constituíram a força de trabalho e, através do processo de escravização, na maior parte de Quinhentos.

Com a luta e resistência indígena contra a escravidão e modo de exploração-dominância portuguesa, os negros africanos se tornaram alvos da colonização europeia no Brasil. Em 1551, há registros de estímulo à importação de africanos, após a instalação do governo-geral, Tomé de Souza, para trabalhar na capitania da Bahia.

No registro lê-se que, o superior Jesuíta faz uma solicitação ao monarca que desse alguns escravos da Guiné ao Colégio da Bahia “para que fizessem roças de mantimentos e algodais que proporcionassem alimentação e vestuário aos religiosos, aos meninos órfãos e aos neófitos” (COUTO, 1998, p. 303).

Sobre a escravidão da população negra podemos verificar de modo mais detalhado as discussões de Kabengele Munanga (2019), Maria Aparecida Bento (2002, 2005, 2014), Nilma Lino Gomes (1995, 2015, 2022) e outros autores que têm se debruçado sobre os estudos das relações raciais, teorizando o racismo e o antirracismo no Brasil, raça e racismo na sociedade brasileira.

Na compreensão desses autores, assim como na maioria dos países da América Latina, o Brasil, fundado enquanto Estado-nação. Como lembra Ortegá (2018), a partir da colonização de países europeus, sobretudo de Portugal, teve como principal força de trabalho do país ao longo de seus cinco séculos de existência as pessoas trazidas à força do continente africano.

Desse modo, os quatrocentos anos de escravismo colonial no Brasil, foi um fator histórico importante para a formação da sociedade. No sistema escravista, o homem e a mulher preta eram vistos como “coisa”, onde poderia ser utilizada sua mão de obra e depois descartados como lixo. Além disso, eram obrigados a negar sua cultura, seus costumes, sua religião. Sendo obrigados a fugir para lutar por sua sobrevivência, criando, assim também, os quilombos.

Moura, (1983, p. 124) lembra que,

Montado o sistema escravista, o cativo passou a ser visto como coisa e o seu interior, a sua humanidade foi esvaziada pelo senhor até que ele ficasse praticamente sem verticalidade; a sua rehumanização só era encontrada e conseguida na e pela rebeldia, na sua negação conseqüente como escravo.

Na verdade, o “senhor” branco não tinha interesse em libertar os escravos e, podemos

assim compreender que os privilégios que os brancos europeus têm através do passado histórico colonial, continuam fortalecendo a discriminação racial contra a população afrodescendente e os imigrantes africanos na diáspora, sobretudo em diferentes bairros periféricos (CORREIA, 2022).

Quando falamos no processo de colonização, podemos pensar na resistência do povo negro até os dias atuais, nos processos vivenciados, nas violências sofridas sejam por meio de agressões físicas ou simbólicas.

Ortega (2018) contribui com o entendimento desse processo, lembrando que essa população, que resistiu as mais diversas tentativas de aniquilação e que hoje é majoritário no território nacional, é denominada como população negra. Aqui, na formação da sociedade brasileira, as suas experiências são também compreendidas por diversos intelectuais e ativistas negros como parte da diáspora africana, recorda Ortegá (2018).

Desse modo, para falarmos sobre as questões raciais, precisamos falar sobre os modos de vida da população negra, das suas experiências, do legado cultural, mas também, sobre o colonialismo e a escravidão, que foram marcados por distinções entre europeus, africanos e indígenas, como diz Santos (2002).

Desse modo,

Ora por argumentos espirituais, ora por argumentos biológicos e médicos, e até mesmo pelo senso comum senhorial, negros e indígenas eram classificados e reclassificados ao olhar do europeu de forma racializada, isto é, de forma a estabelecer distinções entre esses três grandes grupos, não apenas com um sentido de hierarquização, mas de definição do que era ou não considerado humano (SANTOS, 2002, p. 35).

Pois, assim esse elemento é importante para entender as relações sociais no Brasil, pois, em um mundo marcadamente antropocêntrico, caracterizar determinado grupo como não humano ou sub-humano resultava em total isenção moral para a exploração, escravização e extermínio desse grupo assim classificado (ORTEGAL, 2018). Isto está nítido nos mais diversos estudos do Brasil e não teve diferenciação "por decreto", como a promulgação da Lei Áurea ou da Proclamação da Independência.

Assim, no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, foi inserida uma política governamental de incentivo e subsídio à imigração de mão de obra camponesa remunerada europeia em substituição aos escravos libertos. Essa mão de obra vinha de países como Itália, Portugal, Espanha, Alemanha, e Polônia, sendo empregados principalmente nas lavouras de café no estado de São Paulo (TRINDADE, 2022).

Além disso, não existiu nenhuma política pública de apoio à integração dos negros

libertos em condições mínimas de competitividade para serem inseridos na sociedade de classes brasileiras.

Desse modo, surgem as favelas e os cortiços nos grandes centros urbanos. Trindade (2022, p. 29) lembra que essa população sofreu com as mazelas do Estado.

Eles se viram desprovidos de oportunidades de serem alfabetizados e alcançarem um grau mínimo de escolaridade e de aprenderem um novo ofício. E também não foram beneficiados com qualquer tipo de programa de apoio a moradias populares dignas. Em outras palavras, foram abandonados à própria sorte pelo mesmo Estado que promovia um programa de incentivo e subsídio à imigração de mão de obra branca europeia.

Após esse período de escravidão, os negros passaram por outro processo histórico e político, que foi a segregação racial. No período colonial e pós-colonial ainda em regime escravocrata no Brasil (1500-1888) “a ideologia de que a população que foi escravizada deva continuar no lugar de subalternidade e de inferioridade permanece no imaginário social” (MARTINS; MOITA, 2018).

Foi assim que o colonialismo criou identidades, construindo de forma desigual o poder da articulação, e até mesmo poder de existência, pois privilegiou certos grupos em detrimento de outros. As classes sociais da sociedade capitalista ainda não existiam, a raça era o distintivo oficial entre os grupos sociais nas metrópoles e colônias.

Desse modo, é importante abordar conceitos históricos que legitimaram as práticas racistas e a exclusão da população negra. São eles: a escravidão, a ideologia do branqueamento, a teoria da miscigenação e da mestiçagem e os atuais enganos das teorias geneticistas sobre a existência ou não das raças.

Bento (2005, p. 24) recorda que muitos estudiosos do XIX, como francês Joseph-Auguste de Gobineau, o alemão Richard Wagner e o inglês Houston Stewart Chamberlain utilizaram “a teoria da seleção natural, para tentar explicar a sociedade humana e, desse modo, concluíram que alguns grupos humanos eram fortes e outros fracos”.

Desse modo, os autores racistas desse período da história da colonização, império e primeira república brasileira começaram a classificar os seres humanos, nasceu assim o racismo. As teorias racistas classificaram os portadores de pele escura, os negros e os não europeus como raça inferior e os portadores de pele alva, os brancos, de raça superior. Desse modo, ficou “justificado” o domínio colonial e a exploração do europeu sobre outros povos. (BENTO, 2005)

É importante mencionar que o racismo científico teve sua época entre 1870 a 1930 e, como uma perversa ideologia, procurava explicar biologicamente as características dos

homens. É um pensamento considerado científico porque foi produzido pela Antropologia e Sociologia, pelas Ciências do século XIX.

No Brasil, após o fim da escravidão, até mesmo o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, procura se adaptar com as preocupações das ciências desenvolvidas no país no século XIX, a partir da influência européia, iniciada com o Positivismo de Augusto Comte e o Darwinismo social (OLIVEIRA, 2008). Foi assim que surgiu a legitimação científica de uma classe superior à outra, da dominação-exploração e sentimento de superioridade da população branca sobre a negra.

Os pensamentos racistas são perversos e, após a abolição da escravatura ocorreu à organização das teses de inferioridade biológica dos negros. Sendo que, aceitar as teorias envolvia analisar a evolução brasileira sob os aspectos dos conhecimentos das interpretações de uma história natural da humanidade e o estágio civilizatório do país se encontrava, assim, imediato e definido como “inferior” em relação à etapa alcançada pelos países europeus (ORTIZ, 2005).

Sem dúvida, foi baseada na “ciência”, através da ótica racista, que as estruturas da sociedade estavam formando a cultura brasileira, racista, machista, misógina, autoritária, patriarcal e patrimonialista.

Sendo o Brasil, um país com um enorme contingente da população negra e, essencialmente mestiça, o que para a maioria das teorias racistas era sinônimo de atraso rumo ao progresso, e significava impureza e degeneração da população brasileira (SCHWARCZ, 1996).

Desse modo, as teorias racistas européias ofereciam um suporte para a defesa da inferioridade dos negros, mas a respeito da miscigenação elas eram reinterpretadas (OLIVEIRA, 2008). Nesse contexto, a miscigenação ocorre como única maneira para resolver o problema dos negros no Brasil e se desenvolvem conforme as teorias racistas. No pensamento racista, a maneira encontrada de evitar o atraso rumo ao progresso, a impureza e a degeneração da população brasileira foi misturar brancos e pretos, formando assim a ideia de branquear a população.

Para Seyferth (1998, p. 43),

A miscigenação se transformou em assunto privilegiado no discurso nacionalista brasileiro após 1850, vista como mecanismo de formação da nação desde os tempos coloniais e base de uma futura raça histórica brasileira, de um tipo nacional, resultante de um processo seletivo direcionado para o branqueamento da população.

Nesse entendimento, o ideal de branqueamento é uma ideologia nativa e é fundamentado por diversos autores brasileiros, como Euclides da Cunha, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Paulo Prado, Oliveira Viana, Gilberto Freire.

Corrêa (2001, p. 43) lembra que,

Se não foi explicitado em leis civis discriminatórias, como a segregação racial norte-americana, o racismo enquanto crença na superioridade de determinada raça e na inferioridade de outras, teve larga vigência entre os nossos intelectuais no período do final do século passado [século XIX] e início deste [século XX], sendo o ponto central de suas análises a respeito de nossa definição como povo e nação.

Dessa forma, a ideologia do branqueamento fazia com que as elites locais comessem a pensar que o “problema” étnicoracial brasileiro poderia ser solucionado pelo caminho da miscigenação. Sua origem provém da convicção de que o sangue “branco” iria purificar o sangue primitivo, “africano”, permitindo a eliminação física destes e a formação gradativa de um povo homogêneo: “branco” e “civilizado”. E assim, o processo de imigração de estrangeiros se inicia. Tendo como principal objetivo “branquear” a sociedade brasileira.

A teoria brasileira do “branqueamento” (...) [é] aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil (...) baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e menos adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros que elas. (SKIDMORE, 1989, p.81).

Skidmore (1989) chamou a atenção para o entendimento de que, a ideologia de branqueamento trazia a falsa ideia de integração dos negros por meio da assimilação dos valores brancos e teve como objetivo afirmar que não existiam diferenças raciais no Brasil e, na sociedade brasileira, todos vivem de forma harmoniosa, sem conflitos. Podemos chamar esse modo de articulação do pensamento racista brasileiro de “democracia racial”. Essa ideologia racista traz a ideia de uma nação branca, construída através do processo de miscigenação. Desse modo, acreditava-se que esse pensamento e práticas racistas poderiam arrancar o negro da nação brasileira, através da suposição de que, assim, a opressão racial acabaria com a raça negra pelo processo de branqueamento.

A partir dessa compreensão, os políticos brasileiros, no final do século XIX, criaram a Política Nacional de embranquecimento com a imigração europeia e uma “abolição” da

escravatura, que abandonou o negro às margens da sociedade, sem nenhuma política de inclusão social. Essa política “conservava os negros em condições de extrema pobreza até que se extinguissem devido à mortalidade infantil, desnutrição, doenças e também através das sucessivas miscigenações, ou seja, até que os negros desaparecessem por completo do cenário nacional” (OLIVEIRA, 2008, p. 9).

Sendo assim, podemos perceber que a consequência dessa condição desigual feita pelo Estado brasileiro priorizou os imigrantes europeus brancos e a marginalização dos escravos libertos negros, na esfera social, econômica e até mesmo geográfica. E, até hoje, no Brasil, existe uma tentativa institucional de apagamento da história de resistência negra e um esforço de silenciamento sobre as questões raciais.

2.1.1 Estereótipos, Preconceitos, Discriminação e Racismo contra a população negra: O que dizem os autores (?)

O fim da escravidão trouxe efeitos para a população negra, que podem ser vistos até os dias atuais. A mestiçagem no Brasil apresentou-se como forma para redefinir a presença do negro e uma mudança na sociedade brasileira, à luz das teorias racistas.

A sociedade branca, cristã e europeizada passou a ocupar um lugar de construção mais radical de produção do racismo contra a população negra no Brasil, colocando no centro do diagrama, as práticas racista, patrimonialistas, patriarcais, capitalistas e autoritárias. Munanga (2008) destaca que esse pensamento político e social brasileiro se “apoiava no pensamento estrangeiro, que embora eivado de falhas e distorções, aqui chegava com aura de ciência e era acolhido como verdade inconteste” (p.13).

Desse modo, a escravidão deixou marcas na sociedade até os dias atuais, escancarado às desigualdades sociais e raciais e os negros foram relegados a viver de modo desumano, em locais inóspitos, sem condição humana e até hoje sofrem estereótipos, preconceitos, discriminação e exclusão social.

Para entender melhor esse processo, que durou todo período da colonização e imperialismo europeu no Brasil, alguns conceitos necessitam ser abordados para esclarecer todos os efeitos desse período. O primeiro conceito é o do termo raça que, é entendido nesta pesquisa como “uma relação social, o que significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos antagônicos” (ALMEIDA, 2018, p.40).

Assim, podemos compreender, que raça tem seu funcionamento em dois registros

básicos que se cruzam, como explica Almeida (2018), como uma característica biológica, em que a “identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele, por exemplo; e como uma característica étnico-cultural - em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, a certa forma de existir” (ALMEIDA, 2018, p. 22).

Desse modo, podemos falar também sobre conceitos que se interligam a raça, que se move a seu favor, na sua reprodução, que são os preconceitos e a discriminação. O preconceito é um julgamento de valor atribuído a uma pessoa, especificamente à população negra, e tem como objetivo mostrar o sentido do pensamento de inferioridade da população negra e afrodescendente e de outras que são tomadas como diferentes.

Almeida (2018) define o preconceito racial como um juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode (ou não) resultar em práticas discriminatórias.

Além disso, podemos entender o preconceito conforme o pensamento de Sant’Ana (2005, p. 62) que define:

O preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos.

Podemos, a partir das definições supracitadas, relacionar a questão do preconceito, com o estereótipo e a prática do preconceito. Pois, é a partir dessa diferenciação que existe uma raça superior a outra. Sant’Ana (2005) diz que essa prática pode ser entendida como a sua manifestação comportamental, pois, o estereótipo objetiva: (1) justificar uma suposta inferioridade; (2) justificar a manutenção do status quo; e (3) legitimar, aceitar e justificar: a dependência, a subordinação e a desigualdade.

Quando faz essa relação entre estereótipo e preconceito, Sant’Ana (2005) considera que o conceito de discriminação como a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Nesse processo, aborda que esse é o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão), que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros.

Além disso, Parker (2012, p. 166) também define a discriminação como,

[...] uma espécie de resposta comportamental ao estigma e ao preconceito, definidos como atitudes negativas em relação ao valor de grupos sociais específicos, ou como uma forma efetivada de

estigma ou preconceito, [*e dessa forma, constituindo uma*] nítida distinção entre as ideias, atitudes ou ideologias, e suas consequências comportamentais em ações discriminatórias.

Dessa maneira, pensar na população negra, é perceber através dos comportamentos da sociedade esses mecanismos. Seja através de atribuições negativas e papéis sociais pré-definidos. Assim, a discriminação “é a perpetração, sobre os indivíduos de um determinado grupo social, de uma relação de poder que os exclui, atribuindo-lhes características de menor valor moral, enquanto os membros dos grupos dominantes são investidos de virtudes que faltam aos demais” (NORBERT; SCOTSON, 2000).

Na população brasileira, o grupo dominante da sociedade são os brancos, enquanto os negros ficam no grupo dos excluídos. A perpetuação dessa condição por gerações tem o aumento das desigualdades sociais e raciais como consequências.

Desse modo, Almeida (2018, p. 23) considera que:

A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social – o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material – é afetado.

Essa prática tem como finalidade legitimar o racismo, uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para os indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018). A partir desse entendimento, Almeida procura mostrar que, especificamente no Brasil, vemos diariamente notícias, reportagens, fotos e postagens sobre situações de racismo vivenciadas pela população negra, de diferentes modos e em diferentes espaços da sociedade.

O racismo, conforme Bento (1998, p. 1),

pode ser definido também como a teoria ou idéia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras.

Sendo assim, os indivíduos não nascem, geneticamente com ideias do racismo, com sentimentos preconceituosos ou modos discriminatórios, pois, essas são ideias, sentimentos e modos de ver e pensar o outro que se constrói nas relações sociais. Portanto, aprendidos através das relações sociais, nas escolas, igrejas, praças, no trabalho, nas redes sociais. Desse modo, o ciclo continua sendo perpetuado na sociedade.

O racismo pode ser associado a um legado remanescente do período escravocrata que,

politicamente e socialmente, agem sobre os afrodescendentes. Definido, assim, por Munanga (2004, p. 24), como “uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”.

Desse modo, o racismo é, por essência, um fenômeno social que interfere na interpretação das características morais, intelectuais e físicas de um grupo específico, identificado pelas características biológicas e culturais que os ligam ao contexto social.

Viver em espaços sociais imersos em um contexto que deprecia, cotidianamente, os traços, valores e representações associadas ao grupo, vítima do racismo, torna imensamente doloroso a constituição da identidade da pessoa negra. Esse é um processo que ocasiona a internalização de imagens pejorativas que se apresentam em diversos contextos, como por exemplo, no mercado de trabalho, em grupos sociais, instituições de ensino, e quaisquer outras instituições sociais, redes sociais, tanto em espaços públicos como nos espaços privados.

Devido às diversas manifestações do racismo vivenciadas nos espaços sociais, os afrodescendentes são obrigados a se adaptarem às normas sociais, que invisibilizam a cultura, a religião, a beleza e os traços físicos, em um processo de branqueamento. Essas experiências visam minimizar os sofrimentos vivenciados nas relações étnico-raciais e na busca por serem aceitos na sociedade.

Contudo, quando a pessoa negra se encontra imersa em uma sociedade racista, sempre é vitimada por um duplo sofrimento, como afirma Martins (2017), que o sofrimento provocado pelo racismo cotidiano e o racismo vinculado ao processo de negação e constituição da própria identidade, que está diretamente atrelado as suas características, cor da pele, tipo de cabelo, religião e cultura.

Para Martins (2017), é preciso entender esse processo de caracterização do negro, do branco, enfim, de cada grupo, de cada população e provocar reflexões sobre o modelo perverso que separa uns dos outros, como superiores e inferiores, bonitos e feios. E, a partir dessa concepção, reconhece que,

Mas é um tipo de beleza que não tem a ver com nossa cultura. A mistura de raças que há no Brasil resulta numa mulher curvilínea, por exemplo. Aquilo que chamamos de “morenidade” da brasileira desapareceu para dá espaços às figuras esguias, loiras e de seios grandes, enquanto a brasileira é mais baixa, tem seios pequenos. Isso é grave, pois temos um país com minorias negras muito grandes. Esse modelo perverso deixa a autoestima de muitas meninas e mulheres fragilizada, o que acaba sacrificando identidade física brasileira (MARTINS, 2017, p. 3).

Sobre essa questão, podemos observar que, ao analisar esse fenômeno em uma perspectiva macro, é possível entender que o racismo presente nas relações étnico-raciais no Brasil, é um fator determinante das desigualdades sociais e raciais. É um fenômeno que produz humilhação social, causa sofrimento psíquico dos negros, além de justificativas naturalizantes das injustiças sociais (MARTINS *et al.*, 2013).

Vale ressaltar que o preconceito “não deriva apenas de características psicológicas individuais, mas, sobretudo, das relações de poder entre grupos” (MARTINS *et al.*, 2013, p. 124). Por fim, todas essas questões nos reportam à constituição da identidade da pessoa negra, que foi construída através de um processo histórico e social, tendo sua imagem relacionada há algo ruim, que deveria ser submissa aos indivíduos de origem europeias, por causa de características raciais, como por exemplo, a cor da pele, religião, o tipo de cabelo, forma do nariz e cultura negra.

Desse modo, os brancos europeus foram classificando a população em negros e brancos e permitindo a perpetuação da inferioridade dos descendentes africanos. Ou seja, a questão da identidade é uma questão política, pois a:

identidade é considerada como uma referência em torno no qual o indivíduo se auto reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir das relações que ele estabelece consigo mesmo, com o outro e com o ambiente à sua volta (PINTO, 2013, p. 261).

Através do racismo, podemos perceber “os mecanismos de segregação, exclusão, infantilização e culpabilização que atuam produzindo anseios de solidão, inferioridade, incapacidade, dependência e culpa por ter seu contexto histórico baseando em uma raça” (SILVA, 2004, p. 131). A partir disso, os indivíduos interiorizam os conceitos éticos e morais que vão moldando e construindo a identidade.

Quando se aborda a temática de grupos e sociedade, é necessário estudar o conceito de representação, pois ele perpassa os constructos históricos e sociais definidos pela sociedade.

Para Stuart Hall (1997, p. 104), a representação é entendida como:

O processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra.

As representações dos grupos sociais cercam o meio social, produzindo sentidos e

consequências para determinados grupos e, é mais gritante, mas especificamente sobre a população negra do Brasil. As representações de inferioridade ganham maior visibilidade e passam a ser consideradas como realidade social absoluta, através dos anos de exclusão e segregação do negro na sociedade, tendo como consequência a desvalorização e a internalização da imagem pejorativa associada a tal população.

De acordo com Fernandes *et al.* (2006, p. 104),

Na sociedade brasileira, assim como em outras, as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de “normalidade” e “anormalidade”, estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristã.

Na verdade, a sociedade brasileira é marcada por valores cristãos, heterossexuais e europeus e, assim, quaisquer manifestações distintas destes fossem valoradas de maneira negativa. Não se distanciando dessa forma de formação social, a construção da identidade do indivíduo perpassa por meio das interações grupais, nas relações sociais construídas. Pois, as influências históricas e sociais têm a função de modelar o comportamento dos indivíduos e de sua identidade, com apoio de normas sociais.

O racismo passa pelo entendimento de que “essas relações não são imediatas, são mediadas porque os fenômenos psicológicos não existem por si só descolados do social, mas, de fato estão determinados pelas ações mediadas” (MOLON, 2003, p. 102). A manutenção do racismo não ocorre isolada do ambiente social, das vivências e experiências dos indivíduos nos contextos sociais de trocas e saberes, e passam a influenciar no seu desenvolvimento psicológico e social, no tipo de comportamento e atitudes.

A sociedade eurocêntrica criou padrões, normas e/ou leis e comportamentos que são aceitáveis na sociedade e que vêm garantindo, historicamente, a manutenção desse grupo social. Desta maneira, percebemos que o racismo envolve a população negra no Brasil, que é estigmatizada e excluída na sociedade, sendo mantida pelo preconceito e pela discriminação racial vivenciada pela pessoa negra, as deixando muitas vezes em constante conflito em relação a sua identidade.

Assim, segundo Pinto (2014, p. 264),

O negro ainda aparece como representante de uma coletividade marcada por atributos negativos. Generalizações atribuídas acerca de sua identidade culminam numa igualdade pela negatividade atribuída ao grupo negro e diferente em relação ao padrão normativo do branco.

No Brasil, a configuração do racismo ainda continua sendo perpetuada na realidade social, por meio da negação dos aspectos culturais, religiosos e estéticos. Para Fernandes *et al.* (2016), o racismo é, assim, uma forma de negação ou de mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças.

Na construção da sociedade brasileira, a trajetória da população negra no Brasil foi conduzida pela ótica dominante e de exploração-subordinação, de práticas simbólicas elaboradas, através dos séculos, de representações e experiências colonialistas marcadas por discursos autoritários, heteronormativos e racistas.

Desse modo, com suas tramas tentavam fazer com que a sociedade pudesse acreditar que o "embranquecendo" da população brasileira teria maior aceitação no meio social. Para que as pessoas fossem aceitas na sociedade deveriam negar sua religião e converter-se ao cristianismo, demonizar seus santos, negar suas culturas e ancestralidades. Além disso, até hoje, essas pessoas precisam parecer-se esteticamente com o modelo eurocêntrico, mostrando essa diferença e comportamentos nas roupas, no corte e na textura do cabelo.

Por conseguinte, todas essas questões culminavam-se no corpo do negro, que era visto como determinante para classificação de branco e negro. É claro que, o processo de objetificação e desumanização do corpo negro foi um dos instrumentos de opressão e manutenção da ordem da sociedade que, até os dias atuais, mantém ideias enraizadas e cristalizadas no período da escravidão, perpetuando, historicamente, a função dos pretos, pretas e "pretos".

Corroborando com esta afirmativa, Mizrahi (2015, p. 31) afirma que as,

apreciações relativas à raça e à cor, em especial, são pouco verbalizadas em determinados contextos sociais, podendo ser mais bem apreendidas por meio dos discursos estéticos. São elaboradas através da música, da beleza, das imagens e dos objetos, de modo que as estéticas do corpo e a cultura material envolvidas em processos de autoapresentação dos sujeitos.

Logo, o corpo é utilizado como expressão da identidade e as diferenças corporais são utilizadas para legitimar a hierarquização social. Sendo assim,

a identidade atribuída ao negro é uma construção social que embora não corresponda à realidade, produz efeitos sobre ela, ou seja, embora tenha um caráter fictício quando presente no imaginário coletivo orienta as relações entre negros e brancos na sociedade brasileira (FERNANDES *et al.*, 2016, p. 109).

É a partir de conflitos intergrupais, envolvendo discriminação, exclusão social,

exploração e opressão individual e coletiva, que a identidade de cada pessoa vai sendo construída de modo contínuo e permanentemente, as identidades são fluídas. Não podemos deixar de destacar que é nas relações sociais, que os padrões vão sendo interiorizados, os estereótipos classificados e os julgamentos se solidificando, perpetuando. Desse modo, as crenças enraizadas e cristalizadas na sociedade brasileira, relacionadas aos fenótipos (características físicas e cor da pele), que prevalecem e constituem elementos da identidade racial.

Visto isto, a socialização é fundamental para a construção da identidade, em virtude das referências sociais e históricas que existem através dos vínculos que são criados em grupo. Para a população negra, especificamente, a identidade é constituída de elementos histórico-sociais que influenciam a dinâmica da construção identitária, pois houve um processo de inferiorização, desumanização e objetificação da raça negra, por meio de dominação da raça branca.

O homem preto e a mulher preta no Brasil aprendem, desde cedo, através de mecanismos de reprodução ideológica, que as características estéticas, culturais e religiosas valorizadas positivamente, são as do branco.

Nesse processo, foi necessária a negação de sua raça, pela reprodução do ideal branco-europeu para poder ser socialmente aceito. Esse processo tem como resultado dessa relação de dominante e dominado, de subordinação-dominação e “a criança negra se apropria desses valores como sendo verdadeiros e não questiona as representações que lhe são atribuídas, reproduzindo assim esses valores negativos em seus relacionamentos, o que se torna um ciclo vicioso” (PINTO *et al.*, 2014, p. 262).

Partindo destes pressupostos, a construção da identidade do negro perpassa as construções histórico-sociais que influenciam e categorizam os indivíduos de acordo com os traços fisionômicos. Logo, os negros não são representados em histórias infantis, pois não apresentam o ideal normativo, e quando aparecem são vistos de maneira pejorativa. Dessa forma, a literatura infantil contribui para construção da identidade racial das crianças, por meio das representações sociais inseridas nas histórias infantis. O processo de construção da identidade do indivíduo é o resultado de um processo de construção social, onde nos enxergamos através do olhar do outro (OLIVEIRA, 2012).

Por conseguinte, isso traz sofrimentos psíquicos, visto que, identificar-se como negro, associa-se a um fenômeno do racismo. A aparência física está sempre relacionada a algo ruim e inferior que deve ser negado durante toda a vida.

Por isso, segundo Ferreira (2011, p. 376),

Muitas pessoas negras se sentem deslocadas, submetidas a condições sociais de inferioridade e desvalorizam suas características físicas e suas capacidades intelectuais. Tais sentimentos decorrem de situações vividas diariamente nas relações interpessoais.

Desse modo, diante de tantos anos ainda é perceptível o racismo, o preconceito, a discriminação nas redes sociais e como elas influenciam a construção da identidade das adolescentes pretas, principalmente em fase escolar. Pois, a adolescência é uma fase da vida caracterizada por um grande foco no desenvolvimento da identidade e na socialização (LIVINGSTONE, 2007). O que pode ser um fenômeno particular aos jovens da Geração Y, porém, é a forte mediação das relações sociais entre os jovens por meio da Internet e das mídias sociais.

Como apontam Rickman e Solomon (2007, p. 418), “o lugar onde os jovens se conectam – seu *touchspace* – mudou da lanchonete de antigamente para o *website* de hoje”. Nesse sentido, Hundley e Shyles (2010) sugerem que as mídias digitais oferecem funções sociais aos jovens, como a interação e a manutenção do contato com os amigos, enquanto Jung *et al.* (2005) apontam que os adolescentes que têm mais amigos usuários de Internet também passam mais tempo *on-line*. De fato, os amigos e colegas são algumas das principais fontes na aprendizagem de competências sobre como usar a Internet e outras tecnologias (TUFTE, 2010).

McMillan e Morrison (2006) argumentam que a experiência vivida em comunidades virtuais existe firmemente no mundo real e que a vida social *online* reflete os relacionamentos *off-line* de várias maneiras. Além disso, eles são meios pelos quais o adolescente é capaz de se relacionar com outros grupos sociais e buscar pessoas com as quais ele mais se identifique (BARKER, 2009; MORENO *et al.*, 2013).

Isso é importante porque, durante a adolescência, o pertencimento a um grupo não apenas oferece apoio, mas também tem um significado especial na construção da identidade. A esse respeito, a Internet e as mídias digitais também possuem atributos que encorajam as pessoas a fazerem experimentos de identidade (TOSUN e LAJUNEN, 2009; VALKENBURG *et al.*, 2005).

Desse modo, os marcadores sociais interferem e influenciam na construção da identidade das adolescentes. Pois, a construção ocorre através da interação com os pares e na verdade, o *Instagram* tem a função de socializar, estreitar laços e reproduzir preconceitos e

racismo. Como também, lembra o conceito de representação cultural de Hall (2016), que a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado. Sendo assim, é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado.

Embora, diversas lutas tenham sido “travadas” no Brasil, sempre faltou a sociedade brasileira o saber e reconhecer os prejuízos que a mestiçagem vem causando ao negro/negra brasileiro/a. Pois, foi inserida no imaginário social a “democracia racial”, sendo legitimada pela ausência de conflitos entre brancos e negros. Porém, devido aos diversos estudos sobre a temática, que se constatou que não é um mito.

A mestiçagem surgiu no final do século XIX, os pensadores brasileiros basearam-se nos pensamentos de cientistas ocidentais (europeus e americanos) da época.

Para Munanga (2019, p. 49),

como acontece na maioria dos países colonizados, a elite brasileira no fim do XIX, e início do século XX, foi buscar seus quadros de pensamento na ciência europeia ocidental, tida como desenvolvida, para poder não apenas teorizar e explicar a situação racial real do seu País, mas, também, e sobretudo, propor caminhos para construção de uma nacionalidade, tida como problemática por causa da diversidade racial.

O processo de criação de uma identidade nacional foi iniciado através de autores como Silvio Romero, Euclides Cunha, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Gilberto Freyre, entre outros. Esses autores tinham como ideia central o determinismo biológico criado pelo pensamento colonizador europeu de supremacia branca, cristã e heteronormativa. Sendo influenciados pelo determinismo biológico trazido pelos colonizadores acreditavam na inferioridade das raças não brancas e, principalmente, a negra.

Desse modo, foi legitimada a concepção da negatividade da presença negra para constituição nacional, criando assim uma nova categoria étnica: o mestiço. Que “no senso comum mestiço significa a mistura, mais especificamente entre brancos, índios e negros, mas há uma maior complexibilidade que envolve questões históricas, políticas e ideológicas, menosprezando as diferenças nestes âmbitos” (QUADRADO, 2013).

A identidade brasileira sobre a mestiçagem volta maior atenção aos negros, criando o/a denominado/a “Mulato/a”, ou seja, a origem de uma relação entre as categorias branca e negra. Esta nacionalidade “encarnada na figura do mulato; desqualifica qualquer reivindicação de autenticidade cultural afrodescendente” (PINHO, 2004, p. 85). É dessa forma que o negro foi inserido na sociedade brasileira, com estereótipos negativos, preconceitos e diversas formas de discriminação.

Para tentar minimizar essas questões na população, se “aceita hoje o candomblé, a capoeira, o cabelo crespo, as religiões de matriz africanas, o samba”. Essa inserção das raízes e identidades culturais negras na “identidade nacional é uma forma de poder exercido para controle em uma falsa integração” (QUADRADO, 2013). Um exemplo disso, é que através dessa estratégia de dominação, de posição de falsa inclusão que a classe dominante e racista busca integrar uma cultura de identidade de miscigenação à integração nacional.

É fato,

[...] a elite “pensante” do País tinha clara consciência de que o processo de miscigenação, ao anular a superioridade numérica do negro e ao alienar seus descendentes mestiços graças a ideologia de branqueamento, ia evitar os prováveis conflitos raciais conhecidos em outros países, de um lado, e, por outro, garantir o comando do País ao segmento branco[...] (MUNANGA, 2008, p. 75)

Podemos compreender, nessa perspectiva, como esse processo interfere na população negra. Pois, esse é um processo histórico e social construído no imaginário social de uma identidade nacional, na qual, o negro é ruim, de representações sobre sua imagem de pessoa feia, de ideias fortemente arraigadas a concepções de que seu cabelo é ruim, seus traços são feios e que sua pele determina ambientes aceitáveis.

Ao negro, seu estereotipo é sempre atrelado ao negativo (ladrão, sujo, feio) e, são diversas as formas de preconceito e de discriminação sofrida por essa população, que por inúmeras vezes, sofrem racismo, seja no supermercado, na padaria, na loja, na escola, dentre outros espaços sociais. Desse modo, a população negra sofre violências físicas, psicológicas e simbólicas, sem precedentes.

Para Souza (1983), ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção, a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. Desse modo, o negro por inúmeras vezes precisa negar-se a assim mesmo.

Para tentar diminuir o sofrimento sofrido com essas formas de silenciamentos, julgamentos, estereótipos, preconceitos, representações sobre ele, o negro é obrigado a sair do seu lugar, do seu lugar ocupado pelo coletivo para estar no lugar do outro. Esse é um posicionamento muito complexo e atinge as pessoas negras, mexe com o que há de mais íntimo, com os seus sentimentos, valores, modos de vida.

Desse modo, a violência racista do branco,

exerce-se, antes de mais, nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, é obrigado a

formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o Ego e seu Ideal criou-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico (SOUZA, 1983, p. 12).

Assim, na sociedade brasileira, vivemos um racismo direcionado às pessoas negras, mesmo que as teorias racistas tenham sido desmacaradas e rejeitadas e que longos processos de lutas e resistência dos movimentos negros tenham mostrado a sua força contra o racismo.

O racismo é muito complexo e ainda permanece latente em diferentes dimensões, seja no âmbito acadêmico, na vida social, cultural e política. Desse modo, esse racismo coloca as vítimas, negros e negros, em posição de submissão, enquanto os brancos, ficam protegidos dentro da branquitude, um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial.

A branquitude, na concepção de Frankenberg (2004, p. 312-313),

é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquitude têm camadas complexas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis.

Não há como negar que foi dentro do processo de colonização que se constituiu a branquitude, uma realidade perversa, que alimenta o racismo, os estereótipos, os preconceitos, a discriminação e a exclusão da população negra. A ideologia da branquitude está presente no sistema de construção racista, nos discursos e efeitos do mito da democracia racial.

Os europeus, brancos foram criando uma identidade comum no processo de colonização e, para isso, usou os africanos, negros, como principal contraste reforçando ambiguidades do racismo brasileiro e o pensamento de que vivemos em um paraíso, sem conflitos entre raças, etnia, classe social. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão, de discriminação racial.

Para uma melhor compreensão sobre o que é o racismo e os privilégios da branquitude, a ideologia da branquitude, do branqueamento nas relações sociais e raciais no Brasil, buscamos aprofundar conhecimentos sobre essas questões.

Para tanto, buscamos consultar a dissertação intitulada *Branquitude e seus privilégios: estudo descritivo com professoras autodeclaradas brancas na Escola Carolina Maria de Jesus, Maracás – BA*, de Cláudia Vieira, que considera a branquitude quando os sujeitos brancos aceitam a importância do conceito de raça, enquanto conceito político e interação de

igual para igual.

Enfim, o branco foi por toda história (auto) representado como o ser humano ideal, o que lhe conferiu ao longo de séculos uma situação de privilégio que é legitimada na sociedade até os dias atuais. Sendo assim, a branquitude é um movimento de reflexão a partir e para fora de nossa própria experiência enquanto brancos. É o questionamento consciente do preconceito e da discriminação que pode levar a uma ação política antiracista (PIZA, 2005, p. 7). Esse processo está trazendo reflexões e práticas antirracistas entendendo o seu lugar de privilégio na sociedade.

2.2 A influência da sociedade patriarcal na representação da identidade feminina e da mulher preta no Brasil

Quando falamos sobre a beleza eurocêntrica e a mulher na sociedade brasileira é fundamental para entender essa relação, buscar uma breve discussão sobre o processo de colonização para entender de que modo o colonialismo e o patriarcalismo agregam-se ao capitalismo, produzem mitos, ideologias e crenças sobre e como ele foi perverso no Brasil.

Esses elementos marcaram as relações raciais entre brancos, negros e não-brancos, entre o homem e a mulher, entre a classe superior e a inferior, dentre outras relações binárias configuradas através do emprego de diferentes mitos, crenças, ideologias racistas, machismo, misoginia e autoritarismos.

Não é novidade. O negro para se proteger foi obrigado a esconder sua religião, sua cultura, seus ensinamentos, dentre outras questões relacionadas a suas histórias de vida, cultura, experiências, o etnoconhecimento, para enquadrar-se no ideal europeu do homem branco, cristão, heterossexual patriarcal e autoritário.

Assim, as relações raciais na sociedade brasileira vêm ao longo dos séculos sendo discutidas por diferentes movimentos sociais, de mulheres, feministas, negros e não para por aí, hoje, por exemplo, “o objetivo do feminismo global é se estender e alcançar lutas globais para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão” (hooks, 2020, p. 80), além de outros movimentos que lutam e resistem nessa direção.

O patriarcado brasileiro é um sistema que atravessou os séculos e suas práticas ainda perduram até os dias atuais, pois, está enraizado no Estado brasileiro e coloca os homens em posição de poder.

Conforme afirma Saffioti (2015) e Fernandes (1975), o patriarcado surgiu antes do capitalismo e é um regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens e se encontra

em constante processo de metamorfose. É importante frisar que, no pensamento de Saffioti (2015), não há separação entre dominação patriarcal e exploração capitalista e, mesmo que a mulher tenha buscado a sua emancipação, e apesar dos progressos femininos, a base material do patriarcado não foi destruída.

Na relação entre gênero e patriarcado, Saffioti (2015) observou que o primeiro é entendido como muito mais vasto que o segundo, na medida em que as relações são hierarquizadas entre seres socialmente desiguais, enquanto o gênero compreende também as relações igualitárias.

“Desta forma, o patriarcado é um caso específico de relações de gênero” (SAFFIOTI, 2015, p. 126). Sendo que o patriarcado é um sistema que serve a interesses das classes dominantes.

Além disso, como lembra Saffioti (2015, p. 132-133),

Sexismo e racismo são irmãos gêmeos. Na gênese do escravismo constava um tratamento distinto dispensado a homens e mulheres. Eis porque o racismo, base do escravismo, independentemente das características físicas ou culturais do povo conquistado, nasceu no mesmo momento histórico em que nasceu o sexismo. Quando um povo conquistava outro, submetia-o a seus desejos e a suas necessidades. Os homens eram temidos, em virtude de representarem grande risco de revolta, já que dispõem, em média, de mais força física que as mulheres, sendo, ainda, treinados para enfrentar perigos. Assim, eram sumariamente eliminados, assassinados. As mulheres eram preservadas, pois serviam a três propósitos: constituía força de trabalho, importante fator de produção em sociedades sem tecnologia ou possuidoras de tecnologias rudimentares; eram reprodutoras desta força de trabalho, assegurando a continuidade da produção e da própria sociedade; prestavam (cediam) serviços sexuais aos homens do povo vitorioso. Aí estão as raízes do sexismo, ou seja, tão velho quanto o racismo.

Essa relação entre o patriarcado, o capitalismo, o racismo e o sexismo tem se configurado como uma preocupação quando se trata da questão da mulher na sociedade de classes, da relação de dominação-subordinação, e na posição social dos homens como categoria social em relação às mulheres.

Sobre isso, vale ressaltar que, como mostra Saffioti (2015), quando afirma que as raízes do sexismo é tão antiga quanto o racismo, que,

Esta constitui uma prova cabal de que o gênero não é tão somente social, dele participando também o corpo, quer como mão de obra, quer como objeto sexual, quer, ainda, como reprodutor de seres humanos, cujo destino, se fossem homens, seria participar ativamente da produção, e, quando mulheres, entrar com três funções na engrenagem descrita. (SAFFIOTI, 2015, p. 133).

Os grupos ditos como “minoritários”, indígenas, negros, foram mortos, massacrados,

castigados, em nome de uma verdade que era real apenas a um determinado grupo – o branco. Desse modo, para falar do papel da mulher na sociedade é preciso pensar na construção histórica da sociedade brasileira, de como aconteceram os encontros entre europeus, indígenas e negros africanos, aqui escravizados e de que modo esses acontecimentos são legitimados até os dias de hoje, através do patriarcado.

Saffioti (2001) destaca que homens e mulheres ocupam posições diferentes na sociedade e a identidade social da mulher está inteiramente ligada à identidade do homem. A sociedade delimita, com bastante ênfase, os locais onde cada um poderá atuar, como devem se comportar nos espaços sociais. Desde os tempos antigos, a mulher foi educada para o “lar” e o homem para “trabalhar”.

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz. (2001, p. 9).

Desse modo, podemos falar que a identidade social da mulher é construída socialmente, através da interação com os pares. E todos esses processos levam a naturalização do papel da mulher, como a mãe, a mulher do lar e em comparação ao papel do homem, responsável pelo lar e livre para fazer como quiser. Pois, essa relação dominante culmina na culpabilização dela.

Para Saffioti (2001), a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos.

Nesse contexto de julgamentos, ideologias e mitos, que produziram a inferioridade da mulher, o homem dominador usou a força física como elemento principal de dominação e subordinação. Dessa maneira, criou-se a ideia da mulher como sexo frágil, a pessoa responsável para cuidar dos filhos e da família. Esta forma de pensar sobre a mulher demonstra que a inferioridade feminina é social.

Esse é um caminho muito longo que vem sendo percorrida desde o século XV com a chegada dos portugueses ao Brasil e, mesmo no século XXI, a mulher ainda é considerada, em todas as dimensões (econômica, social, política, cultural, religiosa) um ser inferior em relação ao sexo masculino, classificada como o “segundo sexo” ou “sexo frágil” e colocado sempre como um ser dependente dos pais, irmãos, esposos, filhos.

Além disso, mesmo diante de todas as mudanças da sociedade, é perceptível quais os padrões devem ser seguidos e quais papéis devem seguir. As mulheres precisam ser mães perfeitas, ter o corpo perfeito, ter um cabelo padrão, ter um relacionamento “padrão”. Enfim, uma representação de um ser ideal. E quando falamos da mulher preta, existe um duplo sofrimento, lidar com todas essas questões e ainda ser considerado símbolo sexual. Ela serve para o sexo e a branca para o casamento.

Atrelado a isso, a condição feminina agrava ainda mais a questão racial, visto que ela carrega, em sua constituição histórica, a dupla opressão do silenciamento de seu corpo e de sua subjetividade: por ser negra e hierarquicamente inferior, como assim foi colocada através da escravidão africana subsidiada pelos europeus; e por ser mulher, condição que lhe colocava à maior submissão dos desejos de seu senhor.

E, assim, o assunto racial na diáspora africana no Brasil ainda é complexo, pois a ideia de que somos determinados biologicamente, que a cor da pele diz quem somos e, conseqüentemente, os direitos e as oportunidades a que temos acesso. Sendo assim, os efeitos de discursos da escravidão, da abolição, da chamada Ciência da Raça e do mito da democracia racial ainda podem ser vistos no Brasil, tais efeitos discursivos ainda constroem negras/os, em muitos contextos, como marginais, bandidos, não confiáveis, feios, incompetentes, incapazes para atividades intelectuais e as mulheres como feia, para o serviço doméstico e para o sexo.

Sendo esses papéis aceitáveis e o Poder do macho legitimado na sociedade. Além disso, todas essas questões perpassam a adolescência, visto que, através da interação social, eles constroem sua identidade.

Por isso, é muito importante procurar compreender as dinâmicas e os “nós” que se entrelaçam enovelando os marcadores sociais da diferença de raça, etnia, classe, buscando reflexões sobre relação entre as condições da mulher, as marcas do patriarcado e do processo de colonização europeia na sociedade brasileira. Essas questões influenciam na construção da identidade da adolescente preta, uma etapa que tem suas particularidades e sofre as conseqüências perversas das opressões, estereótipos de beleza eurocêntrica, dentre outras.

Carvalho, Salles e Guimarães (2003, p. 35) explicam que,

A adolescência não se define apenas como transição entre a infância e a fase adulta, mas, como uma das etapas de desenvolvimento. Suas transformações corporais são causadoras de grande impacto na formação da compreensão da autoimagem corporal do adolescente, e podem ser influenciadas por experiências anteriores, que o levaram a se compreender, como uma pessoa atrativa ou não, forte ou fraca, masculina ou feminina, e a aderir uma percepção de si mesmo em alguns casos contraditória a existente.

Devido a essa fase de transição e transformações provocadas por essa etapa de vida da adolescente preta, acerca de desenvolvimento físico, emocional, psicológico, relacional, que repercutem na sua autoimagem corporal, o adolescente influenciado por fatores externos e internos que entrelaçam padrões de beleza a categorias analíticas, raça, classe, etnia, gênero, sexo e sexualidade, representações sobre o corpo e beleza.

Por isso, é possível finalizar essa discussão aqui colocada, considerando que é muito importante tomar o pensamento de Bento (2014), Anzaldúa (2004), bell hooks (2020), como lição para compreender que a construção das identidades da mulher preta deverá ser compreendida com base nos marcadores sociais da diferença, seus agenciamentos e articulações, que nas reflexões de Saffioti (2015, p. 122), podemos defini-las como um “nó” de contradições racismo, gênero, classe social, etnia, que se entrelaçam “apresentando uma qualidade distinta das determinações que o integram”.

Anzaldúa (2004) destaca que a cultura oculta os horizontes e oprimem as pessoas, pois, foi construída pelos “detentores do poder”, pelos brancos europeus, patriarcas, heterossexuais e cristãos. A cultura é entendida aqui por meio de suas diferentes manifestações e instrumentos que têm produzido novas subjetividades e novas formas de ser, estar e entender o mundo, uma vez que os modos de ser não se concebem mais, com base em instituições específicas, a partir de dispositivos sutis, indiretos e plurais, dispersos no tecido social, pelos quais nos subjetivamos sem que nos apercebamos da sua atuação.

Segundo Hall (2016),

A Cultura, podemos dizer, está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós, mas carregam sentido e valores para nós, que precisam ser significativamente interpretadas por outros, ou que dependem do sentido para seu efetivo funcionamento. A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o “elemento humano” na vida social daquilo que é biologicamente direcionado (2016, p. 19).

Bento (2014) traz contribuições quando trata da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento e afirma que, no Brasil, o branqueamento “é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais” (2014, p. 25).

bell hooks (2004) nos recomenda que diante dos discursos opressores e da dominação hegemônica do pensamento, devemos insistir e necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar outras ideias e possibilidades. Ela considera sua crítica persistente e é

informada pela sua situação como membro de um grupo oprimido, de uma experiência de exploração e discriminação de gênero e a sensação de que a análise feminina dominante não tem sido a força que moldou sua consciência feminista e toma isso como verdade para todas as mulheres, sem distinção.

Dessa maneira, podemos pensar no papel da mulher preta nesse processo, pois, existe uma dualidade entre “mulheres”. O sofrimento da mulher branca no processo civilizatório é diferente das mulheres pretas e existem questões que atravessam os corpos pretos. Podemos destacar o feminismo como um movimento para mulheres brancas. As pretas continuavam servindo e esquecidas na sociedade.

Akotirene (2019) abordava que, enquanto as mulheres brancas tinham medo que seus filhos crescessem e fossem cooptados pelo patriarcado, as mulheres pretas temiam que seus filhos morressem vitimados pelas necropolíticas.² Assim, podemos pensar que a história da mulher preta é repleta de avenidas identitárias e encruzilhadas do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. Entendida aqui como uma interseccionalidade.³

Segundo a Akotirene (2019, p. 32),

A ausência de articulação entre raça, classe e gênero, tanto na teoria feminista quanto na produção afrocentrica, por certo criou inobservâncias interseccionais produtoras do alarmante cenário de violência contra as mulheres negras, pois, ainda na década de 1980, logo após surgirem as primeiras delegacias da mulher, as publicações feministas trabalhavam a mulher universal. O Estado, por sua vez, se alimentava destas concepções para formulação e avaliação de políticas públicas.

Assim, podemos pensar também em como todas essas construções atravessam as adolescentes pretas. Pois, existem modos de agir de acordo o patriarcado.

Lener (2019, p. 25) discorre que,

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. Trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que muitas e muitos de nós sequer nos damos conta.

O sistema patriarcal se fortalece com a cooperação das mulheres, porém, esses comportamentos funcionam por meio de doutrinação, privação da educação, da negação das

² Necropolíticas pela definição de Achille Mbembe pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.

³Interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico- metodológica a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado– produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos.

mulheres sobre sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégios de classe dada às mulheres que se conformam.

Assim, podemos falar que o processo de subordinação existe, pois, já faz parte do imaginário social a internalização da inferioridade da mulher.

E assim, a mulheres acabam acreditando que precisam de um homem protetor, que necessitam deles para terem afeto, casa e dignidade.

Lerner (2019, p. 26) lembra que,

Apesar de todas as conquistas feministas das últimas décadas, ainda vivemos no patriarcado. Como chamar por outro nome a realidade que mostra o relatório mais recente da ONU? Ele aponta que 137 mulheres são mortas por dia no mundo por um membro da família. Em 2017, de todas as mulheres assassinadas no planeta, 58% foram mortas por alguém da família. Além disso, 3 bilhões de mulheres vivem em países nos quais o estupro no casamento não é crime. Ao mesmo tempo, ainda se vende a ideia de que o ambiente doméstico é onde a mulher está protegida. E de que lutar contra essa proteção só pode ser coisa de feministas, essas mulheres malamadas que querem acabar com a família tradicional e com o sistema patriarcal, tão benéfico para as mulheres.

A partir disso, podemos pensar na construção histórica da mulher preta na sociedade, que se inicia de no período de escravidão, onde a história contada é sempre do homem escravizados, mas, as mulheres fizeram parte do processo civilizatório e tiveram seus corpos violentados.

Assim, relacionado ao feminismo, podemos compreender o conceito de interseccionalidade, onde:

as mulheres negras sucumbem aos ativismos comunitários voltados menos para si, enovelados pelo padrão moderno no qual suas identidades são revertidas às de mães solteiras, chefas de família desestruturadas, “mulheres da paz” efetivas no resgate de jovens criminosos. Através desta articulação de raça, gênero, classe e território, em que os fracassos das políticas públicas são revertidos em fracassos individuais, ausências paternas na trajetória dos adolescentes e jovens são inevitavelmente sentenças raciais de mortes deflagradas pela suposta guerra às drogas (AKOTIRENE, 2019, p. 36).

Logo, pensar na mulher negra durante esse processo de colonização é perceber que as vivências experienciadas por mulheres pretas diferem totalmente das mulheres brancas.

Para Akotirene (2019, p. 36), o padrão colonial ora elege as mulheres negras como dirigentes do tráfico de drogas, ora homicidas de companheiros violentos, quando não, pactuam com as coações impostas por filhos e maridos encarcerados para que transportem drogas até o sistema prisional, numa faceta hedionda punitivista das mulheres negras.

É importante destacar que a interseccionalidade nos faz perceber como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. Sendo assim, as avenidas identitárias são entendidas como situações que perpassam o cotidiano da mulher preta.

O pensamento interseccional de Kimberlé Crenshaw (2020) explica esta colisão entre avenidas identitárias são promotoras de barreiras raciais e sexistas para mulheres negras. Nesse sentido, podemos correlacionar todas essas questões com o período escravocrata no Brasil, onde as mulheres negras eram escravizadas também, porém, as situações vivenciadas eram diferentes do homem negro.

Dessa maneira, Lerner (2019, p. 147) lembra que,

a escravidão é a primeira forma institucionalizada de dominância hierárquica na história humana; relaciona-se ao estabelecimento de uma economia de mercado, de hierarquias e do Estado. Por mais opressiva e brutal que, sem dúvida nenhuma, tenha sido para suas vítimas, a escravidão representou um avanço essencial no processo de organização econômica, avanço no qual se baseou o desenvolvimento da antiga civilização.

É importante destacar que antes mesmo da escravidão, o homem já mantinha a mulher como submissa. A opressão da mulher precede a escravidão. Elas eram comercializadas para casamento e homens tinham certos direitos sobre as mulheres que estas não tinham sobre eles. A sexualidade e o potencial reprodutivo das mulheres se tornaram mercadorias a ser comercializadas ou adquiridas para servir a famílias; então, as mulheres eram consideradas um grupo com menos autonomia do que os homens.

Em todas as sociedades escravocratas, casais de escravos podiam ser e eram separados à força, e as “esposas” consensuais dos escravos eram obrigadas a ceder aos apelos sexuais de seus senhores. É nótório que o papel da mulher negra sempre foi atrelado ao sofrimento e a submissão, tanto do homem branco-negro, tanto da mulher branca.

Schwarcz (2019, p. 23) aborda que as mulheres eram,

Submetidas à força à alcova do senhor escravista, elas experimentavam, no corpo, a violência do sistema. Davam de mamar aos pequenos senhores e senhoras, sendo muitas vezes obrigadas a abandonar seus próprios filhos na “roda dos expostos” ou “dos enjeitados” — um mecanismo empregado para abrir mão (“expor” ou “enjeitar” na linguagem da época) de recém-nascidos que ficavam aos cuidados de instituições de caridade; sujeitavam-se a regimes árduos de trabalho, acumulando funções domésticas. Data também desse período a perversa representação da “mulata” como uma mulher mais “propensa” à sexualidade e à lascívia. Esses são estereótipos, construções históricas e sociais, que nada devem aos dados da realidade. Carregam, porém, a faculdade de

construir realidades e criar grande prejuízo. Isso sem contar que já se delineava nesses primórdios brasileiros uma “cultura do estupro”, como veremos mais à frente, ainda hoje enraizada no país. Com a desproporção sexual entre africanos embarcados, a entrada muito maior de colonos homens, bem como a manutenção de hierarquias de mando, a prática implicou o estabelecimento de relações igualmente hierárquicas, e raramente consentidas.

A escravização sexual das mulheres foi uma forma de elaborar e desenvolver as instituições patriarcais, como o casamento patriarcal e a ideologia de “honra” feminina na castidade e, assim, as mulheres pretas foram excluídas e vistas como objetos sexuais.

Lerner (2019, p. 153), corroborando com essa afirmativa, compreende que,

A invenção cultural da escravidão baseia-se tanto na elaboração de símbolos de subordinação das mulheres quanto na conquista real de mulheres. Subjugando mulheres do próprio grupo, e depois mulheres prisioneiras, os homens aprenderam o poder simbólico do controle sexual sobre os homens e elaboraram a linguagem simbólica na qual expressar dominância e criar uma classe de pessoas escravizadas do âmbito psicológico.

Desse modo, podemos perceber que todas as questões trazidas, nesta dissertação atravessam os corpos femininos e coloca, muitas vezes, o seu papel na sociedade “em cheque”, apenas por ser mulher. Essa questão tem como consequência o duplo sofrimento da mulher preta e, conseqüentemente, interferindo na construção da identidade da adolescente preta. Pois, essa visão é cultural e enraizada na sociedade.

2.2.1 A representação e constituição da identidade da mulher preta no Brasil: Uma associação entre racismo, preconceitos e estereótipos

O racismo e suas características, associadas aos preconceitos e estereótipos tem se constituído como um problema e preocupação de pesquisadores, professores, pais de adolescentes. Estes marcadores transversalizam a constituição da identidade da pessoa preta, tendo em vista que toda identidade se desenvolve em paralelo com as representações que, usualmente, desvalorizam os indivíduos nas esferas culturais, religiosas e sociais.

É fato. O racismo se sustenta em teorias (branquitude, racismo científico, supremacia branca) que inferiorizam o negro em relação ao branco e descaracterizam tudo que vai de encontro aos valores culturais e sociais europeus, cultivados pelos colonizadores.

Assim, a religião, cor da pele e cultura africana foram irreparavelmente associados aos valores pejorativos. Fala-se, assim, da supremacia branca e, deste modo, sobre a cultura de determinada raça que impõe comportamentos e padrões normativos, corroborando com esta afirmativa.

Nesse sentido, podemos observar que,

As formas de cultura numa sociedade legitimam comportamentos, padrões, que fazem com que o grupo social se reinvente. E assim foi todo o “legado” histórico e social que a exploração exercida pelo homem branco sobre o homem negro deixou, a escravidão, e assim os seus produtos tais como: racismo, discriminação, falsa democracia racial, desigualdade, preconceito, etc. (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 12).

A representação da identidade negra está diretamente ligada à identidade branca. Ao negro, o modelo que foi imbutido na sociedade brasileira, um modelo de existência psíquica concreta, histórica e normativo-estruturante.

Para Souza (1983), o modelo de identificação normativo-estruturante com o qual ele se defronta é o de um fetiche: o fetiche do branco, da brancura. Sendo assim, para a pessoa negra, os indivíduos brancos é seu ideal de comportamento e de beleza.

Para o sujeito negro oprimido, os indivíduos brancos, diversos em suas efetivas realidades psíquicas, econômicas, sociais e culturais, ganham uma feição ímpar, uniforme e universal: a brancura. A brancura detém o olhar do negro antes que ele penetre a falha do branco. A brancura é abstraída, reificada, alçada à condição de realidade autônoma, independente de quem a porta enquanto atributo étnico ou, mais precisamente, racial. A brancura é o fetiche simétrico inverso do que a autora designou por mito negro. Funciona como um pré-dado, como uma essência que antecede a existência e as manifestações históricas dos indivíduos reais, que são apenas seus arautos e atualizadores (COSTA, 1983, p. 27-28).

Assim, os efeitos dessa alienação são diversos. O negro sabe que os colonizadores brancos criaram a inquisição, o colonialismo, o imperialismo, a escravidão, as guerras, a mestiçagem. Porém, a brancura transcende o branco.

Como explica Souza (1983, p. 5), “branco é, foi e continua sendo a manifestação do Espírito, da Ideia, da Razão”. O branco, a brancura, são os únicos artífices e legítimos herdeiros do progresso e desenvolvimento do homem. Eles são a cultura, a civilização, em uma palavra, a “humanidade”.

Desse modo, todo ideal identificatório do negro tenta transformar-se no ideal do branco, onde seu corpo e identidade serão anulados em forma de procedimentos estéticos, nas mudanças no cabelo, na negação de religião e de sua cultura. Assim, o sujeito negro ao repudiar sua cor, repudia radicalmente o corpo, lembra a autora (1983). Nesse processo, o negro, “no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido” (SOUZA, 1983, p. 5).

Dessa maneira, o corpo é entendido como característica da identidade, ele é um ato político e identitário. É desafiador perder de vista o que nos diferencia.

O corpo ou a imagem corporal eroticamente investida é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo. A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo lhe obriga a sentir e a pensar (SOUZA, 1983, p. 15).

Devido a uma estrutura racista, os sujeitos negros constituem suas subjetividades alicerçadas no racismo. Segundo Santos (1994), a identidade é plural e existem hierarquias entre as diferenças que estas identidades possuem. Esta hierarquização (branco superior e negro inferior) leva ao questionamento em relação a sua identidade. Assim, o autor afirma que a identidade é semi-fictícia e semi-necessária.

Para Stuart Hall (2005), a identidade passa pelo conceito de “crise de identidade”. Ou seja, as identidades que por longos tempos se apresentavam de determinada forma, estão sofrendo mudanças devido às modificações nas estruturas sociais.

Nesta dissertação, entendemos que uma sociedade racista direciona a estética de pessoas negras, o processo de construção da subjetividade da mulher negra e a sua identidade sofre influências negativas.

Desse modo, os efeitos do racismo nas identidades “é tão perverso e danoso que, mesmo sujeitos que não se reconhecem enquanto pessoas negras sofrem as consequências de estarem à margem de uma cultura hegemônica, uma vez que o sistema estrutural os lê como o desvio da norma padrão” (FREITAS, 2018, p. 8).

Podemos assim, entender o processo de discriminação do seu corpo, pois, o branco não deseja seu corpo, então o pensamento trabalha para fazê-lo desaparecer enquanto representação mental.

Souza (1983, p. 17) considera que,

O racismo que, através da estigmatização da cor, amputa a dimensão do prazer do corpo negro, também perverte o pensamento do sujeito, privando-o da possibilidade de pensar o prazer, e do prazer de funcionar em liberdade. O pensamento do negro é um pensamento sitiado, acuado e acossado pela dor de pressão racista. Como consequência, a dinâmica da organização mental é subvertida. Um dos princípios régios do funcionamento psíquico, o princípio do prazer, perde a hegemonia de que goza na organização dos processos mentais. A economia psíquica passa a gravitar em torno da dor, deslocando o prazer do centro do pensamento.

Pensar sobre a identidade negra é ligá-lo sempre em sofrimento para o indivíduo negro

e não branco. Pois, existe um pensamento de censura à sua liberdade de expressão e, sucumbe ao ideal normativo - o branco, lembra Bento (2002) e Souza (1983). Nesse sentido, Bento (2002) nos alerta que, na realidade, existindo uma “ferida” do corpo, esta ferida pode se transformar em “ferida” do pensamento.

Assim podemos relacionar essas questões do embranquecimento salientadas pela autora como uma tensão que existe um desejo de “europeização” da elite branca, aspirando aproximar-se do europeu ou do norte-americano.

Sendo que, nisso reside conflitos, preconceitos, e consiste em uma busca por embranquecimento, ao incorporar raça, aspectos de poder e de conhecimento nos quais o branqueamento é hegemônico. Isso revela que não apenas as pessoas negras sentem-se desconfortáveis com a sua condição racial. Desse modo, a desvalorização da identidade negra e da identidade nacional seguem ainda as referências centradas na Europa e nos Estados Unidos.

Sendo assim, é necessário falar sobre essa representação e constiuição da identidade para o corpo feminino negro para compreender a construção de identidade de adolescentes pretas nas redes sociais, aqui, especificamente, no *Instagram*.

Nas sociedades atuais, os corpos desejados como modelos magros, depilados, com procedimentos estéticos, sem marcas, com um corpo sarado, então, o “envelhecimento, a gordura [e a negritude] podem ser considerados os maiores inimigos na busca pelo corpo belo” (CARNEIRO; FERREIRA, 2014).

É necessário ressaltar que para a mulher, as regras são mais explícitas do que para os homens e, além de ser marcado pela cultura, o corpo é também “modelado de acordo com procedimentos voluntários ou de autoprodução, constituindo a corporificação da subjetividade” (CARNEIRO; FERREIRA, 2014).

A mulher precisa seguir o padrão para ser aceita na sociedade, precisa estar sempre arrumada, com o corpo perfeito, sem manchas, sem flacidez. Aos corpos femininos foram atribuídos a estética da magreza, cabelos longos e lisos, peles claras etc. (MATARAZZO, 1998) E todas essas questões começam a ser inseridas na infância das meninas, como por exemplo: meninos podem ficar de cueca. Já as meninas arrumadas. Ou propagandas de cosméticos infantis com crianças brancas, cabelos lisos. Sendo assim, a construção da identidade da pessoa depende de seu corpo.

Desse modo,

O pensamento entrega-se a uma verdadeira garimpagem, tentando colher na “ganga” do corpo negro, o “ouro puro” dos traços

brancos. Os supostos predicados brancos são catados à lupa. Seleccionados, catalogados e armazenados de tal sorte que o corpo e a identidade do sujeito são divididos em uma parte branca e outra negra. A primeira age desta forma, como um antídoto contra a total identificação do sujeito com a condição de negro (SOUZA, 1983, p. 21).

O resultado dessa construção da identidade negra mostra que existe um apêndice do desejo e da palavra do branco que dita o que é belo na sociedade e que, por isso, precisa ser assim, com sujeitos que representam a pessoa branca. O conceito do termo branco é mutável e vai de acordo com a sociedade em que está inserido, tendo influência direta na estrutura social informando qual o padrão estético deverá ser seguido.

As mulheres negras compõem um dos grupos que tem sua estética estigmatizada. São diversas as associações de seus cabelos crespos a termos depreciativos, como “cabelo duro”, “cabelo ruim”, “cabelo de fuá”, “cabelo de bicho” etc. Desse modo, elas são mais penalizadas com a imposição de determinada beleza que na experiência da sociedade brasileira, as excluem por não apresentarem o corpo do “padrão”.

Gomes (2015, p. 8) destaca que :

O corpo humano e seu fenótipo forneceram os dados a partir dos quais foram formuladas teorias que escalonaram os seres humanos. Delegaram às chamadas raças brancas o lugar de paradigma de beleza, o ápice da pirâmide estética e relegou às raças não brancas, especialmente a negra, a base da sua hierarquização — podem-se citar outras esferas da hierarquização como as das qualidades morais e intelectuais. Neste sentido, percebemos que características físicas é lastro, substrato material de qualquer processo de construção identitária, especialmente num jogo imbricado onde raça, cor e estigmas misturam-se e colocam os negros em severas desvantagens representacionais.

Sendo assim, o corpo da mulher preta é um ato político, pois “fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo. Estamos diante de uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo em que é natural, o corpo é também simbólico” (GOMES, 2022). Pois, os elementos da branquidade foram incorporados na sociedade.

Carneiro e Ferreira (2014) trazem considerações importantes sobre essa questão do corpo como objeto de consumo, desejo, estética, beleza e afirmam que,

o corpo [...] é aquele que se torna objeto de consumo, segue como locus privilegiado da construção da identidade feminina, sendo a imagem da mulher e do que é considerado feminino associada à beleza [branca e jovem], e isso revela o emaranhado de discursos, com destaque para os discursos sexista, racista e capitalista. É possível perceber a diminuição da tolerância para os desvios nos padrões estéticos socialmente postos, evidenciado com a veiculação de imagens de mulheres em programas, novelas e

revistas femininas e masculinas, expressão do corpo-beleza, do corpo “perfeito” – marcado por questões de raça/etnia, geração, classe, entre outras categorias (2014, p. 14-27).

As diferenças em relação aos padrões estéticos socialmente aceitáveis são evidenciadas pelas propagandas das mulheres em programas, novelas, *post* no *Instagram*, que mostram a expressão do corpo-beleza, do corpo perfeito. O culto à beleza, cujos padrões seguem sendo eurocêntricos, define o modelo a ser perseguido, ao negar aspectos como a gordura, o envelhecimento, diversidades étnicas, raciais, entre outros.

Desse modo, a associação histórica entre mulher e beleza aponta para um mecanismo de regulação social e, possivelmente, o aumento crescente de adoecimentos e intervenções cirúrgicas provavelmente indicam as repercussões disso (NASCIMENTO, 2012). A mulher negra faz o exercício de negação da identidade para se livrar do pensamento e da realidade que a sociedade impõe como norma, negando a cor, o corpo e traços da população negra. Assim, apenas aceita sua cor como algo pejorativo e pensa em eliminar sua representação, escondendo sua identidade negra. O racismo tem os fenótipos como fundamento, definindo as pessoas, de acordo com as características físicas do sujeito, isto é, cabelo, traços faciais, formas corporais e cor da pele.

A identidade brasileira, ainda elitista, não reconhece que os estereótipos atribuídos a população negra e resistem em reconhecer a importância do negro para sociedade. Ignorando assim todos os símbolos de sua cultura que foram incorporados à cultura brasileira.

2.3 Breve reflexão sobre as redes sociais e a adolescência: Instabilidades, conflitos, crises e turbulências

A adolescência na sociedade Ocidental é um período de mudança na vida dos adolescentes, compreendida como a fase da vida entre 11 e 19/20 anos, um período de passagem entre a infância e a idade adulta, caracterizado por instabilidades, turbulências, conflitos, crises, comportamentos, características manifestadas pela perda da infância e a passagem ao mundo adulto.

Para Papalia e Feldman (2013, p. 386), essa fase da vida é considerada como “a transição no desenvolvimento entre a infância e a vida adulta que impõe grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais”.

Sem dúvida, a adolescência é uma construção social. Sendo assim, esse é período da vida que depende da cultura e dos costumes de cada lugar. Papalia e Feldman (2013, p. 386),

explicam que:

Esse conceito não existia nas sociedades pré-industriais; as crianças eram consideradas adultas quando amadureciam fisicamente ou iniciavam um aprendizado profissional. Foi apenas no século XX que a adolescência foi definida como um estágio de vida separado no mundo ocidental. Hoje, a adolescência tornou-se um fenômeno global, embora ela possa assumir formas diferentes em culturas diferentes. Na maior parte do mundo, a entrada na vida adulta leva mais tempo e é menos definida do que no passado. A puberdade começa mais cedo do que antes; e o início da vida profissional ocorre mais tarde, frequentemente requerendo períodos mais longos de educação ou treinamento profissional para que o indivíduo possa assumir as responsabilidades da vida adulta.

Mas também, é um período caracterizado pelos estudiosos do desenvolvimento humanos e da criança como a passagem do pensamento concreto para o abstrato, um momento em que o adolescente realiza operações no plano das ideias, sem buscar referências ou manipulação concretas. Contudo, o adolescente é capaz de reflexões espontâneas, dependem de oportunidades sociais, do acesso a novas experiências, de lidar com conceitos, concepções de justiça, liberdade, afetividade, dentre outros.

Na maioria das sociedades modernas, como destacam Papalia, Olds e Feldman (2009, p. 386), “a passagem da infância para a vida adulta é marcada não por um único evento, mas por um longo período conhecido como adolescência”. Portanto, esta fase da vida humana é compreendida como “uma transição no desenvolvimento que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos” (p. 389).

Para Becker (1987), a adolescência na sociedade contemporânea é algo complexo, pois tem se tornado um período muito mais longo, e há diferenças entre as transições para cada indivíduo, alguns conseguem passar da infância à idade adulta vivendo menos ou sem crises, conflitos, vivendo apenas experiências que podem ou não adquirir valores, comportamentos, atitudes e chegam à fase adulta sem problemas ou alterações.

Becker reconhece que, do ponto de vista do mundo adulto, esse período é entendido como um sistema ideológico dominante, no qual,

o adolescente é um ser em desenvolvimento e conflito. Atravessa uma crise que se origina basicamente em mudanças corporais, outros fatores pessoais e conflitos pessoais. E finalmente é considerado “maduro” ou “adulto” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, ou seja, quando ele se torna mais uma “engrenagem” da máquina (BECKER, 1987, p. 9).

Desse modo, a adolescência é uma construção social e vista na sociedade de maneira diferente, de acordo com a cultura, e a questão é que além de ter que lidar com os problemas

inerentes ao seu corpo e as contestações sobre a realidade, a adolescente precisa ainda enfrentar as mudanças que ocorrem na sociedade em constante movimento político, social, cultural, econômico, que muitas vezes não lhe dar orientações, apoio.

Por isso, o conceito do termo, como explica Papalia, Olds e Feldman (2009) e Ariès (1986), não existia nas sociedades pré-industriais. Nesse período pré-capitalista europeu, as crianças eram consideradas adultas quando amadureciam fisicamente ou iniciavam um aprendizado profissional.

Em pleno século XX, essa concepção mudou e a adolescência foi definida como um estágio de vida separado no mundo ocidental e, hoje, tornou-se um fenômeno global, embora ela possa assumir formas diferentes em culturas diferentes. Por isso, é uma fase da vida humana caracterizada como um período de mudança da infância para o estado adulto e essa duração varia conforme a sociedade.

O problema é que, como lembra Becker (1987, p. 12),

Enquanto lida com seus conflitos interiores e mudanças corporais o adolescente se encontra em uma sociedade contraditória e cuja complexidade gera muita confusão na sua cabeça. Ele se defronta hoje com uma cultura em intensa mutação, valores velhos e decadentes se contrapondo a novas ideias e conceitos, sem que haja sequer tempo para sua assimilação.

Essa fase da vida seria melhor explicada, na visão de Becker (1987), se entendida como a passagem que acarreta a mudança de atitude do indivíduo de simples espectador para uma postura mais ativa e questionadora. Compreendida, portanto, como um período de revisão, de autocrítica e de transformação e de fundamental importância para o desenvolvimento da personalidade do adolescente.

A concepção de Coleman (1979) é muito importante, pois concebe a adolescência como um processo durante o qual o indivíduo amadurece e, em busca de sua individuação, vai constituindo sua identidade e, para tanto, deve-se considerar o contexto social real onde vive o adolescente e sua família. Sendo a adolescência uma etapa de transição para a idade adulta, os adolescentes precisam de fontes de referências diversas e diferentes das oferecidas pelos pais e outros adultos de suas trocas de saberes e convivências para organizar suas novas experiências.

Isto porque, é entre os iguais que eles encontram espaços de novas trocas, novos conhecimentos, espaços para expressar emoções, sentimentos, ansiedades, dúvidas, prazeres, conflitos.

Coleman (1979) lembra que é entre os iguais, entre os pares, que os adolescentes

aprendem formas de condutas adequadas a sua idade, seu gênero e condição social.

Becker (1987, p. 43-44) lembra que,

Apesar de o conceito de adolescência (do latim, *ad*, para + *olescere*, crescer: crescer para) como ele é hoje conhecido ter surgido em torno do início deste século, a questão do jovem como ‘problema’ existe há muito tempo e acompanha toda a evolução da civilização ocidental. Podemos encontrar em escritos de quatro mil anos atrás referências a que ‘os filhos de hoje já não respeitam mais os pais como antigamente’.

Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 294) explicam que a adolescência ou juventude é uma fase “caracterizada pela aquisição de conhecimentos necessários para o ingresso do jovem no mundo do trabalho e de conhecimentos e valores para que ele constitua sua própria família”. É uma fase da vida que é representada socialmente em sua própria construção simbólica e pela busca de espaços sociais e de construção de identidades.

A construção de identidades dos adolescentes se dá em espaços de significações, portanto, em espaços de cultura, de sentidos, de trocas de conhecimentos.

Na percepção de Castells (2011), a cultura é mediada e determinada pela comunicação, às próprias culturas são modificadas de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico. Com o avanço das tecnologias, a comunicação multimídia é capaz de moldar os comportamentos, desejos e necessidades da sociedade. Podendo assim, relacionar o *Instagram* como uma virtualidade real: a própria realidade é inteiramente captada e imersa em uma composição de imagens digitais em um mundo virtual, no qual as aparências na tela se tornam a experiência em si.

Bock e Liebesny (2003) lembram que as identidades jovens são construídas e o processo de adoção de valores sociais é desenvolvido em processos sociais, tanto em relação a si mesmo como sobre a realidade e, assim, concordamos com Erickson de que a formação da identidade do adolescente tem influência na sua autoestima e, no modo que ele concebe e julga os outros, enquanto ele próprio está também sendo julgado, questionado.

A escola não deve ignorar as diferenças, pois quando isso acontece é o mesmo que trabalhar para aprofundá-las. É preciso valorizar e respeitar as diferenças e a diversidade, pois cada aluno possui duas especificidades, suas individualidades e todos têm competência e capacidade de desenvolvimento humano e social.

Para os autores (2003), nessa fase da vida, é “a flexibilidade do critério, que nos pode levar a categorizar alguém com vinte e cinco anos como adolescente e alguém com quinze como adultos”. Há outros autores que categorizam essa fase entre os 10 e 16 anos, mas todos

falam da insegurança, do medo, dos conflitos, das mudanças provocadas por essa fase da vida humana, considerando-a como muito importante à formação de conceitos, valores, personalidade, atitudes, comportamento. Enfim, é o período considerado fundamental ao desenvolvimento humano e social da pessoa, do indivíduo e do sujeito – o ser humano.

A construção da identidade é definida por Erikson (1987) como um processo social e ocorre durante toda a vida ou em grande parte da vida dos indivíduos e considera que a principal tarefa do adolescente é a aquisição de uma identidade. Sendo que, durante todos os processos de interação com outros indivíduos e grupos sociais e com o meio e cultura em que está inserido, todo ser humano constrói não apenas suas identidades, mas também, a sua inteligência, medos, inseguranças, emoções, personalidade, sentimentos, dentre outros. Por isso, ele precisa se distanciar dos seus pais, para construir sua individualidade. É nesse momento que o adolescente entra em contato com os seus defeitos, erros e fraquezas e tem dificuldade em aceitá-los e em se submeter à sua autoridade.

Sobre essa questão, Coleman (1979) adverte que, este é um momento complexo, pois é o período que o adolescente passa a agredir e a desvalorizar os progenitores e procura um comportamento para conquistar sua individuação. Sendo assim, a adolescência é um momento de grandes oportunidades, de desenvolvimento de processos de socialização e de construção da identidade. Além disso, oferece oportunidades para o crescimento não só em termos de dimensões físicas, mas também, de competência cognitiva e social, autonomia, autoestima e intimidade (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009).

Na sociedade atual, o encontro de ideias, o aumento considerável do uso da internet, o impacto das redes compartilhadas, as exigências de mudanças conceituais no que se refere a gênero, raça, etnia, dentre outros marcadores sociais da diferença, exige mudanças significativas no posicionamento e modo de ensinar e aprender a condição humana, a cidadania, estabelecer parcerias, para saber ouvir, escutar, olhar o que emerge das diversas manifestações das expressões dos adolescentes que estão convivendo em seus espaços.

O problema é que a sociedade continua resistente às mudanças e, portanto, se torna um momento desafiador para a escola que precisa encontrar saídas com responsabilidade e competência para tratar das mudanças encontradas no século XXI, principalmente as exigências de decolonização do pensamento, do ser e do poder, da necessidade de contribuir com o enriquecimento do conhecimento, de construção de postura sábia da humildade, afetividade, ternura.

A identidade não nasce pronta, acabada, linear. Ela é construída de modo contínuo,

seguindo passo a passo, transformando-se em um projeto individual, mas também, coletivo, da sociedade, do grupo, da realidade vivida e inevitável.

Sobre isso, Guioti (2002, p. 50), diz que a identidade pode ser classificada como individual ou coletiva real ou virtual. E por que não todas ao mesmo tempo convivendo, colaborando, competindo, se consumindo ou se multiplicando?"Eis a questão"... Discutindo a interdisciplinaridade, o autor mostra que a identidade pode nascer ou se fortalecer de outras categorias, como a parceria, a espera, a coerência, a humildade, o respeito, o olhar, a ação etc. Por isso, ter ou criar identidade na sua visão, pode ser entendido como: "é ser você e muitos outros ao mesmo tempo, é estar presente e ausente, próximo e distante..." (p. 51). Por isso, é uma construção complexa, mas necessária.

Voltando à questão da identidade da mulher preta, podemos considerar que, com a criação de novas tecnologias, objetivo de combater/acabar com o racismo, o sexismo, a exploração sexista e a opressão, dominação-exploração da mulher e destacando-sede redes sociais, é possível notar que a identidade da mulher preta é também criada ao redor de ideias e objetivos comuns, mesmo que os indivíduos nunca de encontrem pessoalmente. A questão é que as mulheres pretas são as quem mais sofrem com as mazelas, preconceitos e discriminação da sociedade patriarcal, misógina, autoritária e heterossexual.

É importante destacar o que diz Romanelli (2002) sobre a construção da identidade do adolescente, pois, é em meio à vivência de fortes conflitos, que ele procura sua independência e autonomia, além de buscar modelos de identificação. Em cada fase da história das sociedades vive-se realidades diferentes, dependendo do sistema político, econômico, cultural e social que marcam as sociedades em épocas diversas. A verdade é que, a adolescência é uma fase da vida de desafios e de busca de conhecimentos novos sobre o "mundo" ao seu redor, do cotidiano vivido e, além dele. É a partir desse período que surge a idealização pela vida dos artistas, cantores, ou grupo de pares de pessoas a serem seguidas e estes são modelos de conduta interiorizados.

Por isso, Romanelli (2002) diz que é necessário avaliar, então, como os adolescentes incorporam e reelaboram, na sua vivência cotidiana, representações acerca do que consideram modelos adequados de conduta. Daí a importância de compreender a cultura de um povo, porque é através dela que ele "expõe a suas normalidades sem reduzir sua particularidade" (GEERTZ, 1989, p. 24).

Para tratar das teias de cultura e visões de mundo guiadas por ela, o autor define representações como uma categoria entendida como sistemas simbólicos de ideias e valores

que orientam e dão sentido a diferentes formas de sociabilidade (GEERTZ, 1989). As formas da sociedade são consideradas por ele como substâncias da cultura, por isso, denota-se a importância do papel da cultura na vida humana e na construção da vida coletiva, nos processos de sociabilidades. O autor ainda diz que,

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um conceito, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (1989, p. 24).

A sociedade propriamente dita para Simmel (1983, p. 168), “é o estar com o outro, para o outro, contra o outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou dos propósitos”. E sociabilidade surge como uma estrutura sociológica e significa “um jogo no qual se ‘faz de conta’ que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular e ‘fazer de conta’ não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade” (1983, p. 174).

Portanto, pode ser considerada como uma forma lúdica de associação e interação, e, nos adolescentes, ela encontra no grupo de pares, um espaço privilegiado para se expressar, para dizer o que pensam como pensam e de que modo compreendem o que está acontecendo na realidade.

Dáí que o grupo de pares (turma da escola, da rua, do bairro, do *shopping*, do clube) aparece como um modelo essencial para o exercício da sociabilidade dos adolescentes e como espaço de transmissão de representações diversas, fazendo com que a experiência dos pais seja preterida em relação à dos iguais (SANTOS, 1990).

Nessa etapa de suas vidas, os adolescentes tendem a desvalorizar a experiência da geração anterior e, como explica a autora (1990), o que serviu para orientar a conduta de seus pais é considerado, na maioria das vezes, inadequado como referencial para organizar sua existência devido às constantes mudanças dos padrões culturais.

Nesse sentido, Suplicy (1990) ajuda entender que o grupo atua como normalizador dos comportamentos de seus membros e é também agente repressor que se impõe a cada um, levando a acatar as normas grupais face à dificuldade em ser independente, e à dor diante da possibilidade ser rejeitado pelos pares.

Dessa forma, é necessário pensar na construção da identidade dos adolescentes de

forma multifatorial e ter clareza da adolescência como um período de transição evolutiva que se situa entre a maturidade física, social e sexual da infância e da idade adulta e são múltiplos e diversos os fatores que podem influenciar esse processo identitário e de amadurecimento.

Papalia, Olds e Feldman (2009) abordam que as mudanças dramáticas nas estruturas cerebrais envolvidas nas emoções, no julgamento, organização do comportamento e autocontrole do indivíduo ocorrem entre a puberdade e o início da vida adulta. Assim, eles passam por mudanças no comportamento, que resultam de duas redes cerebrais: (1) uma rede socioemocional que é sensível a estímulos sociais e emocionais, tal como a influência dos pares, e (2) uma rede de controle cognitivo que regula as respostas a estímulos. A rede socioemocional torna-se, assim, mais ativa na puberdade, enquanto a rede de controle cognitivo amadurece mais gradualmente até o início da idade adulta e as redes sociais têm influenciado muito esse processo de diferentes modos.

Pensar na adolescência é observar que todas as interações sociais, vão influenciá-los e a rede socioemocional estarão ativos nesse processo de mudanças. Porém, antes de falar sobre construção da identidade das adolescentes pretas, é preciso refletir sobre relação histórica da sociedade e do processo de colonização, patriarcado e o papel e ocupação de espaços pela mulher na sociedade, mencionando a existência da desigualdade racial, estereótipos e preconceitos de cor, classe e posição social.

Vale ressaltar que a construção da identidade dos adolescentes é contraditoriamente uma identidade individual e uma identidade coletiva. O adolescente precisa do grupo de adultos necessita de referências, mas também, ele precisa diferenciar-se, construir sua própria identidade. Tornar-se adolescente é viver cercado por profundos conflitos. Novos e diferentes ritmos, tempos, espaços, presença na sociedade e na cultura (CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES, 2003, p. 37). Sendo assim, antes de falarmos sobre a construção da identidade da adolescente preta, é necessário destacar o papel da mulher na sociedade patriarcal. Desse modo, as adolescentes vão construindo as suas identidades, inclusive a identidade racial e a escola.

Como afirma Ferreira (2020, p. 38), a escola é

[...] o espaço apropriado para anunciar e confrontar opiniões, discutir experiências formuladas pelos grupos de alunos, estabelecer regras de sociabilidade e combater as manifestações de racismo, homofobia, autoritarismos, machismo e outras formas negativas de olhar e considerar o outro – o diferente.

A escola, como parte da sociedade, portanto, deverá estar preparada para educar e formar cidadãos capazes de respeitar o outro – o diferente. Para tanto, é preciso abrir espaços

para o diálogo e ir em busca de uma pedagogia da emancipação, encontrar estratégias para descolonizar o pensamento que é levado para as salas de aula e outros espaços de encontros, aprendizagens, socialização e interação entre alunos e professores-alunos, buscar novas metodologias e práticas pedagógicas e práticas identitárias dissidentes, utilizar redes sociais na educação de adolescentes.

As redes sociais geram muitas controvérsias e a escola precisa estar atenta aos noticiários, atualizações sobre essas ferramentas consideradas por um lado como uma forma de aproximar pessoas e, por outro, como formas complexas que geram uma dependência e afastam os indivíduos da realidade.

No entanto, aqui, consideramos as redes sociais como ferramentas potentes ao desenvolvimento de práticas pedagógicas, de trocas de sociabilidades, de grande importância, principalmente se forem utilizadas de modo correto e um desses usos é como instrumento de apoio à educação e construção de sociabilidades de adolescentes.

Finalmente, a partir dessas provocações e interlocuções com os referenciais teóricos aqui apresentados, podemos considerar que as Redes Sociais, aqui, especificamente tratando do Instagram, podemos entender que o adolescente, passa por uma fase de instabilidades, conflitos, crises e turbulências.

No *Instagram*, os adolescentes encontram uma plataforma de rede social que tem maior base de usuários da rede, utilizadas no Brasil. Esse é um espaço amplo de compartilhamentos e contribuições sobre a disseminação de estereótipos da beleza eurocêntrica, com conteúdos diversos sobre a prática do culto ao corpo negro, da mulher negra.

A palavra espaço “tem sua origem no latim *spatium*, que significa área ou extensão. Seu sentido inicial é quantitativo, estando ligada diretamente a qualquer ato de mensuração tridimensional, ou seja, que tenta medir volumes ou distâncias” (MATOS, 2002, p. 143).

No *Instagram* é um espaço de promove ideias, mitos, formas europeias, brancas e coloniais de beleza feminina e feminina negra, sendo esses os conteúdos de destaque nas redes sociais. Como lembra Matos (2002, p. 145), “o uso da *Internet* e de outras novas tecnologias apenas potencializa esses encontros e os torna mais econômicos e constantes”.

Enfim, essa discussão foi importante, pois, também mostra de que modo o patriarcado e o processo de colonização europeia da sociedade brasileira influenciaram na criação de padrão e estereótipos da beleza eurocêntrica contra as mulheres pretas, africanas, trazidas à força da África para serem escravizadas e colonizadas aqui, no Brasil.

E uma das preocupações dessa pesquisa manifesta-se pela inquietação e questionamento sobre de que modo a autoestima e a construção da identidade racial de adolescentes pretas são afetadas pelos discursos na Rede *Instagram*.

No subitem 2.3.1, apresentamos uma breve contextualização da Rede Social *Instagram*, falando de sua história, estrutura e princípios.

2.3.1 A rede social *Instagram*: Sua história, estrutura e princípios

Podemos observar o crescimento da importância do *Instagram* nos processos comunicativos no ciberespaço, ainda que existam outras ferramentas no ambiente virtual.

É importante ressaltar que as mídias sociais e a internet são fundamentais à sociedade contemporânea e mudaram muito o modo de relações entre as pessoas e os adolescentes vivem, na contemporaneidade, a socialização e individuação.

Na sociedade contemporânea, a internet possibilitou que a criatividade publicitária pudesse alargar seus horizontes, apresentando ao público estratégias que não eram possíveis nos meios tradicionais.

O *Instagram* ganhou destaque por ser uma mídia social que obteve, desde o início, uma boa aceitação dos usuários.

Além disso,

Vivemos em uma sociedade que, crescentemente, se organiza em rede e na qual o conhecimento e a informação desempenham um papel estratégico, sendo chave para a produção constante de inovação, condição básica para o sucesso das organizações. Essas mudanças estão agilizando os processos de produção e consumo, enquanto ocorre uma convergência de base tecnológica que vem permitindo trabalhar com a informação, em alta velocidade, sobre uma base única e digital. (HERSCHMANN; PEREIRA, 2002, p. 4.)

O *Instagram* é uma rede social muito utilizada por pessoas de todas as faixas etárias, utilizada para socializar e divulgar histórias, notícias, momentos vividos e foi criado em 2010, por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger e, em poucos meses, essa rede social se tornou um dos aplicativos mais acessados no Brasil e no mundo.

Segundo Oliveira (2014), com comentários no *Google Play*, afirma que:

O *Instagram*, em setembro de 2011, atingiu o índice quase de 10 milhões de usuários. Ao ser disponibilizado, a partir de abril de 2012, para dispositivos com o sistema operacional Android, do Google, foram efetuados cerca de 1 milhão de downloads do *Instagram* através da loja virtual de aplicativos.

Na plataforma, você consegue aplicar filtros digitais nas publicações e compartilhá-

las no seu perfil e, também, no *Instagram Stories*, tornando-se, assim, uma mídia social que lidera a opinião e preferência das pessoas que utilizam redes sociais.

No *Instagram*, o usuário registra-se, gerando um perfil. Com este registro, é possível tirar fotos em formato 4:3, semelhante às registradas em máquinas da marca Polaroid e aquelas que utilizam o padrão *Kodac Instamatic* (OLIVEIRA, 2014).

Segundo a pesquisa da Social⁴, a rede social que mais apresentou crescimento esse ano foi o *Instagram*, passando de 63,3% de adoção para 80,2% e se consolidando como a segunda colocada em preferência no Brasil.

Além disso, atualmente, a rede social conta com mais de 500 milhões de usuários em todo o mundo, sendo que 7% das contas criadas são de brasileiros.

A seguir, apresentamos o *Logo do Instagram*:

Figura 1- Logo do Instagram



Fonte: *Logo Download* (2017).

Para compreender melhor sobre como o Instagram funciona, a sua estrutura e princípios, apresentamos o subitem *Funcionamento e estratégias de navegação*, a seguir:

2.3.1.1 Funcionamento e estratégias de navegação

⁴ A pesquisa Social Media procura desenvolver materiais educativos e levar informação sobre *Marketing Digital* a milhares de pessoas.

O Instagram é uma rede social principalmente visual, onde um usuário pode postar fotos e vídeos de curta duração, aplicar efeitos a eles e também interagir com publicações de outras pessoas, através de comentários e curtidas, afirma Adriana Aguiar (2018).

Além disso, um usuário pode seguir o outro para poder acompanhar suas postagens e suas atividades dentro da rede e, nessa rede, o número de seguidores, inclusive, contribui para a visibilidade do perfil.

Nele, também encontramos as famosas *hashtags*, que servem como um mecanismo de busca das publicações, e ajuda na hora de segmentar o seu público, caso possua uma página para sua marca.

Além da captura, o usuário poderá inserir filtros especiais, fazendo com que a imagem tenha, aparentemente, traços artísticos e diferenciados. O Instagram dispõe de filtros que suavizam a iluminação, clareiam a imagem, aumentam o contraste, alteram a saturação das cores, geram imagens em preto e branco, entre muitos outros efeitos (OLIVEIRA, 2014, p. 5).

Ademais, para além dos famosos filtros originais inspirados na câmera *Polaroid*, o *Instagram* apresenta uma série de recursos interessantes que contribuem para a experiência do usuário no aplicativo e que foram implementados ao longo de seus 6 anos de existência.

Aqui estão os principais deles:

- Edição de imagem
- Curtidas
- Comentários
- “Seguindo”
- “Explorar”
- Marcação em fotos
- Mensagens Diretas
- Localização
- *Instagram Stories*

Desse modo, o *Instagram* passou a se teorizar acerca da nova ferramenta e de seus usuários, teses como: “*A desconstrução do padrão de beleza feminino em campanhas publicitárias de moda no Instagram*”, de Ana Paula de Miranda Lopes; *O fenômeno Instagram: Considerações sob a perspectiva tecnológica*, de Mariana Vassalo Piza, que abordam essa rede social como modo importante para transmissão de informações e modos de comunicação na sociedade.

O *Instagram* está na moda expondo consigo o ponto de vista da intimidade, das relações de consumo, das experiências do sujeito. Tal exposição pressupõe uma espera ou convicção na promessa de ser visto, não ser esquecido. Algo muito parecido quando pensamos em uma dimensão biográfica para as narrativas contemporâneas (SILVA, 2012, p. 6).

Podemos assim, pensar nessa ferramenta com as adolescentes da pesquisa, na qual utilizam as redes sociais como forma de comunicação e de expressão. Estamos em um momento cuja produção de imagens se tornou incontrolável por vir de vários meios. “Nesse sentido, que é que a relação entre fotografia e sujeito nunca esteve tanto, à mão, para atribuir novos sentidos às dinâmicas comunicacionais (OLIVEIRA, 2014).”

Enfim, podemos entender essa rede social como uma ferramenta onde eventos, como comentar e “curtir” algumas imagens, faz com que ocorra uma aproximação e confiança entre os indivíduos.

2.3.2 A mulher preta no instagram (?) e as armadilhas da colonialidade: Segregação, marginalização e silenciamento

Ao falarmos do *Instagram* precisamos antes abordar que, até mesmo o acesso às redes sociais como essa, é mais difícil para as pessoas negras, devido a toda construção histórica e social, de falta de acesso à saúde, alimentação, lazer e, por conseguinte, à internet.

Podemos “compreender desse modo, na comunicação, como a raça e o gênero configuram armadilhas da colonialidade para segregar, marginalizar e silenciar mulheres negras” (SOUSA, 2021, p. 53). Desse modo, as maiores vítimas de narrativas de violação de direitos são as mulheres pretas. É importante abordar que a valorização, os contratos, os seguidores para elas é mais difícil. Digitais *influencers* como Camila de Lucas, Patrícia Avelino e Wanessa Rodrigues comentaram sobre a diferença entre uma digital *influencer* branca e negra.

Ainda sobre o acesso à *Internet*, o levantamento da pesquisa sobre *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça⁵ no Brasil*, divulgado em novembro de 2019 pelo IBGE⁶, mostra que, das pessoas entre de 15 a 29 anos presentes na internet, 92,5% são brancos e 84,3% são negros. Os brancos são mais da metade da população que acessa à internet por meio de microcomputador, num percentual 61,6%, em contraposição aos 39,6% de pretos e pardos. Pretos e pardos com posse de telefone móvel representavam 74,6%, enquanto os brancos respondiam ao percentual de 82,9% (IBGE, 2019, p. 73).

⁵ Documento traz a compilação de dados de várias pesquisas como a Síntese dos Indicadores Sociais, o Censo e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - Contínua (Pnad Contínua) de 2018.

⁶ Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica. n. 41. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acessado em 08 de outubro de 2022.

Sousa (2021) traz explicações sobre os algoritmos digitais de redes sociais e busca mostrar de que modo o *Instagram* e *Facebook* atuam reproduzindo as lógicas machistas, masculinas, brancas e heterossexuais. De alguma forma, essas redes sociais acabam aprisionando as pessoas negras em estereótipos construídos, banalizados e naturalizados historicamente.

Desse modo, Jiani Bonin (2011) aborda que a mídia oferece, aos sujeitos, referências de identificação, configuração das práticas e sentido das interações sociais. Além disso, também não se pode deixar de destacar que a mídia atua fazendo referências ao contexto em que "os sujeitos se inserem, experiências do sujeito do seu lugar social, trajetórias, redes de relações" (BONIN, 2011, p. 151).

A mídia molda as relações e reconfigura identidades, lançando modelos de conduta, práticas de consumo, construindo identidades e os modos pelos quais os grupos serão vistos pela sociedade (BONIN, 2011).

Nesse sentido, como uma instituição social, a mídia também reproduz estereótipos, imagens de controle (COLLINS, 2019), legitima posições de poder historicamente ocupadas e neutraliza tensões raciais.

Assim, a tecnologia pode ser entendida como uma forma de apropriação da cultura, sendo necessário pensar os meios de comunicação muito além de instrumentos, pois eles são partes da constituição humana e social, geradores de transformação e de novas formas de relação entre os atores sociais (BARBERO, 2013).

Desse modo, o *Instagram* é uma forma de comunicação que produz a leitura de mundo, tanto de comportamentos positivos, como por exemplo, as campanhas para ajudar pessoas que passam necessidades, informação importantes, como também, passam comportamentos negativos, a exemplo de preconceitos, machismo, sexismo, racismo, *bullying*, *misoginia*.

Rodrigues e Braga (2015) e Carlón (2015) alertam que é válido destacar que as experiências dos sujeitos comunicantes também conformam os processos de comunicação e, nesse processo trazem novas leituras de mundo, das mediações e ressignificam processos midiáticos e de midiatização.

Além disso, é importante destacar que a *Internet* é um ambiente que reproduz e perpetua violências contra mulheres negras. Sobre essa questão, a partir de dados analíticos foi realizada uma investigação de tese defendida no ano de 2018, na Universidade de Southampton, na Inglaterra pelo pesquisador brasileiro e PhD em Sociologia, Luiz Valério

Trindade e a análise de resultados dos dados coletados pela pesquisa aponta que 81% das vítimas de discurso de ódio nas redes sociais são mulheres negras de 20 a 35 anos de idade (TRINDADE, 2022).

Para chegar a tal conclusão, o pesquisador analisou 109 páginas no *Facebook* e 16 mil perfis de usuários nos anos de 2012 a 2016. O horizonte analítico da *Internet* como ambiente que dissemina o racismo, o discurso de ódio e a segregação racial também passam pela compreensão do papel desenvolvido pelos algoritmos na reprodução de representações, estereótipos e preconceitos de raça e de gênero (SOUSA, 2021, p. 60).

Sendo assim, podemos perceber que a mulher preta ainda se encontra invisível e submissa aos padrões que estão vigentes na sociedade. Dessa maneira, podemos entender também, como os padrões de beleza são inseridos no imaginário da mulher preta.

Do mesmo modo, a exclusão da mulher preta ocorre em diferentes níveis, afetando-as de diferentes formas e evidenciam formas conservadoras enraizadas no sistema patriarcal e essas práticas patriarcais e discriminatórias validam a opressão sexual, no trabalho, no exercício da cidadania das mulheres de modo geral, mas especialmente da mulher preta.

No livro *Torna-se Negro*, de Neusa Santos (1983), podemos observar o seguinte depoimento de uma mulher negra, entrevistada pela autora em sua pesquisa:

— “... eu me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente... Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato... Eu era muito invejosa do físico das pessoas — achava que as pessoas eram muito mais bonitas do que eu.” (Luísa) (1983, p. 83).

Enfim, assim, as meninas cresciam, buscando por plásticas, alisamentos e anulação de tudo que fosse relacionado o negro, apoiados em fenótipos empregados pela sociedade colonial para definir quem é negro, em decorrência do racismo e o sistema de classificação racial para os seres humanos que geralmente se refere ao fenótipo de pele escura, dentre outras particularidades como traços faciais, da boca, lábios, textura do cabelo, associados a pessoa preta/negra.

2.4 A decolonização da educação como possibilidade de construção da identidade de adolescentes pretas

A decolonização da educação como possibilidade de construção da identidade de adolescentes pretas depende de como a família, a escola e a sociedade permitem a

compreensão sobre questões relacionadas ao poder, ao conhecimento da realidade social, da importância de abertura de espaços de diálogos, de formação da cidadania, de educação em direitos humanos, da construção da identidade, ao tratar da temática relação racial.

A identidade pode ser entendida como algo individual, que é construída através das relações interpessoais e a construção da identidade pessoal é a tarefa mais importante de uma/um adolescente, independentemente de seu pertencimento, sexo, raça, etnia, religião, classe social.

Sobre essa importância, Erikson (1987) lembra que este é o passo fundamental para a transformação do adolescente em um indivíduo adulto maturo, autônomo, seguro, considerando que essa passagem é o que define quem é a pessoa, a formação de seus valores éticos, morais e sociais e quais serão as direções que deseja e escolhe para seguir em frente.

Portanto, a identidade, segundo a compreensão do autor, pode ser definida como a concepção de si mesmo, construída a partir de valores, atitudes, comportamento, crenças, metas, objetivos, com os quais o indivíduo está comprometido, e conforme suas ideologias seguem buscando espaços e construindo uma identidade pessoal.

A noção de individualização do sujeito, do “outro” e do espaço como “um só”, em que emerge o sentimento de delimitação do saber “quem sou eu”, “a que grupo pertencço”, e a noção de que “não sou” mais apenas uma extensão de outro, mas, sim, portador da minha própria subjetividade, é uma questão que vem despertando o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do saber. Nesse sentido, aumenta a busca de conhecimento sobre a construção da identidade e suas diferentes interpretações e elaborações teóricas.

Nesta dissertação, procuramos compreender de que modo a busca pela identidade ocorre na adolescência que, de acordo com Erik Erickson (1987), foi definida como uma concepção coerente do *self*, isto é, a percepção de si mesmo, constituída de metas, valores e crenças com os quais a pessoa encontra-se solidamente comprometida e entra em foco durante os anos da adolescência.

Sendo assim, para Erickson (1987), este é o ponto crucial na adolescência para a sua discussão e construção, em virtude dos constantes questionamentos e necessidades, ocorrentes aos adolescentes nessa fase de reconfigurações de novos papéis sociais e individuais, que lhes são atribuídos neste período de mudança da infância para a vida adulta.

O autor ainda destaca que o esforço de um adolescente para compreender o *self*, não é “uma espécie de enfermidade do amadurecimento” (1987, p. 437). Esse esforço faz parte de um processo saudável e vital fundamentado nas realizações das etapas anteriores, nos quais os

indivíduos desenvolvem a confiança, a autonomia, a iniciativa e a produtividade. Conforme diz o autor, prepara-se lançando os alicerces para lidar com os desafios da idade adulta e, assim, a adolescência tem como principal tarefa, confrontar a crise da identidade versus confusão de identidade.

É importante entender que o termo crise, adotado por Erickson (1987), não é sinônimo de catástrofe ou desajustamento, mas de mudança, de transição de uma fase da vida, a infância, para outra, a idade adulta.

A adolescência é caracterizada como um momento crucial no desenvolvimento do adolescente, no qual, há necessidade de se optar por uma ou outra direção, e essa direção ele vai buscando no seu percurso de vida, na maioria das vezes, com dúvidas, incertezas, mas vai assim mobilizando recursos que levam ao crescimento.

Tardeli (2007) explica que é no período da adolescência que o indivíduo vai colocar em questão as construções dos períodos anteriores, próprios da infância, por isso, surgem muitos questionamentos sobre a sua vida e realidade vivida. Assim, “o jovem assediado por transformações fisiológicas próprias da puberdade precisa rever suas posições infantis frente à incerteza dos papéis adultos que se apresentam a ele” (p. 3).

Na concepção de Erickson (1979), nessa fase, o adolescente deve se esforçar para rever e avaliar os recursos que tem disponíveis e, assim como as responsabilidades, buscando saber como usá-los para adquirir um conceito mais preciso de quem é e quem quer vir a ser. Portanto, deve sempre questionar: “Quem eu quero ser quando crescer?” (BLOCK; LIEBESNY, 2003).

Para tanto, é preciso de espaço de criação de sociabilidades e as redes sociais “são o meio onde as pessoas se reúnem por afinidades e com objetivos em comum, sem barreiras geográficas e fazendo conexões com dezenas, centenas e milhares de pessoas conhecidas ou não” (NOGUEIRA, 2010).

Outro fator importante na adolescência é a moratória psicossocial, um período de adiamento que a adolescência proporciona, permite que os jovens procurem compromissos aos quais possam ser fiéis. Acontece que,

Os adolescentes que resolvem essa crise de identidade satisfatoriamente desenvolvem a virtude da fidelidade: lealdade constante, fé ou um sentimento de integração com uma pessoa amada ou com amigos e companheiros. Fidelidade também pode ser uma identificação com um conjunto de valores, uma ideologia, uma religião, um movimento político, uma busca criativa ou um grupo étnico (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009, p. 423).

Para falar sobre construção da identidade da adolescente preta, precisamos entender

que os fatores étnicos atravessam essa construção e, por isso, os estereótipos, preconceitos e discriminação, durante a transição da infância para a adolescência, pode interferir na formação da identidade positiva do adolescente e provocar problemas de conduta, depressão, conflitos.

Lapierre (2011) lembra que, na concepção de Barth (1969), sobre os processos de organização social da diferença de cultura, ocorreu uma substituição pelo autor, de concepção estática da identidade étnica por uma concepção mais dinâmica, que nos faz entender que essa identidade, como qualquer outra identidade coletiva, assim como a pessoal de cada indivíduo, “é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não” (p. 11).

Poutignat e Streiff-Fenart também traz uma contribuição importante, com apoio da concepção de Barth (2011) sobre grupos étnicos e suas fronteiras, afirmando que,

A identidade étnica (a crença na vida em comum étnica) constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta ideia implica que não é o isolamento que cria consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas. (POUTIGNAT, 2011, p. 40).

Essas diferenças são encontradas e reavivadas na interação social e, muitas vezes, podem interferir de forma negativa na construção da identidade, principalmente da adolescente preta, pois, os preconceitos, estigmas, discriminação e exclusão social são categorias que marcam a sua história de vida e relações sociais e, assim vive um duplo sofrimento, a de ser mulher em uma sociedade patriarcal e ser preta. Sofre e é mais cobrada em relação a tudo.

Para Follmann (2001, p. 59), identidade é definida como um processo que ocorre de

uma construção social, de uma construção pessoal e de uma construção na interação do nível pessoal com o social, sendo assim, ao mesmo tempo algo proposto socialmente e algo reivindicado pessoalmente... Ela é, na nossa concepção, uma construção realizada tanto no outrem como no para si mesmo, tendo por resultado sempre uma ‘costura’, de uma parte, entre o que é ‘herdado’ e o que é ‘almejado’ e, de outra parte, entre o que é ‘atribuído’ e o que é ‘assumido’. Trata-se de uma ‘costura’ feita de agulhas e do ‘tempo’ e do ‘espaço’.

A partir dessa definição, é possível entender que, para pensar a identidade dos adolescentes, uma das exigências é saber que as interações sociais são elementos importantes nessa construção, influencia a sua leitura de mundo e realidade e é a relação em grupos que

vai definir quais posturas devem seguir. Por exemplo, aceitar-se enquanto adolescente preta.

Para Campos (1998), a ligação grupal é um dos aspectos que adquire uma importância totalmente transcendental, a de ascender em relação ao meio familiar. Isto porque se transfere ao grupo, a maior parte da dependência, mantida anteriormente com seus familiares.

Este é o momento que o adolescente recorre ao grupo como reforço para construir sua identidade e o outro adolescente é muito importante para ele. É fundamental ressaltar que vivemos numa sociedade de imagens, que corporificam pessoas magras, jovens e sem rugas, modelo atrás do qual todas elas correm e as redes sociais estão a todo o momento divulgando, estimulando os padrões de beleza eurocêntricos.

Essa situação gera uma forma de cobrança indireta especialmente nas mulheres, pois, a concepção eurocêntrica criou padrões, normas, leis e comportamentos que ainda são aceitáveis na sociedade contemporânea, que historicamente vêm garantindo a manutenção desse grupo social. É fato. O racismo envolve a população negra no Brasil, que é estigmatizada e excluída na sociedade, através de manipulação de preconceitos, discriminação racial e, assim, experimentam constantes conflitos em relação a sua identidade racial.

Para Pinto (2014, p. 264),

O negro ainda aparece como representante de uma coletividade marcada por atributos negativos. Generalizações atribuídas acerca de sua identidade culminam numa igualdade pela negatividade atribuída ao grupo negro e diferente em relação ao padrão normativo do branco.

No Brasil, a configuração do racismo ainda continua sendo perpetuada na realidade social, por meio da negação dos aspectos culturais, religiosos e estéticos. O racismo é definido por Fernandes e Souza (2016), como uma forma de negação, mistificação da alteridade da população negra e produz estereótipos e atribui critérios de inferioridade, perversidades e maldades, não reconhece as diferenças.

Munanga (2014) define racismo como uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

A sociedade escravista, ao escravizar o/a africano/a, definiu o negro como raça, direcionando seu lugar, a maneira e modo como deveriam ser tratados, os padrões que deveriam seguir e inseriu a ideia de cor negra e posição social inferior. Sendo assim, raça é entendida nesta dissertação a “como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição numa estrutura de classes” (SANTOS, 2018, p. 30).

Assim, mesmo após a abolição, o grupo social dominante e racista encontrou novas

formas para justificar a “diferença de raças”. Pois, no contexto da colonização europeia, a representação do negro sempre foi vista como socialmente inferior. Visto que, “todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social” (SANTOS, 2018, p. 30).

É importante definir também raça não como algo biológico, mas sim, com um conceito carregado de ideologias. Pois, “como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação” (MUNANGA, 2014, p. 6).

Desse modo, falar sobre relações raciais é pensar nas formas de dominação que foram utilizadas contra o povo negro.

Nas sociedades de classes multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante. (SANTOS, 2018, p. 31).

A trajetória da população negra foi conduzida pelas práticas e pensamento dominante, pelo processo de subordinação-exploração, reforçando regras, normas, mitos e ideologias que, simultaneamente, funcionam como potencializadores da reprodução do racismo e "embranquecimento" na intenção de obter aceitação no meio social. Para ser aceitos na sociedade, deveriam negar sua religião, cultura, saberes e converter-se ao cristianismo, demonizar seus santos, negar suas culturas e ancestralidades e, além disso, parecer-se esteticamente com o modelo eurocêntrico, no uso de roupas, corte e textura do cabelo.

E, se hoje em dia as teorias raciais estão sendo questionada, a hegemonia dos interesses dominantes é viabilizada pelos mecanismos ideológicos que ainda asseguram certas articulações estruturais racistas.

Sendo assim, “se o conceito biológico de raça é entendido como falacioso e totalmente equivocado em suas decorrências morais, ainda utilizamos a noção de “raça social”; aquela que é criada pela cultura e pela sociedade no nosso cotidiano. Tendemos também a perpetuar um *plus* perverso de discriminação, que faz com que negros e negras morram mais cedo e tenham menor acesso aos direitos de todos os cidadãos brasileiros”, diz Schwarz (2019, p. 26).

Por conseguinte, todas essas questões acabavam se materializando no corpo do negro, que era visto como determinante para classificação de branco e negro. O processo de objetificação e desumanização do corpo negro foi um dos instrumentos de opressão e

manutenção da ordem da sociedade que mantinha ideias enraizadas e cristalizadas no período da escravidão, perpetuando, historicamente, a função dos pretos, pretas e pretes. O culto à padronização do corpo na sociedade brasileira é, assim, desmedido, exagerado.

Concordamos com Schwarz (2019, p. 29) quando afirma que o racismo ainda se encontra impregnado na sociedade, hoje de maneiras mais veladas, com a ideia de que somos todos iguais,

Se o racismo faz tempo, deixou de ser aceito como uma teoria científica, ele continua plenamente atuante, enquanto ideologia social, na poderosa “teoria do senso comum”, aquela que age perversamente no silêncio e na convivência do dia a dia. A escravidão nos legou uma sociedade autoritária, a qual tratou de reproduzir em termos modernos. Uma sociedade acostumada com hierarquias de mando, que usa de uma determinada história mítica do passado para justificar o presente, e que lida muito mal com a ideia da igualdade na divisão de deveres, mas dos direitos também (2019, p. 29).

Na escola, as consequências são absurdas, a exclusão social é fato, e esse fenômeno é considerado por pesquisadores do tema como assustador, os/as alunos/as negros/as são vítimas de estereótipos, preconceitos e discriminação racial e acabam abandonando e desistindo do espaço escolar.

Essa questão pode ser observada nos estudos que relacionam a beleza, tendo como recursos metodológicos e fontes de análise, livros, revistas e sites, nos quais podemos observar como a beleza é imaginada e representada como obrigação/dever cultural, sob influência da mídia, da moda, onde o corpo é transformado em mercadoria e objeto de desejo.

O corpo é tomado como corpo ideal, padrão, corpo desejo e as graves consequências de tudo isso são diversas, múltiplas, complexas. Todas essas questões perpassam a adolescência, tendo como consequência os rótulos e estereótipos.

Entretanto, ele vai um pouco mais, além disso, possui o diferencial de envolver um conteúdo maior do que características em específico, que denotam quem é gorducho, magrelo, narigudo, lerdo, choroso, pelos quais, o outro, é estigmatizado, julgado ou apontado. Ou seja, os rótulos estão mais ligados a julgamentos extraídos da dinâmica da pessoa e possuem uma conotação mais psicológica, apesar de serem estabelecidos por seus mentores, através das ações de seus ditos proprietários.

O estigma revela que a sociedade tem dificuldade de lidar com o diferente. Esta dificuldade é “perpetuada”, ao longo das gerações, pela educação familiar, pela escola, pelos meios de comunicação de massa, por cada um de nós em nosso cotidiano, o que leva a construção de uma carreira moral para o indivíduo estigmatizado,

isto é, sua identidade vai incorporar este atributo ao qual corresponde um valor social negativo. (BOCK, FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 209).

Vimos assim, que a população negra sofre preconceito por questões culturais e estéticas dominantes. O preconceito racial é um fenômeno social, cultural, físico e psicológico que delimita papéis sociais definidos e lugares aceitáveis e é associado aos estereótipos sociais negativos.

O preconceito racial é definido por Torres, Camargo e Bousfield (2016, p. 209) como “crenças generalizadas, resistentes a mudanças ou a novas informações sobre atributos pessoais de um grupo, facilitando à interpretação do mundo”.

Da mesma forma, Lima e Pereira (2004) definem os estereótipos sociais são classificados em positivos ou negativos e dependem do pensamento coletivo para sua classificação, variando de acordo com os modelos existentes na sociedade.

O machismo, sexismo, papéis de gênero e racismo são também fenômenos sustentados em estereótipos produzidos pela sociedade. E a discriminação racial sustenta-se nos estereótipos que perpassam o contexto e as hierarquizações de grupos em dominantes e dominados. Por isso, se mantém nas relações de poder constituídas através da construção histórico-social e cria limitações na vida dos indivíduos, implicando na delimitação dos locais e papéis sociais desempenhados.

O racismo direcionado à população negra, assim como os preconceitos e estereótipos são vinculados e, assim, constroem argumentos, que justificam a formação da sociedade colonial para justificar a inferioridade dos negros em relação aos brancos, colonizadores de origem europeia que operaram e ainda operam no Brasil até os dias atuais.

O fenômeno do racismo que se sustenta nas teorias racistas, reconhecidas como arianismo, darwinismo social, evolucionismo social e eugenia, que inferiorizam o negro em relação ao branco e descaracterizam tudo que vai de encontro aos valores culturais e sociais europeus, cultivados pelos colonizadores.

Nesse contexto, elementos como a religião, a cor da pele e a cultura africana foram irreparavelmente associadas aos valores pejorativos e o ideal era a supremacia branca, isto é, prevalece o padrão imposto pela supremacia branca.

Por isso, concordamos com Oliveira *et al.* (2012, p. 5) de que, as “formas de cultura numa sociedade legitimam comportamentos, padrões, que fazem com que o grupo social se reinvente”. Contudo, “todo o “legado” histórico e social que a exploração exercida pelo homem branco sobre o homem negro deixou, a escravidão e, assim, os seus produtos, tais

como: racismo, discriminação, falsa democracia racial, desigualdade, preconceito, etc” (2012, p. 5).

Daí, a necessidade de buscar mecanismos e estratégias para descolonizar o pensamento, o saber, o ser, o poder (MALDONADO-TORRES, 2018).

Dois movimentos de descolonização do padrão racista e eurocêntrico surgiram no ambiente acadêmico na Universidade de Brasília e ganhou às outras universidades, o primeiro foi à luta pelas cotas para indígenas e negros. As cotas étnico-raciais, aprovada em 2012, pela Lei Federal n. 12.711 que generalizou as cotas para negros e indígenas em todas as universidades federais. E a segunda, foi debater sobre o caráter excessivamente eurocêntrico das universidades e de sua mentalidade colonizadora.

Desse modo, a referida Lei permitiu abrir espaços de mudanças nos currículos para que as questões étnico-raciais fossem inseridas nos ambientes de produção de conhecimento.

Atualmente, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018), a sociedade passa a operar com uma dupla inclusão, a dos jovens negros, indígenas e quilombolas, para que possa ingressar no ensino superior público. E a dos mestres e mestras das comunidades dos cotistas, para que tenham o direito de ensinar os seus saberes tradicionais a todos os estudantes universitários, atuando como professores nas nossas universidades.

Outra maneira de descolonizar foi utilizada pelo feminismo negro e pelo pensamento feminista negro, que na qualidade de um pensamento especializado, reflete temas característicos das experiências de mulheres afro-americanas. Sendo que seus temas centrais foram trabalho, família, política sexual, maternidade e ativismo político e são derivados de paradigmas que enfatizam a relevância de opressões interseccionais na constituição da matriz de dominação nos Estados Unidos. Ainda sim, é válido destacar que o feminismo brasileiro diferente em relações as experiências vivenciadas pelas mulheres brasileiras.

Como bem explica Fernandes (2016, p. 170),

A descolonização não se remete apenas à desocupação de territórios, mas à independência cultural, econômica e, sobretudo, à independência das mentalidades, o que privilegia outras formas de ser e de existir, diversas daquelas impostas pelo colonizador, buscando deslocar as relações de poder. Ou seja, prima por ressignificar e dissolver estereótipos e preconceitos, fortalecendo a auto capacidade de ação dos grupos marginalizados. Sua ação interroga o paradigma coercitivo e genocida que sustentou a própria invenção da modernidade. Isto abre o campo do pensamento para a possibilidade de reconstruir novas relações e formas díspares de racionalidade.

Por conseguinte, trazendo sofrimentos psíquicos, visto que, ao identificar-se como

negro, associa-se a um fenômeno muito peculiar no Brasil, o racismo. Pois, a aparência física está sempre relacionada a algo ruim e inferior que deve ser negado durante toda a vida.

Ferreira e Camargo (2011, p. 375) mostram o exemplo da entrevista por Souza (1983), que comentou seu estudo sobre “*Tornar-se negro*”, e consideram importante para entender o que dizem/pensam/falam as mulheres pretas sobre o sofrimento vivido por estigmas, estereótipos e preconceitos raciais e a construção da identidade preta.

Luísa, mulher negra, entrevistada por Souza (1983, p. 86), diz:

Aí eu não sabia meu lugar, mas sabia que negro eu não era. Negra era suja, eu era limpa; negro era burro, eu era inteligente; era morar na favela, e eu não morava, e, sobretudo, negro tinha lábios e nariz grossos e eu não tinha. Eu era mulata, ainda tinha esperança de me salvar.

A partir desse exemplo, os autores (2011) procuram mostrar como se expressa bem o sofrimento de muitas pessoas negras que, muitas vezes, passam despercebidos pelos agressores que naturalizam e banalizam suas práticas racistas, lembrando que,

Muitas pessoas negras sentem se deslocadas, submetidas a condições sociais de inferioridade e desvalorizam suas características físicas e suas capacidades intelectuais. Tais sentimentos decorrem de situações vividas diariamente nas relações interpessoais. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 375).

Tendo o negro à desvalorização de todos os seus traços, as histórias infantis não os colocam em suas representações, pois, a esse grupo recaem todos os estereótipos negativos: de negro ladrão, de negro submisso, que negro tem que ser seguir funções subalternas, de não serem seres humanos.

Para Pinto e Ferreira (2014, p. 262),

Ao negro sempre recai um olhar que lembra que ele é negro, isto é, o fato de ser negro nunca é esquecido e todas as suas inúmeras outras características são postas de lado diante da lembrança de sua pertença racial. Ele é, antes de tudo, negro. Qualquer coisa que faça está vigiada pelo fato de ser negro.

A construção da identidade negra vive imersa e interligada aos padrões sociais, que são reproduzidos nas relações interpessoais, na exclusão da religião de origem africana, na negação estética e da cor da pele.

Para Silva (2005, p. 128),

Essa situação causa diversos transtornos físicos e psíquicos às vítimas, incluindo taquicardia, ansiedade, ataques de pânico, depressão, dificuldade de se abrir, ataques de raiva violenta e aparentemente não provocada, depressão, hipertensão arterial, úlcera gástrica, alcoolismo, entre outros. Ao internalizar atributos

negativos, que lhe são imputados, instala-se o sentimento de inferioridade, causando constrangimento na relação com seus pares, e favorecendo o aparecimento de comportamentos de isolamento, entendidos, frequentemente, como timidez ou agressividade.

Essa é uma compreensão que devemos tomar como lição, a identidade da adolescente negra não é um elemento inato, mas refere-se ao modo de estar e ser no mundo, as suas experiências com a realidade vivida, com outros adolescentes e adultos, em diferentes espaços sociais e na família, e são fluídas, construídas na criação de redes de relações e de referências sociais, escolares e culturais dos grupos sociais. E, na sociedade contemporânea, o *Instagram* é uma das redes sociais que mais tem influenciado nesse processo de construção, de modo positivo, mas também negativo.

Por isso, como pais e educadores, devemos ficar atentos às lentes do *Instagram*, observar como os estereótipos de beleza são divulgados, socializados e propagados pelas redes, de que modo reforçam padrões da beleza e seus impactos na construção da identidade de adolescentes e, aqui, especificamente, a da adolescente preta, identificando os estereótipos perversos que são apresentados aos usuários.

Enfim, a escola e a família têm um papel relevante na orientação aos adolescentes acerca do uso das redes sociais, pois, nesse período, é preciso saber lidar com questões e exigências atuais. Nessa fase, o adolescente entra em muitos e variados conflitos, incertezas, insegurança, caracterizados pelo processo de transição entre a infância e a vida adulta, que podemos caracterizar como uma passagem para a vida adulta, e de muitas rupturas, elaborações de ordem biopsicossociais, de aprendizagens, de construção de linguagens, ritos de passagens e busca de pertencimento a algum grupo fora do grupo familiar.

PARTE III**METODOLOGIA DA PESQUISA: MATERIAL, MÉTODOS,
PROCEDIMENTOS, ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO.**

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças.

Louro (2014, p. 63).

3. Metodologia da pesquisa: materiais, métodos, procedimentos, análise de resultados e discussão

Nesta Parte III, apresentamos a pesquisa de campo que procurou responder o objetivo de analisar a relação das adolescentes com a rede social *Instagram* e sua influência na construção da identidade das pesquisadas, alunas dos anos finais do ensino fundamental, de seis escolas públicas e uma escola privada, sediadas na zona urbana da cidade de Jequié-BA.

Nela, apresentamos os percursos da pesquisa, materiais, métodos, procedimentos, análise de resultados e discussão dos dados coletados pela investigação.

3.1 Materiais, métodos e procedimentos teórico-conceituais da pesquisa

Para a realização desta pesquisa, na sua fase inicial, entre março e setembro de 2021, foi utilizada a abordagem exploratória para a elaboração do projeto de pesquisa e, assim, procurou buscar através do levantamento de dados, a melhor definição do tema e objeto de estudo, a formulação do problema delimitado e estabelecer os objetivos da pesquisa, além de verificar na literatura já existente sobre o tema/objeto de estudo, selecionar referenciais teóricos para elaboração do quadro teórico da pesquisa.

Portanto, no primeiro momento, utilizou a pesquisa exploratória, através de levantamento de dados e revisão de literatura sobre o tema/objeto de estudo, tendo como holofote o seu problema principal, a saber: **De que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzida na rede social *Instagram* interfere na construção de identidades e subjetividades de adolescentes pretas de escolas de anos finais de ensino fundamental, localizada na zona urbana, no município de Jequié – BA e o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro?**

Considerando, assim, a proposição da investigação de que os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzidos na rede social *Instagram* interferem na construção de identidades e subjetividades de adolescentes pretas, selecionadas como interlocutoras da pesquisa, alunas de anos finais do ensino fundamental de cinco escolas públicas e uma escola privada, influenciando o grau de satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor, cabelos) e concepção de padrões de beleza e de corpo feminino negro.

A pesquisa procurou responder ao objetivo geral e, assim, **analisou de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzida na rede social *Instagram* interfere na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas, alunas de Escolas de Ensino Fundamental, anos finais, sediada na zona urbana de Jequié – BA, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro e o grau de satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor, cabelos).**

De acordo com o problema formulado, o objetivo geral e os objetivos específicos estabelecidos, a pesquisa é classificada como exploratória e descritiva e, conforme os procedimentos de análise são qualitativos (GIL, 2002) e utilizou a etnografia virtual (HINE, 2000).

A etnografia virtual que tem como **campo online**, uma opção válida de pesquisa é, também, conhecida como *webnografia*, *ciberantropologia*, *netnografia*, *etnografia digital*, dentre outras definições e estuda as práticas sociais na *Internet* e o significado dessas práticas para os participantes (HINE, 2000).

Nesse processo, a observação das interações foi utilizada com as adolescentes investigadas com apoio da observação participante, considerando a sua relevância na coleta de dados no ambiente virtual e o envolvimento realizado foi de interação entre a pesquisadora e suas interlocutoras.

A pesquisa exploratória, na Etapa I desta pesquisa, consistiu em ter uma maior aproximação com o universo do objeto estudado e teve como objetivo possibilitar maior familiaridade com o problema.

Sendo assim, o levantamento foi utilizado pela investigação, visando proporcionar “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Essa abordagem foi aplicada com objetivo de aprimorar ideias ou a descoberta de intuições e o planejamento foi bastante flexível, de modo que possibilitou “a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (2002, p. 41).

A pesquisa descritiva é definida como um estudo minucioso, com levantamento de informações através de técnicas de coleta, com aplicação de questionários e entrevistas.

Para Gil (2002, p. 42),

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de

técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A pesquisa qualitativa foi utilizada para coletar informações pertinentes, através de observação sobre as evidências baseadas em dados verbais e visuais para entender o fenômeno investigado em profundidade. Portanto, seus resultados surgiram de dados empíricos, coletados de forma sistemática entre o período de outubro a novembro de 2022.

Segundo Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é um conjunto de práticas que transformam o mundo visível em dados representativos, incluindo notas, entrevistas, fotografias, registros e lembretes. Os pesquisadores qualitativos buscam entender um fenômeno em seu contexto natural.

Além disso, essa pesquisa foi utilizada entre os meses de maio e outubro para estudar as experiências pessoais que emergem na comunicação, mediadas pelo computador, especialmente nos jogos de papéis, a partir das observações de campo e entrevistas em profundidade realizadas na Internet (TURKLE, 1997).

Angrosino (2009) lembra que a etnografia descreve um grupo humano, seus comportamentos interpessoais, as produções materiais e crenças. Dessa forma, vários estudos têm utilizado o método etnográfico como estratégia de pesquisa para estudar temas, como a identidade e a sociabilidade *on-line* no estabelecimento de categorias *on-line*, nas regras de comportamento, na resolução de conflitos, no sentimento de pertença ao grupo, adaptando a observação participante e a realização da entrevista semiestruturada.

A observação participante foi valorizada, nesta pesquisa, porque consiste na participação do pesquisador com a comunidade ou grupo. Nesse processo, o pesquisador “se incorpora ao grupo, confunde-se com ele” (LAKATOS, 2003, p. 193).

Desse modo, Mann (1970, p. 96 *apud* LAKATOS, 2003, p. 193) lembra que a observação participante é uma "tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tomando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles". Sendo assim, a observação foi realizada de modo artificial e enquanto a pesquisadora observava foi se integrando ao grupo com a finalidade de obter informações.

A entrevista semiestruturada foi entendida aqui como um momento entre duas pessoas ou mais, com o objetivo de obter informações sobre determinado assunto. Esse instrumento é um procedimento utilizado na investigação social para coletar dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (LAKATOS, 2003, p. 195).

Desse modo, esta pesquisa utilizou a entrevista semiestruturada para coletar informações sobre o uso da Rede Social e verificar de que modo o *Instagram* influencia na construção da identidade das adolescentes pretas.

Além disso, foram observados aspectos referentes ao objeto de estudo e, também, para a coleta de dados com adolescentes foi utilizado um documentário com os relatos das adolescentes, depois de autorizados pelos pais e/ou responsáveis. Sendo assim, a pesquisa do tipo etnografia virtual analisou diversos fatores de um mesmo fenômeno.

Enfim, foram feitas observação participante, entrevistas semiestruturadas *on-line* e questionários fechados e abertos por e-mail e *chat*, entre os meses de setembro e novembro, com objetivo de explorar diferentes aspectos da vida social na Internet por adolescentes da turma da 8ª e 9ª anos finais do ensino Fundamental.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas na plataforma *Google Meet*, entre os meses de outubro e novembro, respeitando a individualidade de cada participante da pesquisa.

Nesse sentido, a entrevista foi realizada para a obtenção de informações das interlocutoras entrevistadas sobre o tema/problema investigado.

Para a aplicação desse instrumento seguimos as orientações de Lakatos (2003, p. 196), buscando a compreensão de que,

O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

Os questionários fechados e abertos que por definição é um instrumento de coleta de dados, com perguntas que podem ser respondidas por escrito e com ou sem a presença do entrevistador. Lakatos (2003) explica que o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.

O grupo focal por definição é uma técnica com pessoas selecionadas, que devem ter alguma vivência como o que será discutido. Segundo Powell e Single (1996, p. 449 apud Gatti, 2005, p. 7) este instrumento se define como um conjunto de pessoas selecionadas para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal.

Desse modo, nesta pesquisa, o grupo focal da pesquisa foi formado por adolescentes entre 13 e 15 anos que se autodeclararam negras. É importante destacar que na condução do grupo focal, foi respeitado o princípio da não diretividade, que não teve interferências, como

intervenções diretas. A composição do grupo de adolescentes selecionadas pela pesquisa possui características homogêneas, mas, que tem opiniões diferentes, pois, são indivíduos-sujeitos que se caracterizam pelas suas subjetividades.

Para selecionar as adolescentes, interlocutoras da pesquisa, no primeiro momento, procuramos observar quais seriam suas definições de beleza nas falas e dizeres na Rede Social *Instagram*. Após identificar as adolescentes na Rede Social, procuramos localizar essas adolescentes nas escolas onde estudam.

A decisão foi por selecionar adolescentes que são usuárias do *Instagram* e que estudam em escolas que ofertam anos finais do Ensino Fundamental, sediadas no centro urbano de Jequié - BA. Para tanto, mantivemos contato com a direção das escolas e com os pais, mães e/ou responsáveis pelas adolescentes selecionadas no primeiro momento e, após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Uesb, aplicamos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE.

Desse modo, a mediação entre a pesquisadora e as interlocutoras da pesquisa ocorreu no espaço escolar e no ambiente virtual e essa relação teve características próprias, utilizando a linguagem e a gramática usadas/empregadas pela Rede Social *Instagram*.

Nesses momentos de observação das interações/observação participante que a pesquisadora voltou à atenção exigida pela etnografia *on-line* para orientação e verificação de detalhes distintos da coleta de dados de forma presencial. Para tanto, foram observadas as discussões das adolescentes na Internet, isto é, na rede social *Instagram*, e, assim, ficamos atentas para os textos escritos, *emoticons*, imagens e até mesmo para os links publicados pelas pesquisadas.

O local das sessões e o registro das interações ocorreram pela plataforma *Google Meet*. Para Gatti (2005) este local favorece a interação entre as participantes. Todos os encontros foram gravados pela pesquisadora e foi elaborado um roteiro para cada encontro. O roteiro elaborado procurou orientar e estimular a discussão no grupo.

Os questionários fechados e abertos foram utilizados no grupo focal, observando o que diz Gatti (2005, p.10) sobre esse instrumento, quando afirma que o uso de questionários propicia a exposição ampla de ideias e perspectivas e, também, permite trazer à tona respostas mais completas e possibilita também verificar a lógica ou as representações que conduzem às respostas.

Para a coleta de dados foram realizados cinco encontros com o grupo focal, entre os

meses de setembro e novembro de 2022, utilizando os instrumentos questionários, roteiros de entrevista e observação.

Vale salientar, como destaca Gatti (2005, p. 12), que o foco no assunto deve ser utilizado pela pesquisa, mas deve ser capaz de criar um clima aberto às discussões, e o mais possível livre de ameaças. Cada encontro deve ter, no máximo, uma hora e meia.

O primeiro encontro do grupo focal, realizado no dia 10 de outubro de 2022, foi aplicado para falar novamente sobre a pesquisa, explicar sobre a participação. Conforme Gatti (2005, p. 10), os participantes precisam sentir confiança para expressar suas opiniões e enveredar pelos ângulos que quiserem em uma participação ativa.

Desse modo, o processo do grupal proporcionou momentos com as participantes, tanto nos aspectos comunicacionais como cognitivos e afetivos. Para o grupo de interlocutoras da pesquisa foi exposto o problema estabelecido pela pesquisa, além de outras questões de pesquisa. Para isso, foram informados os objetivos e para explicar o papel enquanto pesquisadora foi proposto algumas questões para ouvir as participantes e, por fim, garantir o sigilo dos registros e da identidade.

O segundo encontro foi realizado no dia 20 de outubro de 2022 e abriu uma discussão dialógica sobre as seguintes temáticas da pesquisa: relação com as redes sociais, identidade, dinâmicas.

As participantes foram orientadas e estimuladas a se sentirem livres para compartilhar seus pontos de vista, mesmo que algumas vezes foram surgindo outras questões de pesquisa sobre as discussões propostas. Nesse encontro, algumas adolescentes mostraram sentir vergonha e preferir apenas ouvir as discussões, sem participar das discussões de forma efetiva.

O terceiro encontro foi realizado no dia 04 de novembro 2022 e, nesse momento, a pesquisa utilizou uma roda de conversas sobre as temáticas selecionadas pela investigação. As discussões foram totalmente abertas em torno da questão proposta pela pesquisa e, tudo e qualquer tipo de reflexão e contribuição das participantes, interlocutoras da pesquisa, foi importante para pesquisa.

O quarto e quinto encontro aconteceram, respectivamente, nos dias 10 e 18 de novembro de 2022 e foi informado para as interlocutoras, o término da coleta de dados. Sobre essa etapa de aplicação do grupo focal, Gatti (2005, p. 34) alerta que é importante informar às participantes sobre o detalhamento da pesquisa.

Nesta pesquisa, as adolescentes, interlocutoras da pesquisa, foram informadas sobre

todos os aspectos e, esse procedimento e tomada de decisão ajudou os membros a equacionar suas últimas participações.

Nesse momento, a pesquisadora pode também solicitar que cada adolescente pudesse fazer uma observação final, caso julgasse necessário ou conveniente em função do processo grupal.

De acordo com Trad (2009), o grupo focal é uma técnica eficaz para tratar de questões da saúde sob o prisma do social.

Nessa pesquisa, a técnica é utilizada para promover interação e entrelaçamento de vivências entre as pesquisadas, de modo a minimizar a influência da pesquisadora no processo de entrevista e valorizar as experiências individuais.

O público-alvo da pesquisa, foi composto por adolescentes com faixa etária entre 13 a 15 anos, alunas do 7º a 9º ano do Ensino Fundamental de cinco escolas públicas e uma escola privada, localizadas no centro urbano da cidade de Jequié-BA e, foram selecionadas através de convite na escola onde estudam e pelo *Instagram*, durante os meses de maio e junho de 2022.

Nesse momento foi realizada pela pesquisadora, chamadas de vídeo para explicar a/ao responsável ou pais/mães das adolescentes sobre a pesquisa. A coleta de campo foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética, quando foi realizado um momento de conversa com as adolescentes para informar novamente como funciona a pesquisa. Para o critério de escolha do público-alvo foi observada a faixa etária e o interesse em participar da pesquisa.

Além disso, foi feita uma análise dos perfis do *Instagram* das participantes do grupo focal, tendo como objetivo ver quem são as representações que elas seguem na categoria de beleza, autoestima, suas inspirações.

Assim, foram selecionadas sete adolescentes como interlocutoras da pesquisa e o critério utilizado para selecionar foi, também, o interesse das participantes e a autorização dos responsáveis/pais/mães.

Para Vergara (2010), o método etnográfico consiste na inserção do pesquisador no ambiente, no dia a dia do grupo investigado. Os dados são coletados no campo, em geral, por meio de observação participante e entrevistas, quase sempre semiestruturadas.

Sendo assim, o método etnográfico tem como objetivo básico sintetizar uma série de valores de mesma natureza, permitindo dessa forma que se tenha uma visão global da variação desses valores, organizar e descrever os dados de três maneiras: por meio de tabelas, de gráficos e de medidas descritivas (GUEDES *et al.*, 2005).

Nesta pesquisa, com base em Mercado (2012), a etnografia virtual foi utilizada seguindo as seguintes etapas: (a) no primeiro momento, foi definido o tema e o problema de pesquisa; (b) procedidos por uma revisão de literatura pertinente ao problema de investigação e escolha da orientação teórica que deu suporte ao estudo; (c) procedido por um levantamento dos sites e listas de discussão relacionada ao tema da pesquisa; (d) seleção das comunidades virtuais consideradas mais pertinentes ao objetivo da pesquisa.

A partir desse entendimento, a presente pesquisa utilizou os passos indicados por Mercado (2012, p. 5) para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica virtual, a saber:

Definição de critérios para a escolha da comunidade virtual alvo da pesquisa: número de membros, grande circulação de mensagens, grau de detalhamento dos dados disponíveis para *download*, entre outros considerados relevantes pelo pesquisador; seleciona-se a comunidade virtual a ser pesquisada; inicia-se o trabalho de campo por meio da apresentação da proposta de pesquisa aos membros da comunidade virtual; procede-se ao acompanhamento da lista de discussão ou site; selecionam-se os documentos disponíveis para download, de acordo com o objeto da pesquisa; procede-se ao download dos documentos; selecionam-se as mensagens trocadas pelos membros da comunidade virtual em um período determinado; classificam-se as mensagens em categorias; selecionam-se os membros da comunidade virtual para possíveis entrevistas *on-line*; realizam-se as entrevistas, se for o caso; registram-se as observações do pesquisador num diário de campo; analisam-se os dados coletados; resgata-se o problema que suscitou a investigação; elaboram-se uma primeira versão do relatório de pesquisa; retorna-se ao campo para a validação dos resultados ou para obter comentários adicionais de membros da comunidade virtual; confrontam-se os resultados obtidos com a(s) teoria(s) que de (ram) suporte à investigação; formula-se a conclusão; elaboram-se a versão final do relatório de pesquisa.

Para a realização dos passos e desenvolvimento de procedimentos e aplicação de técnicas da pesquisa, foram considerados os desdobramentos do objetivo geral da pesquisa, os seus desdobramentos.

Assim, no primeiro momento, ainda na Etapa I - da elaboração do projeto de pesquisa e, durante o seu desenvolvimento, procuramos responder o objetivo específico que se propôs a (1) - Realizar breve levantamento bibliográfico para verificar o que dizem os referenciais teóricos sobre a formação dos ideais de beleza no decorrer da história, observando o que falam sobre a construção histórica do corpo feminino e da imagem da mulher na sociedade brasileira para construir o marco teórico da pesquisa e de que modo os padrões de beleza afetam o corpo feminino negro.

Para tanto, foi elaborado o Marco Teórico da Pesquisa, que considerou os itens e subitens que compõem a Parte II, desta dissertação, além de realizar a análise documental

para caracterizar o município de Jequié, BA, com a pretensão de contextualizar o campo da pesquisa, a população e, especificamente, os interlocutores investigados, adolescentes que estudam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Jequié, BA.

Desse modo, com o questionário elaborado no *Google Forms*, com questões abertas e fechadas, buscamos responder o objetivo específico que se propôs a identificar qual é a forma de relação entre adolescentes pretas, interlocutoras da pesquisa, alunas dos anos finais do ensino fundamental com a rede social *Instagram*.

Enfim, a pesquisa, além de disso, procurou analisar a relação entre o *Instagram* e a construção de subjetividades das alunas adolescentes pretas e quais as definições de beleza são utilizadas pelas interlocutoras da pesquisa e a influência dessa Rede Social na vida das usuárias, satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor da pele, cabelos, dentre outros).

3.2 caracterização do município de Jequié–BA e seu território de identidade

A cidade de Jequié tem, de acordo com o último censo do IBGE (2010), um total de 151.895 pessoas e seu atual prefeito é Zenildo Brandão Santana. Este município tem como bioma, a Caatinga e a Mata Atlântica e possui como hierarquia urbana o Centro Regional.

Este município fica sediado no Território de Identidade Médio Rio das Contas, composto por 16 municípios e está localizado entre o Centro Sul e o Sul Baiano, ocupando uma área de 9.881 km² (IBGE, 2011), o que corresponde a aproximadamente 1,7% do território estadual (BAHIA, 2022).

Esse território é composto pelas seguintes cidades: Aiquara, Apuarema, Barra do Rocha, Boa Nova, Dário Meira, Gongogi, Ibirataia, Ipiaú, Itagi, Itagibá, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Nova Ibiá, Ubatã, Itamari. Além disso, a cidade de Jequié foi o primeiro município a ser criado em 1897.

Vejamos, abaixo, a Figura 2 – Mapa de Jequié, município sediado na Região Sudoeste da Bahia, região Nordeste do Brasil.

Figura 2 - Mapa de Jequié, Estado da Bahia.



Fonte: IBGE (2022).

Entretanto, sua origem remonta ao período colonial, quando a Fazenda Borda da Mata, inicialmente sede da sesmaria do capitão-mor João Gonçalves da Costa, foi dividida em vários lotes e um dos lotes foi denominado de Jequié e Barra de Jequié.

A cultura sertaneja é bastante difundida na região, que tem ainda as festas juninas como atrativo turístico, especialmente em Jequié (BAHIA, 2013).

O Centro de Cultura Antonio Carlos Magalhães, localizado em Jequié, também é um equipamento na vida cultural do Médio Rio das Contas. Em 2017, o espaço recebeu 182 eventos e atingiu um público aproximado de 52.300 pessoas (SUDECULT, 2017).

O território está quase completamente inserido na Bacia Hidrográfica do Rio de Contas, possuindo apenas um pequeno trecho da Bacia do Recôncavo Sul que passa pela porção nordeste do TI. A Caatinga, Vegetação Secundária e Contato Caatinga/Floresta Estacional compõem a cobertura natural do TI, mais preservada entre Jequié, Boa Nova e Manoel Vitorino e no Extremo Oeste Território. As pastagens estão presentes em toda área, exceto para as extensões de policultura.

No o site⁷ oficial da Prefeitura Municipal de Jequié, este município é originado da sesmaria do capitão-mor João Gonçalves da Costa, que sediava a Fazenda Borda da Mata. Essa propriedade mais tarde foi vendida a José de Sá Bittencourt, refugiado na Bahia, após o fracasso da Inconfidência Mineira.

Em 1789, com sua morte, a fazenda foi dividida entre os herdeiros em vários lotes em deles foi denominado de Jequié e Barra de Jequié. Nesse processo, em pouco tempo, Jequié

⁷ Site oficial da Prefeitura Municipal de Jequié <http://www.jequie.ba.gov.br/a-cidade/>

tornou-se distrito de Maracás, e dele se desmembrou, tendo como primeiro intendente (prefeito) Urbano Gondim.

Sendo que, a partir de 1910, esse distrito se torna cidade e já se transforma em um dos maiores e mais ricos municípios baianos. É uma cidade que possui baica fluvial relevante e pelo curso navegável do Rio das Contas, pequenas embarcações desciam transportando hortifrutigranjeiros e outros produtos de subsistência.

Quando ainda era povoado, os mascates iam, de porta em porta, vendendo toalhas, rendas, tecidos e outros artigos trazidos de cidades mais desenvolvidas e os tropeiros chegavam igualmente a Jequié carregando seus produtos em lombo de burro.

O principal ponto de revenda das mercadorias de canoieiros, mascates e tropeiros deu origem à atual Praça Luis Viana, que tem esse nome devido a uma homenagem ao governador que emancipou a cidade.

3.3 Caracterização da localidade, Jequié - BA

As adolescentes pesquisadas residem em diferentes localidades na cidade. Como podemos observar no quadro, a seguir:

Quadro 1- Quantidade de adolescentes por localidade, 2022.

Bairro	Quantidade de adolescentes
Mandacaru	03
Jardim Tropical	01
Joaquim Romão	01
São Judas	01
Vila Rodoviária	01

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

Os bairros em Jequié de acordo com o Wikipedida (2021), Jequié tem 2.969,034 km² (IBGE), possuindo os seguintes distritos: Jequié (sede), Baixão, Barra Avenida, Boaçú, Florestal, Itaibó, Itajuru, Monte Branco e Oriente Novo. Sua sede também está dividida em muitos bairros, entre eles estão Curral Novo, Jequiezinho, Mandacaru, Alto da Boa Vista, São Luiz, Campo do América, Joaquim Romão, Cidade Nova, Jardim Alvorada, Jardim Eldorado, Vila Rodoviária, Água Branca, Urbis I (Casas Populares), Urbis III e IV (Agarradinho), Pedras do Parque, Bairro km 3 e km 4, Bela Vista, Gustavo Ribeiro, São José, Pompílio Sampaio, São Judas Tadeu, Parque das Algarobas, Osvaldo Costa Brito, Mirassol,

Tropical, Itaigara, Brasil Novo, Vovó Camila, Amaralina, Caranguejo (Prodecó), Zimbrunes, Baixa do Bonfim, Quilombo Urbano de Barro Preto, Sol Nascente, Cururu, *Pau Ferro*, Alto do Cemitério, Posto Manoel Antônio e Inocoop.

Figura 3 – Foto da cidade Jequié – BA.



Fonte: Google Imagens, 2023.

De acordo com a divisão territorial, os bairros das adolescentes pesquisadas ficam ao redor do Centro, podemos concluir que são áreas periféricas.

“Pois, existe uma lógica que é o estabelecimento de áreas centrais, direcionadas à população mais abastada e áreas marginalizadas destinadas à população historicamente pobre e subjugada, em sua maioria negra” (CUNHA, 2019).

Desse modo, a realidade vivenciada pelas participantes da pesquisa tem relação com as experiências dentro de suas localidades.

Na Figura 4, está localizado um dos pontos de encontro das adolescentes, a Praça, que fica localizada no Centro da cidade.

Figura 4 - Praça Ruy Barbosa, Jequié-Bahia.



Fonte: Google Imagens, 2023.

É importante ressaltar que 03 participantes necessitam sair do seu bairro para estudar em outro local, devido à qualidade da educação e a falta de oportunidade no bairro que reside.

A democracia urbana para Held (2008, p. 114), “implicaria a igualdade dos lugares, a participação igual nas trocas globais”, contudo o que temos socialmente estabelecido é uma hierarquia dos lugares.

3.4 Perfil das adolescentes participantes

Os convites para participar da pesquisa aconteceram de duas maneiras, com visita nas escolas, na qual duas participantes aceitaram o convite, as outras cinco participantes foram através de convite pelo *Instagram* e, essa escolha aconteceu por observar as características físicas nas fotos dos perfis.

Durante as conversas informais um total de sete adolescentes se autodeclararam pretas e, todas elas, (07) adolescentes aceitaram participar da pesquisa.

É importante informar que, no início da Etapa I, da pesquisa exploratória para seleção de interlocutoras, foi um total de 16 adolescentes que mostrou interesse pela pesquisa, porém, 04 não tiveram autorização do responsável e 05 desistiram por conta própria.

Para obter informações sobre os adolescentes, ocorreram através de conversa informal e pelo formulário do *Google Forms*, sendo enviado pelo grupo do *Whatsapp*. Foram analisadas também suas fotos no perfil. No questionário aberto as interlocutoras foram

perguntadas sobre a sua idade, a sua autodeclaração de etnia, cor da pele, raça, considerando as seguintes variáveis: indígena, preta, parda, amarela, branca e se outra especificar. Além disso, foram perguntadas sobre a série dos anos finais do ensino fundamental que estudam; o que gostam de fazer quando não estão na escola, se possui redes sociais? Qual ou quais redes costumam passar mais tempo, se tem *Instagram*, quais perfis mais gostam de seguir, se tem algum perfil que elas se inspiram e quais perfis femininos segue.

O Quadro 2 mostra o perfil das adolescentes que participaram da pesquisa, a saber:

Quadro 2- Perfil das interlocutoras da pesquisa, 2022.

Nome das Interlocutoras	Perfil das interlocutoras da pesquisa
Rafaela	Adolescente, 14 anos, cabelos cacheados , tom de pele clara , residente no bairro Jardim Tropical, estudante da rede Municipal de ensino, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental.
Sheuba	Adolescente, 15 anos, cabelos cacheados , tom de pele clara , residente do bairro Mandacaru, estudante da rede privada de ensino, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental.
Patrícia	Adolescente, 13 anos, cabelos cacheados , tom de pele retinta , residente do bairro Vila Rodoviária, estudante da rede municipal de ensino, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental.
Sthefane	Adolescente, 14 anos, cabelos cacheados , tom de pele clara , residente do bairro Joaquim Romão, estudante da rede municipal de ensino, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental.
Isa	Adolescente, 15 anos, cabelos cacheados , tom de pele retinta , residente do bairro São Judas, estudante da rede municipal de ensino, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental.
Lairis	Adolescente, 13 anos, cabelos cacheados , tom de pele retinta , residente do bairro Mandacaru, estudante da rede municipal de ensino, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental.
Michele	Adolescente, 14 anos, cabelos cacheados , tom de pele retinta , residente do bairro Jardim Tropical, estudante da rede municipal de ensino, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

As adolescentes, conforme a análise dos resultados são residentes do perímetro urbano da cidade de Jequié - BA. Do total de sete escolas frequentadas pelas participantes, seis delas são Escolas Públicas da Rede Municipal de Ensino e uma da Rede Privada de Ensino.

Desse total, duas tem 13 anos de idade, três com 14 anos e duas com 15 anos de idade. Conforme a análise dos resultados de dados coletados sobre o perfil das interlocutoras foi possível observar que uma das características fenotípicas mais identificadas se refere ao tipo de cabelo que, ao serem perguntadas, as interlocutoras responderam que possuem cabelos cacheados ou crespos, “assumidos”, ou seja, sem químicas e sem medo do padrão eurocêntrico.

Como explica Gomes (2017, p. 98),

A ideologia da raça biológica encontra nos sinais diacríticos “cor da pele”, “tipo de cabelo”, “formato do corpo” o seu argumento central para inferiorizar os negros, transformando-os (sobretudo a cor da pele) nos principais ícones classificatórios dos negros e brancos no Brasil.

Podemos assim, entender o cabelo como sinal de resistência na sociedade brasileira. Gomes (2020) comenta que as jovens negras, nos últimos dez anos, passaram a assumir a negritude inscrita em seus cabelos, como forma de afirmação identitária. Pois, cortar os cabelos alisados é um processo difícil e doloroso, que faz parte não apenas de uma mudança física e estética, mas, identitária.

Assim, o cabelo da mulher negra tem um significado e uma importância que envolve diversos determinantes, como a estética vigente na sociedade e a ditadura do cabelo liso, que pode interferir na subjetividade e no reconhecimento da identidade negra das mulheres.

Desse modo, Freitas (2018, p. 84) explica que,

o processo de transição capilar que foi vivido por estas mulheres negras fez parte do “tornar-se negro” em meio a uma estrutura que estigmatiza a população negra. A partir do momento em que as mulheres decidiram se questionar e romper com a lógica hegemônica, foi demonstrado o início da construção da identidade negra, a origem do tornar-se negro.

Assim, podemos interpretar o uso do cabelo crespo ou cacheado como forma de libertação, que passam as barreiras do racismo e do torna-se negra. Pois, as mulheres negras recriam a identidade delas, retiram do cabelo crespo, o papel de estrito de contestação, símbolo e mecanismo político.

Esse processo levam as mulheres pretas para além da libertação de estigmas sobre seus corpos e cabelos, fazendo com que o entendimento de seus cabelos, corpos e subjetividade sejam ampliados (FREITAS, 2018).

Dessa forma, podemos pensar que como o cabelo e a forma que ele se apresenta como pertencimento e luta. E, para, além disso, um modo de mostrar resistência.

Nesse sentido é possível, assim, refletir que o corpo fala sobre como nos vemos no mundo, pois, o nosso estar no mundo, ser visto no mundo, percebido, se dá através da mediação no espaço e no tempo. Se antes ter um cabelo cacheado ou crespo era sinônimo de feio, duro e ruim, hoje ele é visto por muitas mulheres como bonito e valorizado.

Quando foram perguntadas sobre a cor da pele, do total de 07 adolescentes que responderam essa questão, três delas disseram que tem pele clara e quatro delas responderam que possui pele retinta. Portanto, é possível verificar que a maioria atribui características, ao

que tudo indica política a sua relação com o mundo, o corpo negro, desse modo, o modo de ser entendido como um corpo que vem ganhando destaque.

Como lembra Gomes (2017, p. 94),

No Brasil, o corpo negro ganha visibilidade social na tensão entre adaptar-se, revoltar-se ou superar o pensamento racista que o toma por erótico, exótico e violento. Essa superação se dá mediante a publicização da questão racial como um direito, via práticas, projetos, ações políticas, cobrança do Estado e do mundo privado da presença da população negra na mídia [...].

3.5 A entrada no campo: coleta, tratamento, análise dos resultados e discussão

A coleta de dados teve como foco o problema estabelecido e os objetivos gerais da pesquisa e seus desdobramentos formulados para orientar o desenvolvimento das Etapas e passos da pesquisa, considerando como holofote a proposição formulada pela investigação.

Desse modo, aqui, nesse item 3.5, a pesquisa procurou o seguinte objetivo específico: (2) - Identificar qual é a forma de relação de adolescentes pretas, interlocutoras da pesquisa, alunas de escolas de ensino fundamental, campo de pesquisa, com a rede social Instagram.

Nessa perspectiva, mostramos os **Resultados e discussão de dados da pesquisa**, apresentando análise das conversas informais com as interlocutoras, das entrevistas semiestruturadas, da etnografia virtual, que compõem a parte descritiva e qualitativa da pesquisa, utilizando a abordagem descritivo-interpretativa.

Primeiro foi realizada leituras flutuantes do material das entrevistas, buscando explorar as respostas das entrevistadas, identificar os conceitos e categorias de análise, atentando-se sempre para o marco teórico da pesquisa, isto é, do referencial teórico utilizado pela pesquisa e esses resultados foram expostos a seguir.

Além disso, procurou buscar identificar 3.5.1 Quem são as adolescentes negras, interlocutoras da pesquisa, usuárias da Rede Social *Instagram*.

A aplicação de técnicas da abordagem etnográfica virtual seguiu os procedimentos e passos desenhados por Mercado (2012, p. 5).

No primeiro passo, a pesquisa procurou definir os critérios para a escolha da comunidade virtual alvo da pesquisa: adolescentes autodeclaradas pretas (negras), alunas do Ensino Fundamental, anos finais, na cidade de Jequié – BA, que utilizam a Rede Social *Instagram* e que decidiram pela participação na pesquisa.

No segundo passo, foram observados pela pesquisa os seguintes aspectos: número de membros, grande circulação de mensagens, grau de detalhamento dos dados disponíveis para

download, entre outros considerados relevantes pela pesquisadora. Após conversas informais, e disponibilização do contato com responsável, iniciaram os primeiros contatos, chamada de áudio pelo *WhatsApp* para os responsáveis, com o objetivo de explicar a pesquisa.

Após esse momento, foi enviado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para assinatura de ambos, foi criado um grupo de *WhatsApp* intitulado “Grupo Bem-me-querer” com as adolescentes. Neste grupo, foi possível manter os contatos e aproximações, nos conhecer melhor e fortalecer os vínculos. Além disso, todas as informações e dúvidas foram colocadas nesse ambiente.

O questionário feito no *Google Forms* foi enviado por esse ambiente e solicitado que todas respondessem. Essa etapa da pesquisa foi iniciada no dia 26 de setembro de 2022, após aprovação do Conselho de Ética.

Em seguida, no dia 10 de outubro de 2022, foi iniciado o trabalho de campo por meio da apresentação da proposta de pesquisa aos membros da comunidade virtual que procedeu ao acompanhamento da lista de discussão no site e foram selecionados os documentos disponíveis para *download*, de acordo com o objeto da pesquisa.

Seguindo os passos determinados por Mercado (2012, p. 5) procedeu-se ao *download* dos documentos, selecionando as mensagens trocadas pelos membros da comunidade virtual no período determinado pela investigação, de setembro e novembro de 2022.

Considerando os procedimentos da etnografia virtual por Mercado (2012), a partir daí foram classificadas as margens em categorias e, logo, foram selecionados os membros da comunidade virtual para a realização das entrevistas *online*. Após o término das entrevistas *online*, iniciamos o grupo focal, de forma isolada ou combinada com outras técnicas de coleta de dados primários, que se revelaram especialmente útil para a pesquisa.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Sendo que, para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

O grupo focal, realizado pela plataforma *Google Meet*, aconteceu em uma realização por semana, com duração em média de 90 minutos cada. Em cada encontro abordamos um tema específico na seguinte ordem:

Racismo, preconceito e discriminação
Papel da Mulher na Sociedade
Empoderamento Feminino
Padrões de Beleza

A participação ocorreu de forma livre e espontânea. Gaskell (2002, p. 79) considera que os grupos focais propiciam um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes. Um debate que se fundamenta numa discussão racional na qual as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração.

Desse modo, o grupo focal foi aplicado pela pesquisa com objetivo compreender como as participantes entendiam os temas e como elas se comportavam diante deles. Considerando as múltiplas finalidades dos grupos focais descritas acima, é possível dizer que um dos passos mais importantes ao se planejar um grupo focal é estabelecer o propósito da sessão (BARBOUR; KITZINGER, 1999).

O roteiro de questões no grupo focal foi com poucos itens, apenas para nortear como o grupo iria funcionar, permitindo uma flexibilidade no grupo, podendo assim surgir temas que não estavam propostos no primeiro momento. Na formatação do roteiro dos grupos, foi imprescindível não perder de vista a coerência deste processo com o referencial teórico-metodológico adotado na pesquisa (TRAD, 2009).

Por fim, para se analisar os conteúdos obtidos pelo grupo focal, realizado entre os meses de outubro e novembro de 2022, enfatizamos a necessidade de utilização, nesse processo, de um método capaz de apreender opiniões solidamente mantidas e frequentemente expressas (GOMES; BARBOSA, 1999). Desse modo, o instrumento utilizado para o tratamento de dados foi análise descritivo-interpretativa.

De acordo com Triviños (1987, p. 110), “o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”, sendo utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

Desse modo, a pesquisa buscou descrever como o *Instagram* pode influenciar na construção da identidade das adolescentes da pesquisa. Portanto, o estudo descritivo qualitativo teve como objetivo observar não só a aparência do fenômeno, como também suas especificidades, buscando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

3.5.1 Quem são as adolescentes autodeclaradas negras e modo de participação das interlocutoras na pesquisa

As adolescentes participantes da pesquisa com idade entre 13 e 15 anos, nascidas entre 2007 e 2009. São residentes nos bairros Jequezinho, Joaquim Romão, Mandacaru, Jardim Tropical, Vila Rodoviária e São Judas Tadeu e corroboraram com a coleta de dados da investigação e foi valorizada a influência exercida por outras no sentido de facilitar ou favorecer a expressão de respostas individuais, conforme orientações de Norman Triplet (1987).

A primeira etapa da pesquisa foi realizada com aplicação do questionário (formulário) com perguntas fechadas e abertas elaborado pelo *Google Forms*, com as seguintes perguntas:

- a) Nome Completo;
- b) Qual é a sua cor ou raça/etnia? ;
- c) Qual sua série? ;
- d) O que gosta de fazer quando não está na escola? ;
- e) Tem redes sociais? Se sim, qual ? ;
- f) Tem *Instagram*;
- g) Quais perfis você mais gosta de seguir? Coloque os perfis;
- h) Qual ou quais redes você passa mais tempo?;
- i) Tem algum perfil que te inspira? Qual?;
- j) Quais perfis femininos você segue? Escreva três perfis;

Esse formulário foi elaborado com o objetivo principal de conhecer o perfil dessas adolescentes e saber sobre sua pertença étnico-racial através da autodeclaração. Dessa forma, a coleta de dados ocorreu sem dificuldades de forma rápida e objetiva através da aproximação da pesquisadora com o campo e, por meio de uma conversa informal pelo *Whatsapp*, na qual falamos da intenção do formulário e as informações citadas acima.

Os nomes das interlocutors utilizados no trabalho são fictícios, sendo inspirados em digitais *influencers* do *Instagram*, com a intenção não utilizar o nome próprio das adolescentes. Como também foi relatado que se tratava de um levantamento do perfil das adolescentes. O envio do formulário se deu através do aplicativo *WhatsApp*, sem nenhuma dificuldade no preenchimento e devolução do mesmo.

Depois desse momento foram marcadas as entrevistas, explicando de que modo seriam realizadas e a escolha foi por acontecer de forma individual pela plataforma *Google Meet*. Foi agendado também os cinco encontros do grupo focal que foram aplicados pela pesquisadora. Vejamos no Quadro 3, o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa, mostrando o seu modo de participação na investigação.

Quadro 3– Modo de participação das adolescentes pesquisadas, Jequié-BA, 2022.

Nome das Interlocutoras	Perfil das interlocutoras da pesquisa
Rafaela	Durante a pesquisa mostrou-se tímida, pouco participativa no grupo, na entrevista realizada respondia de forma objetiva, sem muito diálogo. Nos encontros, só se expressava quando era solicitada.
Sheuba	Durante a pesquisa mostrou-se extrovertida, participativa no grupo, na entrevista realizada respondia de forma objetiva, dialogava bastante e nos encontros, expressava-se sem necessitar solicitá-la.
Patrícia	Durante a pesquisa mostrou-se tímida, pouco participativa no grupo, na entrevista realizada respondia de forma objetiva, sem muito diálogo. Nos encontros, só se expressava quando era solicitada.
Sthefane	Durante a pesquisa mostrou-se extrovertida, participativa no grupo, na entrevista realizada respondia de forma objetiva, dialogava bastante e nos encontros, expressava-se sem necessitar solicitá-la.
Isa	Durante a pesquisa mostrou-se extrovertida, participativa no grupo, na entrevista realizada respondia de forma objetiva, dialogava bastante e nos encontros, expressava-se sem necessitar solicitá-la.
Lairis	Durante a pesquisa mostrou-se extrovertida, participativa no grupo, na entrevista realizada respondia de forma objetiva, dialogava bastante e nos encontros, expressava-se sem necessitar solicitá-la.
Michele	Durante a pesquisa mostrou-se tímida, pouco participativa no grupo, na entrevista realizada respondia de forma objetiva, sem muito diálogo. Nos encontros, só se expressava quando era solicitada.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

As participantes da pesquisa sempre foram colaborativas, estiveram presentes em todas as etapas da pesquisa, apenas uma delas, a Lairis, que teve problema com o seu aparelho celular e não participou dos últimos encontros. Outra situação que é importante destacar: a interlocutora Rafaela, em alguns momentos, que foi possível a pesquisadora perceber que, ao que tudo indica, ela não compreendia o que estava sendo perguntado e, por isso, por algumas

vezes, foi sucinta em suas respostas.

Em relação às dificuldades da pesquisa, as maiores barreiras encontradas foram as participantes com resistência a ligar a câmera, problemas de conexão por algumas vezes, qualidade de algumas imagens, dificuldade em encontrar horários que todas pudessem participar.

Porém, mesmo com todos os contratempos conseguimos finalizar todas as etapas planejadas para a execução da pesquisa.

Para entender melhor o processo de negação (ou não) da identidade e por consequência da sua cor, foi necessário pensar sobre todo o processo de colonização. Pois, no pensamento dos racistas, a cor preta é tida como uma essência que escurece, tingindo negativamente a mente, o espírito, as qualidades morais, intelectuais e estéticas das populações não brancas, em especial, as negras (GOMES, 2020). E, com isso, negação da sua cor e, na pesquisa, foi possível perceber essa questão através da autodeclaração das adolescentes participante da pesquisa.

Concluindo a análise do formulário *Google Forms*/questionário, continuamos com o próximo passo e, assim, esse instrumento foi enviado pelo *WhatsApp*, e, nesse momento, foi realizada a primeira reflexão enquanto pesquisadora.

O termo “negras” nesta dissertação foi aplicado para chamar as adolescentes que se autotranscreveram como pretas ou pardas, considerando o modelo dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os dados estatísticos realizados por instituições públicas brasileiras, como o IBGE e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), esse agrupamento ocorre porque os grupos raciais pardo e preto vivem em situação semelhante e bem distante da situação do grupo racial branco (GOMES, 2002).

Sendo assim, existe uma semelhança estatística entre pretos e pardos no acesso, ou na falta de acesso, aos direitos legais, vantagens sociais, bens e benefícios.

Nas conversas informais, as adolescentes quando convidadas para participação na pesquisa, se autodeclararam pretas.

No entanto, em outros momentos do contato com a pesquisadora e foram perguntadas sobre a autodeclaração de cor/raça, a pesquisa obteve as respostas que estão representadas no Quadro 4, que mostra Autodeclaração racial das adolescentes da pesquisa, Jequié-BA, 2022.

Quadro 4– Autodeclaração racial das adolescentes da pesquisa, Jequié-BA, 2022.

Interlocutoras da Pesquisa	Idade	Autodeclaração	Série
Isa	15 anos	Preta	9º ANO
Lairis	13 anos	Preta	8º ANO
Michele	14 anos	Indígena	8º ANO
Patrícia	13 anos	Parda	8º ANO
Rafaela	14 anos	Parda	8º ANO
Sheuba	15 anos	Preta	9º ANO
Sthefane	14 anos	Parda	8º ANO

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

De acordo com o Quadro-4, podemos perceber que os processos de pertencimento da população negra, de autodeclaração ainda estão imbricados pela branquidade.

Neusa Santos Sousa (1983, p. 22) lembra que,

O negro que perde a cor admite que esta metonímia do corpo e da identidade coincide com a totalidade destes existentes, o que é eminentemente falso. Aderindo à ideologia racista da cor, o sujeito cauciona o mito negro fabricado pelo branco. Não apenas aceita sua cor como um predicado pejorativo como pensa que suprimindo-a enquanto representação do espaço do pensamento, suprime sua identidade negra.

Assim, a violência racista age como forma de negação da própria cor. As adolescentes participantes, interlocutoras da pesquisa, Rafaela, Patrícia, Sthefane e Michele apresentam características fenotípicas dos negros.

Desse modo, podemos entender como se constitui a identidade dessas adolescentes, que pode ser compreendida como um processo político, cultural e social que se constrói a partir das relações sociais, ou seja, família, grupos de amigos, escola etc.

Nessa perspectiva, a identidade de cada uma, então, está vinculada a uma classe, um grupo social, uma comunidade que a afirma e confirma (SILVA, 1987, p. 142). Dessa forma, as adolescentes para evitar a dor, negam sua cor, ao se declarar pardas parecem estar mais próximas do ideal normativo – o branco.

Corroborando com essa questão, Sousa (1983, p. 24) afirma que,

o pensamento do negro que “perde a cor” e a identidade negras, para ganhar a “alma branca” (artística, folclórica), também definida pelo branco. Visando evitar a dor, o negro desiste de defender sua “verdade” contra a “verdade” da palavra branca. Expurga de seu pensamento os itens relativos à questão da identidade que ele poderia criar e outorga ao discurso do branco, o arbitrário.

Outro ponto importante para ser ressaltado por esta pesquisa, é que a cor branca com suas características nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana.

Assim, por uma “pressão psicológica visando à manutenção e à reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia “racial” de um grupo sobre outros, os negros introjetaram e internalizaram a beleza do seu corpo forjado ao seu favor” (GOMES, 2020).

Sendo assim, as adolescentes, interlocutoras da pesquisa, que responderam no formulário, identificando-se como pardas, ao que tudo nos indica mostra que “nosso” corpo e suas características constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção da identidade.

Corroborando com essa afirmativa, Ferrari (2006) diz que a busca pela identidade pessoal é a encarnação de todo um complexo sistema de relações sociais presentes antes mesmo da existência do sujeito no mundo. Dessa maneira, entendemos também que o corpo é uma realidade dialética, pois, ao mesmo tempo em que o corpo é natural, ele também é simbólico.

Destarte, quando falamos que o corpo também é simbólico, nos referimos a cultura e sua importância para a sociedade, pois é ela quem dita as regras, os comportamentos aceitáveis, a religião, modo de vestir e andar.

A população brasileira ainda segue enraizada à cultura branca, europeia, cristã, heteronormativa. A sociedade brasileira é racista, misógina, autoritária e, desse modo, dita os comportamentos e influencia diretamente como as adolescentes se percebem no mundo. Desse modo, a cultura dita normas em relação ao corpo, às quais o indivíduo tenderá a conformar-se à custa de castigos e recompensas, até o ponto destes padrões de comportamento apresentarem-se tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos ou o pôr-do-sol (RODRIGUES, 1986, p. 45).

Em relação à cor, podemos perceber também que devido a forma pela qual as supremacias brancas vêm moldando ao longo da história, enaltecendo a branquitude e desfavorecendo as pessoas afrodescendentes, nos dias atuais, são colocados na prática em cartórios a cor preta sendo substituída a classificação por pardo sempre que os pais são de cores diferentes, mesmo que o fenótipo do negro tenha ultrapassado o do branco (SANTANA, 2021).

Dessa forma, como é possível observar no Quadro 4 e compreender o porquê da autodeclaração no formulário aplicado pela pesquisa, de 3 adolescentes autodeclaradas pardas, 3 adolescentes autodeclaradas pretas e uma adolescente autodeclarada indígena.

Vale ressaltar que os traços fenotípicos da adolescente autodeclarada indígena, por

tudo que foi possível perceber, são negros. Essa interlocutora, a adolescente Michele tem cabelos cacheados, nariz alargado, lábios volumosos e cor de pele retinta. Então, ter uma cor mais próxima do branco, permite a essa adolescente ter “uma ascensão social”.

Souza (1983) afirma que o tripé formado pelo contínuo de cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial é tomado como sustentáculo da estrutura das relações raciais no Brasil que produziram as condições de possibilidade de ascensão do negro. Ou seja, se parecer mais próximo do branco, permite a adolescente Michele, no imaginário, a possibilidade que enquanto negra não teria.

Nessa perspectiva, pensamos também em como a branquitude influencia e interfere nas relações raciais brasileiras. Existe um pacto subjetivo não verbalizado, o pacto da branquitude, no qual há uma herança no imaginário coletivo, que não é verbalizada publicamente, mas, que segundo Bento (2022, p. 26),

O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer “tacitamente” a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E no mesmo processo excluir os outros grupos “não iguais” ou não suficientemente meritosos.

Assim, falar sobre essa herança do período escravocrata é pensar como mudar essa realidade vivenciada até os dias atuais. É compreender porque as adolescentes como Rafaela e Michele, negam sua cor e suas características. Precisamos de práticas que possibilitem discutir essas questões em sala de aula, nas redes sociais, em todos os ambientes.

Para que a sociedade seja antirracista, e nessa perspectiva temos o um conceito novo - letramento racial⁸, onde ações e práticas devem ser estabelecidas para acabar com esse pacto, que se perpetua até os dias de hoje.

O letramento crítico, para Ferreira (2015), é como uma ferramenta para entender o contexto político, ideológico e social em que o aluno se insere. Segundo Ferreira (2014, p. 250), “vale dizer que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um

⁸Segundo autores Braúna et al (2022) o conceito que possibilita uma ação entre sujeitos (brancos e negros) que tem como compromisso político-social o combate ao racismo, através de uma reeducação que viabilize uma leitura crítica do racismo no Brasil e suas múltiplas ramificações. O conceito de letramento racial como possibilidade de ação na luta contra o racismo dentro e fora da escola

trabalho crítico no contexto escolar [...]”.

Afinal, o conjunto de instrumentos pedagógicos de que o professor vai lançar mão para trabalhar, nessa perspectiva, é o letramento racial crítico. Desse modo, a escola precisa modificar e romper com currículos e práticas enraizadas do homem branco, para possibilitar conhecimento para Micheles, Rafaelas, Lairis, Shuebas, Isas, Patricias.

3.5 A influência do instagram na definição de perfis de beleza das adolescentes autodeclaradas pretas

Neste tópico, apresentamos o tratamento, a análise e a interpretação dos dados sobre *A influência do Instagram na definição de perfis de beleza das adolescentes autodeclaradas pretas* procurando responder ao desdobramento do objetivo geral que buscou identificar qual é a forma de relação de adolescentes pretas, interlocutoras da pesquisa, alunas de escolas de ensino fundamental em Jequié-Bahia, campo de pesquisa, com a rede social Instagram.

Para tanto, a pesquisa buscou identificar no item 3.5.1 Quem são as adolescentes negras, interlocutoras da pesquisa, usuárias da Rede Social *Instagram* entrevistadas, que responderam à questão do formulário.

Desse modo, de acordo com o formulário/questionário respondido pelas adolescentes, o ponto em comum, que todas gostam do *Instagram* e passam um tempo razoável nessa rede Social. Além disso, no item que pergunta sobre *Qual ou quais redes você passa mais tempo? Coloque seu @*, o perfil da rede social, não foi inscrito, para preservar a identidade das participantes. Porém, esses perfis foram analisados, tendo como objetivo buscar mais informações para a pesquisa.

Para analisar a relação do *Instagram* com construção da identidade das adolescentes, foi necessário analisar os perfis das participantes da pesquisa, para observar os comportamentos e as relações interpessoais. Sendo assim, o nosso campo de pesquisa – o *Instagram* é, aqui, nesta pesquisa entendido como um meio de comunicação e de interação social.

Desse modo, as interações sociais que emergem e se sustentam na criação e atribuição de significados às coisas, às pessoas e aos fatos cotidianos não podem, nem devem, ser reduzidas a uma série estatística sob o risco de se perder as nuances próprias dessas interações e fenômenos que dão origem à diversidade cultural de povos, comunidades e grupos (SANTOS; GOMES, 2013).

Vejamos no Quadro 5, a representação das adolescentes, interlocutoras da pesquisa.

Quadro 5 – Relação das adolescentes autodeclaradas negras com o *Instagram*, interlocutoras da pesquisa, 2022.

Interlocutoras da pesquisa	Tem redes sociais?	Qual ou quais redes você passa mais tempo?	Se tem Instagram, qual perfis você mais gosta de seguir?	Tem algum perfil que te inspira?	Quais perfis femininos você segue?
Rafaela	Sim	<i>Instagram</i>	Não segue perfis	Não	Nenhum
Sheuba	Sim	<i>Instagram</i>	@midianinja. @tntsportsbr	Não sou de me inspirar em perfis de alguma rede social, até pq nas redes somos diferentes da realidade.	@feminismo @casadasmulheresjequie
Patrícia	Sim	<i>Instagram</i> e <i>Whatsapp</i>	@vitóriabomfim @virgínia	@djamilaribeiro	@djamila, @conceçãoevaristo, @taís Araújo
Sthefane	Sim	<i>Tiktok</i> , <i>Instagram</i> e <i>Twitter</i>	Não tenho um de preferência.	Não tenho um de preferência.	@nathbutter @jaquelineguerreiro_ @rufislore
Isa	Sim	<i>Instagram</i>	@rafaelamoreira @sheuba_ @lorerufis @cristianbellk @belledaltro	@africanique	@loresouza @stefanymatos @africanique
Lairis	Sim	<i>Instagram</i>	@Italosanto	@beca barreto @vanessa lopes @italosanto	@beca barreto @vanesa lopes @kamilinha
Michele	Sim	<i>Instagram</i>	@vitóriabm @hitalosantos @sheuba	@hitalosantos	@vitóriabm, @rufislore,laysabr_

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

Nessa análise, não buscamos mensurar padrões, mas observar e descrever como essas adolescentes interagem nas redes sociais.

É importante salientar que Hammersley (1990, apud FINO, 2003)

defende que o método etnográfico é o mais apropriado quando o objeto de análise da pesquisa é a cultura e, portanto, não há definição ou detalhamento prévio sobre que dados serão coletados, nem estabelecimento a priori de categorias de análises. Essas categorias emergem a posteriori mediante a interação do pesquisador com campo de pesquisa e a análise dos dados é fundamentalmente pautada na interpretação de significado e assume uma forma descritiva e interpretativa.

Desse modo, para a pesquisa foi utilizada a etnografia virtual, e, desse modo, foi necessário analisar também os perfis das adolescentes participantes da pesquisa. A análise dos

perfis do *Instagram* utilizou os seguintes critérios:

- Foto do Perfil,
- Destaque
- Publicações;
- Bio da adolescente;
- Quem são as pessoas que seguem;
- E número de seguidores.

Considerando esses critérios aplicados à pesquisa, foi possível chegar à análise de resultados dos dados coletados mostra que a adolescente **Patrícia**, interlocutora da pesquisa, é uma adolescente que se autodeclara parda, mostra que se apresenta sem publicações no perfil, segue 1.105 pessoas de diversas faixas etárias. Tem 2.334 pessoas seguindo. Foi observado que ela segue mais cantoras gospels e brancas. No formulário, respondeu que gosta de seguir: @vitóriabomfim, @virgínia.

Conforme a análise das características físicas foi possível perceber a primeira uma adolescente preta e a segunda, uma mulher branca, digital *influencer* com 42,6 milhões de seguidores, duas filhas e casada com o cantor Zé Felipe.

O perfil dessa interlocutora que é inspiração é o @djamilaribeiro1. No perfil que é inspiração temos a autora negra Djamilia Riberio e Taís Ribeiro dos Santos, uma filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na *Internet* e, atualmente, é colunista do Jornal Folha de São Paulo. Os perfis que gosta de seguir são: @djamilaribeiro1 (escritora negra, autora da coleção feminismos plurais), @conceiçãovaristo (escritora negra, referência na sociedade brasileira), @taís Araújo (atriz negra, referência como atriz no Brasil).

A análise dos resultados da investigação sobre a adolescente **Isa**, interlocutora da pesquisa, é criadora de conteúdo no *Instagram*, faz vídeos engraçados. Mostra 70 publicações no *feeds*. Tem destaque na rede social falando sobre *cachos/transição capilar*. Diversas fotos com o cabelo crespo solto. Segue 1319 pessoas, tem 8622 seguidores. Vale ressaltar que segue lojas e perfis de mulheres pretas.

No formulário, a adolescente participante, interlocutora Isa, respondeu que gosta de seguir @rafaelamoreira (mulher preta, cabelos cacheados, produz *reels* com frases e músicas de reflexão), @sheuba_ (mulher preta, cabelos cacheados e criadora de conteúdo

digital) e @lorerufis (mulher negra, cabelos cacheados, humorista) @cristianbellk (homem negro, cabelos curtos, humorista e empresário) @belledaltro (mulher preta, cabelos lisos, criadora de conteúdo).

E todos esses perfis são de pessoas autodeclaradas pretas ou pretos. São digitais *influencers*. O perfil inspiração é o @africanique, uma página no *insta* de uma mulher preta, a Ellen Monique, conhecida popularmente como africanique, que é um *mix* de África + Nique. Têm 20 anos, digital *influencer* há quase dois anos e diz: “sou Frentista no posto BR. Mostro no meu *Instagram*, o meu *lifestyle*. Repasso mensagens verdadeiras de amor próprio, autocuidado, um pouco do meu conhecimento em maquiagens, saúde da mulher, vagas de emprego, e etc”. Os perfis seguidos são: @loresouza @stefanymatos @africanique. Como abordado anteriormente, mulheres pretas e digitais *influencers*.

A interlocutora **Sthefane** não tem publicações no *feed*, segue 246 pessoas (poucos perfis de pessoas negras. Tem 311 seguidores e destaques de *songs*, *drawings*, *animes*, Marvel e vídeos dela. No formulário respondeu: *Não tenho um de preferência*. Em relação aos perfis que inspiram respondeu: *Não tenho um de preferência*. Em relação aos perfis femininos que segue: @nathbutter (jovem negra, moradora do Rio de Janeiro, digital *influencers*) @jaquelineguerreiro_ (branca, cabelos ruivos, criadora de conteúdo digital, maior YouTuber de True Crime do BR) @rufislore (mulher negra, cabelos cacheados, humorista).

A adolescente **Lairis**, interlocutora da pesquisa, possui uma foto no perfil, com óculos e cabelo solto, apenas uma publicação com a mesma foto no perfil, segue 4.012 pessoas, seguindo 1.347 pessoas. Segue pessoas de todos os públicos, adolescentes, mulheres pretas, cantores e digitais *influencers*. O perfil que mais gosta de seguir é @hytalosantos (homem branco, cabelos pretos, artista). Os perfis que gosta de seguir são: @becabarreto (branca, cabelos lisos, criadora de conteúdo) @vanesalopes (mulher branca, cabelos lisos, criadora de conteúdo digital) e @hytalosantos. Os perfis que inspiram são: @kamilinha (adolescente branca, 15 anos, criadora de conteúdo), @vanessalopes e @becabarreto.

A interlocutora **Rafaela** é uma adolescente que a foto do perfil não mostra o rosto, o celular foi colocado na frente, possui apenas três publicações no perfil e, em todas as fotos, não mostra o rosto. Tem cinco destaques e todas não mostra seu rosto. Segue 1.363 pessoas, sendo a maioria dos perfis de mulheres brancas e tem 679 seguidores. No formulário respondeu que não segue perfis femininos e que não tem inspiração também.

A adolescente **Michele**, não tem foto no perfil, o que chama atenção é o seu usuário que tem japinha e se autodeclara indígena. Segue 717 pessoas, segue mulheres negras. Sua

frase de perfil é “já tive um coração bom, hoje só sinto ódio”. O perfil que tem como inspiração é @hytalosantos (homem branco, cabelos pretos, artista). Os perfis femininos que seguem são: @rufislore (mulher negra, cabelos cacheados, humorista), @vitóriabm (adolescente preta, cabelos crespos, criadora de conteúdo), @laysabr_ (adolescente preta, cabelos cacheados, criadora de conteúdo).

A interlocutora **Sheuba** tem foto no perfil mostram cinco publicações com fotos suas sempre sorrindo com os cabelos cacheados e soltos. Segue 1.315 seguidores, tem 1.215 pessoas a seguindo. Tem destaques como: Me, céu, ABA, Viva o SUS. As pessoas que seguem são adolescentes pretas, brancas, meninos. Não tem perfil de insipiração. Os perfis femininos que mais gosta de seguir são: @feminismo (página de Fernanda Souza, aborda temas como feminismo, antirracismo, política e empoderamento e interseccionalidade) @casadasmulheresjequeie (página da associação Casa das mulheres, onde prestam apoio psicológico, jurídico e social gratuito).

Desse modo, podemos perceber, de acordo com a pesquisa, cada vez mais homens e mulheres pretos e pretas estão tendo representatividade, principalmente na rede Social, *Instagram*. Porém, ainda é notório que alguns dos perfis seguidos pelas participantes da pesquisa, seguem um padrão, branco e normativo.

Durante a pesquisa foi possível observar que as mídias sociais passaram a ter relevância na formação do ser humano e, segundo Cugler e Oliveira (2015), elas informam, educam, conscientizam e influenciam como os homens e mulheres se comportam na sociedade, tornando-se um componente principal para contribuir com a cultura do país.

Assim, estar conectados no *Instagram*, por tudo que foi possível perceber, é um modo de socialização vivenciada pelas adolescentes participantes da pesquisa.

O *Instagram* está na moda e tem a finalidade de comunicação, de abrir espaços de diálogo, expondo consigo o ponto de vista da intimidade, das relações de consumo, das experiências do sujeito. Tal exposição pressupõe uma espera ou convicção na promessa de ser visto ou não ser esquecido. Algo muito parecido quando pensamos em uma dimensão biográfica para as narrativas contemporâneas. (SILVA, 2012, p. 6).

Desse modo, a pesquisa entende e classifica o *Instagram* como uma ferramenta onde eventos, como comentar e “curtir” algumas imagens, ao se tornarem constantes, fazem com que se ocorra uma aproximação e uma confiança entre os indivíduos (PIZA, 2012, p. 23).

Dessa forma, diversas reproduções da sociedade são feitas no ambiente virtual. Podendo assim, influenciar na construção da identidade das adolescentes pretas.

Segundo Carrera (2012, p. 151),

Assim, o uso do Instagram para a postagem de fotos no Facebook permite a adequação a determinados padrões de comportamento que são atrelados a grupos sociais valorizados positivamente, revelando o ator como fiel representante desta associação seleta de pessoas. Dessa forma, além de exibir a posse do bem simbólico (quando fundado, o aplicativo só poderia ser utilizado por usuários do sistema operacional IOS, disponível em aparelhos da Apple, como o Iphone), seu uso deve estar apropriado à sofisticação e ao luxo a ele atribuído. Deste modo, comumente as imagens produzidas envolvem bebidas importadas e pratos sofisticados, paisagens nostálgicas, lugares fotografados sob a tentativa de um olhar artístico e diferenciado etc.

Outro ponto importante para ser mencionado é de que as adolescentes passam bastante tempo na rede, porém postam poucas fotos. Podendo, assim, chamá-las de *Low Profile*⁹, nomenclatura nova, que vem ganhando força nas redes sociais.

Desse modo, elas conseguem estar inseridas no ambiente virtual, porém com pouca exposição. Além disso, podemos também analisar esse comportamento através das construções históricas que foram estabelecidas da sociedade, onde o silenciamento da população preta acontece em todos os ambientes, inclusive na rede. Sendo assim, o *Instagram* não é *colour blind*¹⁰ não é um espaço democrático, que permite as pessoas “esquecerem”, as diferenças raciais, desigualdades sociais, sentimentos, preconceito e discriminação. Pois, quem mais tem acesso a lugares, celulares da marca *Apple*, são os brancos. Para além, observando as minhas participantes nenhuma tem um celular com a qualidade desejável. Nesse sentido, podemos pensar também na expressão de Jesse Daniels¹¹, que a *Internet* tornou-se um espaço fértil para o racismo cibernético, ou seja, “supremacia branca *online*”.

Dessa maneira, surgiu o questionamento: Será que as adolescentes participantes da pesquisa são *low profile* ou estão apenas reproduzindo os comportamentos da sociedade para além das redes sociais? Pois, é importante destacar que “a supremacia branca *online* explora mecanismos exclusivamente baseados na *Web* para “minhar” os direitos civis e os valores da igualdade racial com discurso abertamente racista e antisemita” (DANIELS, 2009, p. 20).

O ato ou efeito de excluir, isolar, ruar, é um ato corajoso, na contemporaneidade, pelos usuários da *Internet* e Rede Sociais e a exclusão ocorre em diferentes níveis, afetando de diferentes formas, dependendo da classe social, da cor da pele, raça, etnia, religião. Assim

⁹ Low profile de acordo com o *Cambridge Dictionary*, o termo faz referência a ações ou comportamentos que não chamam atenção e não geram interesse no público. Ou seja, pessoas discretas que postam pouco, mas, acompanham tudo.

¹⁰ Colour blind segundo o autor Trindade (2022), essa expressão significa “cego/indiferente a cores” com o objetivo de sinalizar ausência de viés de cunho racial. Ou seja, seria dizer que é um ambiente igualitário para todos, todas e todes.

¹¹ A socióloga Jesse Daniels publicou o livro *Cyber Racism (Racismo cibernético)*, no qual expressa que existe o racismo nas redes virtuais.

sendo, o *Instagram*, é um espaço em que raça e racismo são marcadamente significativos. Trata-se de um ambiente onde ocorrem correlações de forças, evidenciando as relações de poder, de grupos, de indivíduos e também de raça, etnia, gênero e outros marcadores sociais da diferença.

Vale ressaltar também que, de acordo com estudo realizado pelo sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz¹², em 2007, foi observado que pessoas brancas têm duas vezes mais acesso à Internet do que pessoas negras, o que contribui para seu maior poder simbólico e para os privilégios no uso dessa moderna tecnologia digital. Desse modo, é possível dizer que o grupo social branco continua reforçando seu poder de forma simbólica dentro dos ambientes *online*. Sendo assim, especificamente no *Instagram* podemos ver diversos *post* racistas, ou comentários ofensivos, preconceito, discriminação, homofobia, sexismo, intolerância religiosa. As adolescentes participantes da pesquisa, durante conversas informais pelo grupo de *Whatsapp*, comentaram sobre essas situações.

-Sigo a página MidiaNinja, lá eles colocam sobre tudo e vejo muitos comentários ruins. Principalmente, sobre negros, mulheres e discriminação sexual. (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

- Eu sou digital influencer e percebo como ocorre a diferença por causa da minha cor de pele, as pessoas só querem permuta. Não me valorizam. (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

- O Instagram é um ambiente que pode ser bom e ruim, eu mesma já tive vergonha de postar foto minha. Por causa dos comentários (PATRÍCIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Mediante respostas das adolescentes, podemos perceber que de acordo com Trindade (2022, p. 77),

As redes sociais (sobretudo *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, mas não somente essas) se tornaram uma arena virtual que permite às pessoas destilarem toda sorte de discursos racistas, misóginos e discriminatórios contra diversos grupos sociais. Essa tecnologia digital lhes proporcionou a capacidade não apenas de construir discursos de ódio, mas também de disseminá-los para um público muito amplo e de forma instantânea.

Dessa maneira, as situações que acontecem no ambiente *off-line* (vida real), perpassam os muros invisíveis e chegam às redes sociais, através de discurso de ódio, fakenews (informações falsas), reforçando e reafirmando inúmeros estereótipos, preconceitos e discriminação em relação à população negra.

¹² Waiselfisz, Julio Jacob. Mapa das desigualdades digitais no Brasil. Brasília, DF, Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA, 2007. Disponível em: https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/mapa_desigualdades_digitais.pdf. Acesso em 10 mar.2023.

Além disso, devido aos recursos que o grupo social branco tem também a maior visibilidade no *Instagram* aumenta e, por consequência, são os mais conhecidos e seguidos. Sendo assim, podemos compreender este ponto, para entender os perfis seguidos pelas adolescentes. Essa reflexão é importante porque nos ajuda a compreender que as atitudes e comportamento das pessoas no ambiente virtual não estão dissociados do ambiente *off-line*, de tal forma que seus valores, crenças e ideologias também são espelhados ou replicados nas redes sociais (TRINDADE, 2022, p. 78). Pois, essas redes são formadas por milhões ou bilhões de pessoas interligadas, ou seja, usuários ativos.

Vale ressaltar, que segundo a pesquisa no relatório Digital¹³ 2021, o *Instagram* tem 95 milhões de usuários, sendo que o Brasil representa o terceiro maior mercado no mundo para ambas as plataformas. Sabemos que quanto mais pessoas conectadas a determinado conteúdo (seguidores), maior a capacidade de transmitir e propagar tendências, comportamentos, padrões de beleza. Os conteúdos mais distribuídos e com mais pessoas, são pertencentes ao grupo social branco e as mulheres negras ainda são representadas, na maioria dos conteúdos, como figuras femininas que ainda aparecem fortemente estereotipadas e atingem diariamente os usuários das Redes Sociais. Assim como também acontece na televisão, onde os conteúdos informativos em programações atingem cotidianamente os telespectadores, em especial quando envolve gênero e raça, tendo em vista o impacto que os meios de comunicação causam no modo de pensar, agir, sentir, falar, das pessoas. De acordo com a representação do Quadro 6, sobre a Relação das interlocutoras com a rede social *Instagram*, seis participantes gostam de assistir vídeos. A interlocutora Isa, por ser digital *influencer*, gosta de gravar *story*. Vejamos no Quadro 6, a Relação das adolescentes autodeclaradas negras com o *Instagram*, interlocutoras da pesquisa, 2022.

Quadro 6- Relação das adolescentes autodeclaradas negras com o Instagram, interlocutoras da pesquisa, 2022.

Nome das Interlocutoras	O que mais você mais gosta de fazer no Instagram?	Você já fez tentou fazer algo que viu nos perfis que segue?	Você acredita em tudo que vê no Instagram?
Isa	“Gravar <i>story</i> de e pra fazer aquilo que é real.”	“Eu já tentei fazer algo tipo alguém e fazer uma história. Oi, uma caixinha de pergunta de da influenciadora. O nome dela é Monique. Ela sempre coloca uma caixinha de perguntas de papo calcinha. E aí eu achei bem legal, bem interessante.”	“Não”

¹³ KEMP, Simon. Digital 2021: Global Overview Report. We are Social, 27/01/2021, New York, p. 1-300. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>. Acesso em 01 abr.2022.

Lairis	<i>“Ficar vendo o vídeo. Maquiagem, penteado”.</i>	<i>“Sim, penteados”</i>	<i>“Não”</i>
Michele	<i>“Eu gosto de ver histórias das blogueiras e assistir vídeo.”</i>	<i>“Não”</i>	<i>“Não”</i>
Patrícia	<i>“Eu fico vendo vídeo moda e cabelo.”</i>	<i>“Sim.”</i>	<i>“Não”</i>
Rafaela	<i>“Conversar com os amigos.”</i>	<i>“Não”</i>	<i>“Não”</i>
Sheuba	<i>“Eu fico vendo algumas páginas de fofoca e também eu sigo uma página no Instagram que é lá chama Midia Ninja que é tudo que está acontecendo no Brasil no país eles colocam.”</i>	<i>“Não, na maioria das vezes quando é alguma notícia que eu acho que tem a relevância eu posto no meu stories do Instia.”</i>	<i>“Não. Eu acho que muita das vezes eh é a vida das porque nem tudo é flores. Então o que elas, o que elas mostram pra gente, o que ela passa pra gente é mais a parte boa da vida delas. Mas a vida de todo mundo tem altos e baixos. Então nem sempre elas estão bem.”</i>
Sthefane	<i>Posta vídeos que eu vejo no TikTok dos outros e que falam mais ou menos sobre mim ou sobre algo que eu gosto de assistir.</i>	<i>“Sim. tanto como no Instagram TikTok eu já tentei fazer as dancinhas mas não postei mas estão guardadas aqui.”</i>	<i>“Não”</i>

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

As interlocuras Lairis, Michele, Patrícia afirmam que gostam de assistir vídeos de moda, maquiagem, penteados. Já Rafaela diz que gosta de conversar com os amigos e Sheuba de acessar o *MidiaNinja* e as páginas de fofoca.

Podemos assim, compreender que a Rede Social é o momento que elas usam como forma de lazer e, também, de adquirir conhecimento sobre o assunto de seu interesse.

Quando foi perguntado se você já fez ou tentou fazer algo que viu nos perfis que segue? De acordo com as respostas das interlocutoras dadas a essa questão e representadas no Quadro 6, do total de sete adolescentes que participaram do grupo focal, quatro responderam que já tentaram fazer algo que viu nos perfis que segue. E três responderam que não.

Nessa perspectiva, entendemos que o *Instagram* influencia as adolescentes participantes da pesquisa, seja através de dança, penteados, maquiagem ou moda. Assim, podemos pensar na construção da identidade que ocorre através dessas interações. Nilma Lino Gomes (2020) destaca que a construção da identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora.

Desse modo, segundo Oliveira e Machado (2021, p. 2664), a adolescência,

é uma etapa compreendida por mudanças biopsicossociais, caracterizado por comportamentos próprios, questionamentos sobre regras e valores advindos da família, distanciamento desse ciclo familiar e aproximação dos grupos de amigos com os quais se identifica. É nesse momento de descoberta que o adolescente busca se inserir na sociedade, se conhecer e reconhecer no meio em que vive.

As participantes da pesquisa, por estarem na etapa da adolescência, buscam aproximação com os grupos de amigos e no *Instagram* ocorre da mesma forma. Seguem páginas que tenham assuntos do interesse delas. Mediante a reposta das interlocutoras da pesquisa, seis participantes passam mais tempo no *Instagram* e uma adolescente passa mais tempo no *TikTok*.

“Fico muito tempo no *Instagram*, é meu trabalho.” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Passo mais tempo no *Instagram*, *WhatsApp*. Mais ou menos uma hora, uma hora e meia”. (LAIRIS, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Muito tempo no *Instagram*, mas eu tenho outras redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook*, *TikTok*.” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Quando não estou na escola, fico no *Instagram* e o Zap.” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Muito tempo no *Instagram* e *Whatsapp*.” (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Como eu uso só o *Instagram* e o *WhatsApp* mais a maioria do tempo eu estou no *Instagram*. Umas quatro horas, cinco horas.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Eu passo bastante tempo nas redes sociais basicamente passo mais tempo no *TikTok*. O *TikTok* é aonde eu mais fico. *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp* também”. (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

É possível compreender que as redes sociais, especificamente o *Instagram* faz parte do cotidiano das participantes da pesquisa. Além disso, de acordo com o IBGE, 70% da população brasileira tem acesso à internet, além disso, o Brasil é o segundo país que mais ocupa tempo por dia na internet, estando online em média 9 horas e 29 minutos por dia, sendo que 40% (3 horas e 34 minutos) deste tempo são utilizados em mídias sociais.

Quando foram solicitadas a comentar sobre suas relações com as Redes Sociais e sobre a questão, quais os temas como racismo, preconceito, discriminação, já foi visto por você no *Instagram*? Se sim, comente sobre ele, foi observado que todas as adolescentes ficaram estimuladas para responder essas perguntas. Mediante a resposta das interlocutoras da pesquisa, do total de sete que responderam sobre o tempo que passam no *Instagram*, seis delas afirmaram que passam mais tempo no *Instagram* e uma adolescente passa mais tempo no

TikTok.

“Fico muito tempo no *Instagram*, é meu trabalho”. (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Passo mais no *Instagram*, *WhatsApp*. Mais ou menos uma hora, uma hora e meia”. (LAIRIS, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Muito tempo no *Instagram*, mas eu tenho outras redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook*, *TikTok* ”. (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Quando não estou na escola, fico *Instagram* e o Zap. (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Muito tempo no *Instagram* e *WhatsApp*”. (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Como é que é eu uso só o *Instagram* e o *WhatsApp* mais a maioria do tempo eu estou no *Instagram*. Um quatro horas, cinco horas. (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Eu passo bastante tempo nas redes sociais basicamente passa mais tempo no *TikTok*. O *TikTok* é aonde eu mais fico. *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp* também”. (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Porém, buscando compreender de forma aprofundada como é a relação das adolescentes com as redes sociais e com temas como racismo, discriminação homofobia, foram realizadas as seguintes perguntas: Comente sobre sua relação com as redes sociais. Assim, no Quadro 7, podemos verificar as respostas das interlocutoras, abaixo:

Quadro 7- Percepção das interlocutoras da pesquisa com as redes Sociais, 2022.

Nome das Interlocutoras	Comente sobre sua relação com as redes sociais	Temas como racismo, preconceito, discriminação, já foi visto por você no Instagram? Se sim, comente sobre ele.
Isa	“Fico muito tempo no <i>Instagram</i> , é meu trabalho.” “Eu vejo uma boa relação, porque eu tenho muitas pessoas que me seguem, nunca fico mentindo nada e gosto de ser diferente.”	“Sim. Já falei sobre no meu story também que aconteceu comigo, do rapaz da moto, que mandou amarrar o cabelo, dizendo que meu cabelo era feio. Eu peguei e compartilhei com o pessoal no meu <i>Instagram</i> .”
Lairis	“Passo mais no <i>Instagram</i> , <i>WhatsApp</i> . Mais ou menos uma hora, uma hora e meia.”	“Sim. Ela era pequena e começou a zoar ela no <i>Instagram</i> chamaram ela de macaca.”
Michele	“Muito tempo no <i>Instagram</i> , mas eu tenho outras	“Sim, por exemplo, Uma foto de dois trans casando e no

	<i>redes sociais como WhatsApp, Facebook, TikTok.”</i>	<i>comentário falando que não podia e também a foto de uma menina negra e a outra falou que ela era feia.”</i>
Patricia	<i>“Quando não estou na escola, fico Instagram e o Zap.”</i>	<i>“Não, mas assim, eu acompanho muito no Insta.”</i>
Rafaela	<i>“Muito tempo no Instagram e Whatssap.”</i>	<i>“Não”</i>
Sheuba	<i>“Como é que é eu uso só o Instagram e o WhatsApp mais a maioria do tempo eu estou no Instagram. Um quatro horas, cinco horas.”</i>	<i>“Sim, sim. Eu nunca sofri, mas A maioria das vezes são fotos de crianças negras com cabelo crespos e posta a publicação normal, algum vídeo e o pessoal começa a detonar nos comentários o jeito do cabelo, a cor Muitas das vezes quando sai alguma página como eu falei da mídia ninja eu posto e sempre coloco algum comentário tipo não apoiando o racismo e tal e sim comentários como esses que não deveria acontecer.”</i>
Sthefane	<i>Eu passo bastante tempo das redes sociais basicamente passa mais tempo no TikTok. TikTok é aonde eu mais fico. Instagram, Twitter, WhatsApp.</i>	<i>“Sim, Acho que não é por minha pessoa assim as pessoas respondendo algo que eu fiz não agora. Se eu parar pra ver situações que outras pessoas já passaram sim. Famosos, por exemplo, quando eles sofrem algum tipo de preconceito, por exemplo, esses dias eu vi um pouco de homofobia ele sofreu. Ele colocou uma pauta eu acompanhei vários comentários. Também sobre as pessoas para aproveitar o que mais tem de hater eh falando mal sobre uma pessoa falando com a ou sobre sua sexualidade julgando sobre diferentes modos só porque a pessoa é do jeito que ela.”</i>

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

Foram perguntados também sobre temas como racismo, preconceito, discriminação e homofobia já foram vistos por você no *Instagram*? Se sim, comente sobre eles.

Quando foram perguntados sobre que *Temas como racismo, preconceito, discriminação e homofobia já foram vistos por você no Instagram? Se sim, comente sobre eles*, obtivemos as seguintes respostas:

“Sim. Já falei sobre no meu story também que aconteceu comigo, do rapaz da moto, que mandou amarrar o cabelo, dizendo que meu cabelo era feio. Eu peguei e compartilhei com o pessoal no meu *Instagram*” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim. Ela era pequena e começou a zoar ela no *Instagram* ela de macaca”. (LAIRIS INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, por exemplo, uma foto de dois trans casando e no comentário falando que não podia e também a foto de uma menina negra e a outra falou que ela era feia.” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Não, mas assim, eu acompanho muito no Insta.” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Não!” (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, sim. Eu nunca sofri, mas a maioria das vezes são fotos de crianças negras com cabelo crespos e posta a publicação normal, algum vídeo e o pessoal começa a detonar nos comentários o jeito do cabelo, a cor... Muitas das vezes quando sai alguma página como eu falei da mídia ninja eu posto e sempre coloco algum comentário tipo não apoiando o racismo e tal e sim comentários como esses não deveriam acontecer”. (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim. Acho que não ó por minha pessoa assim as pessoas respondendo algo que eu fiz não agora. Se eu parar pra ver situações que outras pessoas já passaram sim. Famosos, por exemplo, quando eles sofrem algum tipo de preconceito, por exemplo, esses dias eu vi um pouco de homofobia ele sofreu. Ele colocou uma pauta eu acompanhei vários comentários. Também sobre as pessoas para aproveitar o que mais tem de hater eh falando mal sobre uma pessoa falando com a ou sobre sua sexualidade julgando sobre diferentes modos só porque a pessoa é do jeito que ela” (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Sendo assim, de acordo com as respostas obtidas, podemos perceber que as adolescentes entendem que no *Instagram* situações vivenciadas no mundo real, são experiadas também no ambiente virtual. Piza (2012), autora da dissertação **O fenômeno do Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**, diz que estamos rodeados por uma enxurrada de informações cada vez maior. Não há como negar, estamos na era da informação.

Além disso, racismo, preconceito, discriminação, estão enraizados na sociedade. Nas respostas das interlocutoras, como foi possível observar, nota-se principalmente que todas as questões que envolvem a temática estão relacionadas ao corpo negro e todas essas questões estão atribuídas sempre ao negativo.

De acordo com Souza (1983, p. 38),

A representação do negro como elo entre o macaco e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à instância biológica. Esta representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história.

Assim, nas falas das interlocutoras, elas deixam escapar que o “pacto da branquitude” se encontra em evidencia. Essa herança trazida por Maria Aparecida Bento (2022), em suas

discussões sobre a branquitude no Brasil, mostra que falar sobre a herança escravocrata, que vem sendo transmitida através dos tempos, de geração para geração, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade.

Para Bento (2022) levantar questões sobre a temática das relações étnico-raciais, como o pacto da branquitude, por exemplo, permite espaços de debate e resolver o que ficou do passado, para então construir outra história e avançar para outros pactos civilizatórios.

Nesse sentido, a interlocutora Isa, busca por meio de sua rede social abordar questões sobre autoestima, e leva para outras adolescentes a representatividade, inclusive algumas participantes nas conversas informais a tem como referência.

É importante destacar também que “a elite branca e colonial, estando como detentora do poder nas estruturas políticas e sociais, constrói padrões estéticos de beleza, nos quais o corpo magro é o perfeito, pele clara e cabelos lisos é o tipo ideal. (SANTANA, 2020),” As belezas consideradas singulares são aquelas que se constituem diante de traços finos e definidos. Em conversa informal a interlocutora Isa trouxe a seguinte fala:

“Então tipo assim eu já coloquei isso na minha cabeça desde antes. Antes de eu começar eu já fui assim neh entrando sabendo que eu ia ver de tudo. Não queriam mais eu já entrei assim com o pensamento de que eu não aceitaria então tipo assim, eu sei que não é fácil pra mim e não vai ser fácil entendeu? Mas eu tenho muita vontade de conquistar assim crescer no *Instagram* e tal ,inclusive eu tenho pessoas que me apoiam muito então tipo assim eu já entrei sabendo que não seria fácil principalmente por eu tenho um Cabelo crespo. Preta e tal tudo vai. Porque Jequié é com seus padrões. Mas enfim eu entrei sabendo que ia ver de tudo, mas não aceitaria de tudo”.

(ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Afinal, é possível afirmar que os padrões de beleza se encontram atrelados à ideologia do branqueamento e, também, que a beleza negra e traços negroides como aquilo que não é bonito, levam as pessoas negras a se questionar e odiar suas raízes, alisar os cabelos, afinar os narizes e apagar a verdadeira identidade.

3.5.2 A relação entre o *instagram* e a construção de subjetividades das alunas dos anos finais do ensino fundamental, Jequié – BA

A coleta, tratamento e análise de resultados de dados sobre *A relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das alunas da Escola Rosa dos Ventos, Jequié – BA* utilizou conversas informais, aplicação de entrevista semiestruturada, observação *in loco*, com a intenção de responder ao objetivo formulado que se propôs (3) - *Analisar a relação*

entre o Instagram e a construção de subjetividades das alunas adolescentes pretas na escola investigada e quais as definições de beleza são utilizadas pelas interlocutoras da pesquisa e a influência dessa Rede Social na vida das usuárias, satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor, cabelos, dentre outros).

Para tanto, foi observado aqui, nesta pesquisa, que a idealização dos padrões de beleza eurocêntrica está intrinsecamente ligada às questões de raça, racismo, superioridade branca, cristã.

Carneiro (2018) explica que,

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas conseqüências. Essa violência sexual colonial é, também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades.

Desse modo, podemos perceber que ainda assim, as construções e ideias da sociedade são vistos pela ótica do colonoizador. A mulher preta, ainda se encontra no último local da hierarquia social e, assim, Ângela Gilliam (2010) define como “a grande teoria do esperma em nossa formação nacional”. Através dessa concepção, segundo Gilliam (2010), “O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance”.

Esse entendimento de Gilliam é fundamental para chegar ao ponto dos padrões de beleza e, especificamente, da mulher preta e, nesse sentido, refletir sobre os estereótipos, preconceitos e discriminação sobre o seu corpo, beleza, cabelo, cor da pele, formas do corpo, dentre outros. Para alcançar os padrões de beleza para “ganhar a alma branca”, definida pelo branco, a mulher preta precisa anular seus traços, seus cabelos para estar próximo desse ideal social.

As mulheres negras/pretas compõem um dos grupos que tem sua estética estigmatizada e são constantes as associações de seus cabelos crespos a termos depreciativos, como “cabelo duro”, “cabelo ruim”, “cabelo de fuá”, “cabelo de bicho”, “cabelo de Bombril”, dentre outros.

Diante deste cenário, as mulheres negras enfrentam “a discriminação estética usando o cabelo como objeto político, indo contra a lógica hegemônica a partir do momento em que decidem utilizar o cabelo crespo de forma natural, isto é, sem alisamentos” (FREITAS, 2018,

p. 67).

Para entender a relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das adolescentes do Ensino Fundamental, em Jequié - BA, um dos instrumentos utilizados para a coleta de dados foi o grupo focal e foi perguntado às interlocutoras que falassem sobre as categorias racismo, preconceito, discriminação, papel da mulher na sociedade, empoderamento feminino, padrões de beleza.

Sem dúvida, apesar dos problemas de estereótipos, preconceitos e discriminação que ainda permanecem como que cristalizados, as adolescentes entrevistadas, ao que tudo indica, mostram consciência crítica para falar sobre essas categorias e, também, compreender que

É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, em que os lugares de poder e tomadas de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. É ela que afirma: “o negro é o outro do belo”. É essa mesma autoridade que conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (SOUZA, 1983, p. 59).

No Quadro 8, abaixo, mostramos a representação das interlocutoras da pesquisa que responderam sobre a Relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das adolescentes do Ensino Fundamental, Jequié – BA, 2022. Para essa questão as interlocutoras foram perguntadas sobre o que sabem/pensam sobre as categorias “racismo”, “preconceito” e “discriminação”.

Essas categorias foram fundamentais para saber o que dizem/falam/pensam as adolescentes pesquisadas sobre o sentido e significado dos termos para elas, identificar suas concepções sobre conceitos/categorias fundamentais para entender o racismo brasileiro contra a população negra e, especialmente contra as mulheres pretas.

Quadro 8 – Relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das adolescentes do Ensino Fundamental, Jequié – BA, 2022: Racismo, preconceito e discriminação racial.

Nome das Interlocutoras	Categorias da pesquisa		
	Racismo	Preconceito	Discriminação
Isa	<i>“Você ser negro ou não no Brasil é de acordo com o tom da sua pele.”</i>	<i>“E o preconceito é tipo uma comida que você nunca experimentou e julga pela aparência kkkk é julgar alguém, ou algo, antes de conhecer.”</i>	<i>“Discriminação é fazer distinção de pessoas, tipo “separar”. Por conta da ética, sexualidade, idade, gênero, raça, religião, deficiência e etc.”</i>
Lairis	<i>“O racismo é a crença de que os membros de uma etnia possuem características, habilidades ou qualidades específicas desta etnia e, portanto, seriam uma “raça” superior às outras.”</i>	<i>“O preconceito é uma opinião feita de forma superficial em relação a determinada pessoa ou grupo, que não é baseada em uma experiência real ou na razão.”</i>	<i>“A discriminação refere-se ao tratamento injusto ou negativo de uma pessoa ou grupo, por ela pertencer a certo grupo (como etnia, idade ou gênero). É o preconceito ou racismo em forma de ação.”</i>
Michele	<i>“Não acho necessário fazer uma coisa dessas.”</i>	<i>“Eu não entendo sobre isso.”</i>	<i>“Eu não entendo sobre isso.”</i>

Patrícia	<i>“Racismo é uma ator de discriminação eu achou pq apartir do momento que vc faz ou não ajuda a pessoa que está sofrendo isso, vc já tá apoiado.”</i>	<i>“Uma falta de respeito pelo próximo, por obter condição melhor do que o outro e por ser diferente por “cor de pele”, o preconceito vem a partir do momento que a pessoa acha superior a outra.”</i>	<i>“Acho muito errado uma pessoa discriminar o outro.”</i>
Rafaela	<i>“Já vi situações de racismo na escola, é muito ruim sim”</i>	<i>“Muitos colegas agem de forma preconceituosa”</i>	<i>“Eu vejo uma colega minha sofrendo discriminação, porque ela teve um problema no cabelo.”</i>
Sheuba	<i>“O racismo é o preconceito e a exclusão social de pessoas com base na cor de sua pele. Infelizmente, está presente em toda a nossa sociedade. Fazendo com que pessoas de maioria, pela branca, façam comentários ridículos com a dor de pele negra. Comentários assim deviam ser tomadas decisões mais drásticas, porém, no Brasil, não tem lei suficiente para este.”</i>	<i>“É uma opinião desfavorável, ele atinge todas as classes, grupos..”</i>	<i>“Fazer uma distinção, diferenciação, que pode ter sua origem no preconceito e se refere a tratar alguém ou um grupo de pessoas de uma forma diferente, por motivos preconceituosos.”</i>
Sthefane	<i>Pessoas próximas de mim nunca tiveram uma situação como essa nunca saiba e sobre o que eu acho sobre essa situação eu acho ridículo da parte do quem faz</i>	<i>“Preconceito é quando alguém tem algo contra alguma coisa em alguém (cor, orientação sexual, gênero e etc).”</i>	<i>“É quando a pessoa discrimina a outra por algo em si, como cor, pais, etnia e outras coisas. Não sei explicar direito.”</i>

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

De acordo com as falas das interlocutoras as categorias “racismo”, “preconceito” e “discriminação” constroem um importante aprendizado para si mesmas e, ao que tudo indica, são termos que, segundo a concepção das adolescentes, são ambíguos, e servem também de critérios arbitrários. Para a adolescente Isa, por exemplo, racismo aparece na sua fala e no seu modo de pensar em um exemplo utilizado por ela, para chamar a atenção sobre a questão da cor. Assim entendido, o racismo surge na cena fundada na diferença biológica, isto é, na natureza e constituição mesmas do ser humano’ (GUIMARÃES, 2008, p. 128), um sentido feito aos elementos claros da raça, carregado de sentidos ofensivos, como referência a cor da pele e não à posição social. Por isso, ela diz:

“Você ser negro ou não no Brasil é de acordo com o tom da sua pele.”
(ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Do mesmo modo, podemos observar nas falas de Lairis, Patrícia e Sheuba, que defines racismo, assim:

“O racismo é a crença de que os membros de uma etnia possuem características, habilidades ou qualidades específicas desta etnia e, portanto, seriam uma "raça" superior às outras”.
(LAIRIS, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Racismo é um ato de discriminação eu acho pq a partir do momento que vc faz ou não ajuda a pessoa que está sofrendo isso, vc já tá

apoiado.”

(PATRÍCIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“O racismo é o preconceito e a exclusão social de pessoas com base na cor de sua pele. Infelizmente, está presente em toda a nossa sociedade. Fazendo com que pessoas de maioria, pela branca, façam comentários ridículos com a cor de pele negra. Comentários assim deviam ser tomados decisões mais drásticas, porém, no Brasil, não tem lei suficiente para este.”

(SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

De acordo com a resposta de Michele, o racismo é uma prática desnecessária. Ela diz:

“Não acho necessário fazer uma coisa dessas.” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Para Rafaela ter visto situações de racismo na escola é “muito ruim”. Apesar de não dizer por que é ruim, nas entrelinhas do discurso, ao que tudo indica, chama a atenção para o amargo tratamento diferencial de pessoas negras baseado na ideia de raça. Por isso, afirma:

“Já vi situações de racismo na escola, é muito ruim sim.” (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Sthefane comenta que,

“Pessoas próximas de mim nunca tiveram uma situação como essa nunca saiba e sobre o que eu acho sobre essa situação eu acho ridículo da parte do quem faz” (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Vejamos as respostas das interlocutoras da pesquisa sobre Relação entre o *Instagram* e a construção de subjetividades das adolescentes do Ensino Fundamental, Jequié- BA:

Quadro 9 - Relação entre o *Instagram* e a construção de subjetividades das adolescentes do Ensino Fundamental, Jequié – BA, 2022: Papel da mulher na sociedade, empoderamento feminino e padrões de beleza.

Nome das Interlocutoras	Categorias da pesquisa		
	Papel da mulher na sociedade	Empoderamento feminino	Padrões de beleza
Isa	“Eu acho que ainda falta muita coisa pra gente ser feita assim sabe? É complicado véi. É uma situação tão difícil da gente né? Lidar. Mas que é um trabalho de formiguinha. Que a gente vai tentando, tentando e que uma hora dá certo.”	“Ao feminismo é uma coisa que eu entendo, mas eu não sei explicar. eu acho que é tipo assim, um movimento, né? [...]. Só que tipo assim, em busca de igualdade né.”	“Eh eu crio conteúdo pro Instagram, né? Então e aí eu não eu já perdi várias oportunidades na verdade não perdi várias oportunidades. Mas tipo assim as lojas pelo menos aqui na cidade tem o padrão entendeu? Ah eles falam não tem padrão! Tem sim! O padrão tem que ser branca entendeu?”
Lairis	Não participou no dia desta temática, devido a problema no seu aparelho celular.	Não participou no dia desta temática, devido a problema no seu aparelho celular.	Não participou no dia desta temática, devido a problema no seu aparelho celular.
Michele	“Eu não entendo sobre isso.”	“Eu não entendo sobre isso.”	“Eu não entendo sobre isso.”

Patrícia	<i>“Tem diferença sim, o direito que nós tem hoje em dia as mulheres antigamente não tinha.”</i>	<i>“Eu não sabia o que era empoderamento, até falar aqui no grupo, me sinto uma adolescente empoderada”</i>	<i>“Cabelo perfeito, rosto perfeito? E aparecendo sem a postura aí a gente vai na vida real todo as pessoas são assim elas são o tempo todo perfeitas, elas são o tempo todo com aquela beleza já acordam eh daquela forma”</i>
Rafaela	<i>“Não tenho o que falar.”</i>	<i>“Não tenho o que falar.”</i>	<i>“Existe mesmo.”</i>
Sheuba	<i>“Nós mulheres, somos de suma importância para toda a sociedade, estamos ocupando diferentes cargos e posições, sejam elas em trabalho ou ranking. Porém, ainda não há igualdade de salários, mesmo que desempenhem as mesmas funções profissionais, ainda havendo o que se chama de preconceito de gênero.”</i>	<i>“Em uma busca simples por significado, empoderamento pode ser entendido como a ação de se tornar poderoso. Mas, tomando o cuidado para não se tornar superior ao outro. Empoderamento, principalmente feminino, é você se sentir bem, se empoderar, seja se arrumando, se vestido como gosta, ou no trabalho que sempre sonhou.”</i>	<i>“Logo o que vem na minha mente quando penso sobre padrões de beleza é que não existe um padrão certo. Mas, infelizmente, todos os países têm o seu padrão de beleza, o seu corpo perfeito, ou, o corpo aceitado pela sociedade. Ele está relacionado ao conjunto de características físicas que são tidas como ideais e tornam-se modelos a serem seguidas pelas pessoas. Esses modelos variam de acordo com o período histórico, cultura e idade das pessoas.”</i>
Sthefane	<i>“Eu estava eh pesquisando e vi algumas reportagens no Instagram que era a seguinte as meninas eh uma moça ela fez um tipo um blog na internet que era assim preta pariu e ela começou a botar hashtag tipo assim de mulheres bonitas no Instagram ela colocou de beleza apareciam mulheres pretas no explorar? Vocês acham que apareciam ou não Não. Todas as mulheres que apareciam nessas pesquisas que ela estava fazendo com hashtag era de mulheres brancas.”</i>	<i>“Eu sou uma adolescente empoderada, sou militante, não gosto de ver minhas amigas passando por situações ruins.”</i>	<i>“De acordo com o padrão que as pessoas emitem sim. Seria uma pessoa branca podemos dizer assim com um corpo magro, um cabelo liso. Muito claro isso tipo o padrão que eles dizem ser perfeito é esse mas nem os próprios padrões as vezes Então esse papel ainda o papel da da mulher como símbolo de beleza é da mulher branca.”</i>

Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022.

Mediante as respostas do quadro acima das interlocutoras da pesquisa, podemos observar que todas sabem ao seu modo falar sobre as temáticas discutidas no grupo focal, porém é notório ainda pouco conhecimento sobre os alunos.

Durante os encontros, por meio da observação participante, compreende que entender esses processos enraizados na sociedade e sobre tudo nas redes sociais, demanda tempo e pessoas que possam ter consciência que não existe democracia racial.

Dentro de cada categoria, no quadro escolhi uma resposta que fosse ponto chave para iniciarmos a discussão. Desse modo, no grupo focal, com a temática racismo, todas conseguiram participar ao seu modo, para comentar sobre o tema. Assim sendo, a interlocutora, nos trouxe a seguinte reflexão:

“O racismo é o preconceito e a exclusão social de pessoas com base na cor de sua pele. Infelizmente, está presente em toda a nossa sociedade. Fazendo com que pessoas de maioria, pela branca, façam comentários ridículos com a cor de pele negra. Comentários assim deviam ser tomadas decisões mais drásticas, porém, no Brasil, não tem lei suficiente para este.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Sendo assim, podemos pensar que é a partir de situações trazidas pela adolescente participante da pesquisa, pensar que o corpo negro sempre foi visto com uma “coisa” ou objeto sem importância.

Gomes (2002, p. 42) comenta que ,

Quando pensamos nos africanos escravizados e trazidos para o Brasil, sempre vem à nossa mente o processo de coisificação do escravo materializado nas relações sociais daquele momento histórico. Esse processo se objetivava não só na condição escrava, mas na forma como os senhores se relacionavam com o corpo dos escravos e como os tratavam: os castigos corporais, os açoites, as marcas a ferro, a mutilação do corpo, os abusos sexuais são alguns exemplos desse tratamento.

Desse modo, essas relações perduram até hoje, de diferentes formas, como por exemplo, no Instagram, através de comentários sobre cor da pele, cabelo, falta de empatia, violências físicas e simbólicas. E por diversas formas de preconceito e discriminações, sendo este o segundo tema do nosso grupo focal.

“E o preconceito é tipo uma comida que você nunca experimentou e julga pela aparência é julgar alguém, ou algo, antes de conhecer”. (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Acho muito errado uma pessoa discriminar o outro.” (PATRÍCIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

As interlocutoras trouxeram de forma bem leve para o grupo essas situações, pois, elas entendem cada um ao seu modo as formas de preconceito e discriminação.

Pois, segundo Lopes (2005, p. 188),

As pessoas não herdam, geneticamente, idéias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações.

No terceiro encontro do grupo focal, nosso tema foi Empoderamento Feminino. No qual percebi a dificuldade de compreensão sobre a temática, neste dia, participei mais ativamente para explicar e instigar as interlocutoras a se expressassem. No qual uma interlocutora no final do grupo, disse,

“Empoderamento, principalmente feminino, é você se sentir bem, se empoderar, seja se arrumando, se vestido como gosta, ou no trabalho que sempre sonhou.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Ao falar sobre empoderamento feminino negro é fundamental, abordar que ele difere do feminismo branco, pois, existe situações que só a mulher negra passam atravessamentos que trazem sofrimentos físicos e psíquicos. “As mulheres negras têm umbigos diferentes e seus cordões foram cortados em contextos diferentes” (SALEM, 2018). Tendo estereótipos que marcam suas vidas para sempre.

No quarto encontro do grupo focal, falamos sobre o papel da mulher na sociedade, neste encontro as interlocutoras também não tinham tantas informações sobre a temática, na qual levei um story de uma blogueira negra que dava seu depoimento, como era ser mulher e preta no Instagram. Conversamos sobre a temática e ao final, uma interlocutora disse:

“Nós mulheres, somos de suma importância para toda a sociedade, estamos ocupando diferentes cargos e posições, sejam elas em trabalho ou ranking. Porém, ainda não há igualdade de salários, mesmo que desempenhem as mesmas funções profissionais, ainda havendo o que se chama de preconceito de gênero.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Desse modo, pensar no papel da mulher e especificamente da mulher negra na sociedade atual é romper barreiras, é lutar por igualdade, por justiça social. Pois, “a intersecção de fatores racistas e sexistas estão na vida das mulheres Negras de maneira que não podem ser capturadas como um todo se as dimensões de raça e gênero forem vistas como experiências desvinculadas” (CRENSHAW, 2020).

No último encontro do grupo focal, tivemos a temática sobre os Padrões de beleza existe na sociedade e na rede Social Instagram, neste dia quatro interlocutoras tiveram uma maior participação nas discussões e mediante a pergunta: Qual padrão de beleza existe no Instagram? Obtive as seguintes respostas:

“Logo o que vem na minha mente quando penso sobre padrões de beleza é que não existe um padrão certo. Mas, infelizmente, todos os países têm o seu padrão de beleza, o seu corpo perfeito, ou, o corpo aceitado pela sociedade. Ele está relacionado ao conjunto de características físicas que são tidas como ideais e tornam-se modelos a serem seguidas pelas pessoas. Esses modelos variam de acordo com o período histórico, cultura e idade das pessoas.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022)

“De acordo com o padrão que as pessoas emitem sim. Seria uma pessoa branca podemos dizer assim com um corpo magro, um cabelo liso, um hum? Muito claro isso tipo o padrão que eles dizem ser perfeito é esse, mas nem os próprios padrões as vezes Então esse papel ainda o papel da da mulher como símbolo de beleza é da mulher branca.” (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022)

“Cabelo perfeito, rosto perfeito? E aparecendo sem a postura aí a gente vai na vida real todo as pessoas são assim elas são o tempo todo perfeitas, elas são o tempo todo com aquela beleza já acordam eh daquela forma.” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Eh eu crio conteúdo pro Instagram, né? Então e aí eu não sei se eu já perdi várias oportunidades na verdade não perdi várias oportunidades. Mas tipo assim as lojas pelo menos aqui na cidade tem o padrão entendeu? Ah eles falam não tem padrão! Tem sim! O padrão tem que ser branca entendeu?” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Diante das falas das interlocutoras da pesquisa e de todas as observações realizadas no grupo focal, foi compreendido que as vivências experienciadas no *Instagram*, interferem na construção da identidade das adolescentes, pois, o corpo da mulher preta fala sobre o seu estar no mundo, o belo, o padrão que continua ser perpetuado em nossa sociedade até os dias atuais, é a beleza branca.

É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: “o negro é o outro do belo”. É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (SOUZA, 1983, p. 39).

E todos esses padrões ideológicos que discriminam a adolescente negra são visto no *Instagram* como relata Isa, interlocutora da pesquisa. É percebido também através da análise dos perfis das adolescentes, onde dificilmente elas fazem postagens suas, são pensamentos tão enraizados que na maioria das vezes vem em forma de nova maneira silenciamento na rede. O medo de ser julgada, de não estar no padrão.

Na fala de Isa, em saber que suas características para cidade que ela mora, existe uma escolha pela cor e pelas características fenopticas. Gomes (2020) lembra que, no Brasil, esse padrão ideal é o branco, mas o real é negro e mestiço. E a autora ainda afirma que a construção da identidade perpassa pelo corpo e cabelo.

3.5.4 Estereótipos de beleza feminina eurocêntrica reproduzida na rede social Instagram e sua interferência na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas, Jequié – BA

Este subitem 3.5.4 procurou responder de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzida na rede social Instagram interfere na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas do Ensino Fundamental, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa

sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro e o grau de satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor, cabelos).

Para responder a esse objetivo foi utilizado o formulário, a entrevista em grupo focal e conversas informais com as interlocutoras, que foram perguntadas sobre: Quais os perfis de mulheres que mais gosta de seguir no Instagram? Existe um padrão de beleza nas redes sociais? Do que você mais/menos gosta sobre você mesmo?

Do total de sete interlocutoras, todas responderam às questões colocadas pela pesquisa. Diante das respostas dadas pelas adolescentes, podemos compreender que os processos de negação da sua cor, dos seus traços, estão enraizados também no ambiente virtual, especificamente no *Instagram*.

No Quadro 10, abaixo, podemos verificar o que dizem/pensam/falam as adolescentes pesquisadas sobre essas questões:

Quadro 10 - Sobre perfis de mulheres que as adolescentes pesquisadas mais gostam de seguir no *Instagram*, se existe padrão de beleza nas redes sociais e o que mais/menos gosta sobre si mesma, 2022.

Nome das Interlocutoras	Quais os perfis de mulheres que mais gosta de seguir no Instagram?	Existe um padrão de beleza nas redes sociais?	Do que você mais/menos gosta sobre você mesmo?
Isa	“Rafaela Moreira e Sheila animada. Eu acho que são mais tipo assim, eu vejo todos os dias tenho que ver tudo.”	“Eu acho que sim, é o padrão de beleza da da mulher, é sempre magra, branca, é, bem pan! Olhos azuis.”	“Eu gosto mais do cabelo e do sorriso. O corpo é uma coisa que me incomoda.”
Lairis	“Vanessa Barreto”	“Sim, tem que ter estilo, saber se vestir. Ser bonita. Ter olho, cabelo bonito.”	“Cabelo e dentes e menos gosta tamanho do cabelo.”
Michele	“Vitória, Isabelle, Pamela”	“Sim, sobre o corpo, cabelo, maquiagem.”	“Gosto do olho, menos do meu corpo, meu sorriso, meu rosto, tudo praticamente. Meu corpo me incomoda.”
Patrícia	“Vitória Bonfim e Virginia.”	“Ah! A pessoa se atraente. Cabelo perfeito. Ter um corpo bonito, magro, cabelo bonito.”	“Gosto mais do cabelo. Menos gosto sorriso.”
Rafaela	“Não sigo.”	“Influenciando demais Instagram que as pessoas gostam mais é de magra, alta”	“Olho, menos gosto corpo.”
Sheuba	“Não vejo não”	“Sim. Na maioria das vezes são mulheres magras eh cabelo cacheado, a pele pode até ser negra ou, mas a maioria das vezes são pessoas brancas.”	“O que eu mais gosto de mim eu acho que é meu cabelo e a minha eu amo a minha cor.” “Meu sorriso eu não gosto disso.”
Sthefane	“Jaqueline guerreiro e ela é de casos criminais eu gosto, tem ah NAT que é o	“Acho que sim porque se eu parar pra reparar em todas as pessoas que eu sigo no	“Cabelo e menos gosto o pé”

	<i>perfil engraçado eu gosto de seguir ela e o resto é tudo página de make.”</i>	<i>Instagram eles tipo assim são quase todos brancos se eu parar pra reparar são quase todos brancos e eu quase não sigo pessoas negras eu parei pra reparar nisso essa semana quando eu estava olhando.”</i>	
--	----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

As respostas obtidas pelas interlocutoras da pesquisa quando perguntadas sobre quais os perfis de mulheres que mais gosta de seguir no Instagram, foram as seguintes, de acordo com o Quadro 10 que mostra que Isa, Michele, Vitória e Patricia seguem perfis de mulheres pretas, enquanto Lairis e Sthefane seguem mulheres brancas.

E a interlocutora Rafaela e Sheuba não segue nenhum perfil. Podemos assim, relacionar essas respostas com o depoimento de muitas digitais *influencers* negras no *Instagram*, que mulheres negras não são valorizadas, e não recebem o mesmo tratamento que as *influencers* brancas.

Assim, Almeida (2018), em suas discussões sobre o racismo é estrutural, mostra que o racismo no Brasil se mantém, porque ao perceber como estão sendo construídas e compostas as estruturas políticas e sociais, percebe-se que não são constituídas por pessoas negras, pelo contrário, estão constituídas por uma supremacia branca que menospreza tudo aquilo que é contrário a eles. Vale ressaltar, também, que os perfis que as adolescentes seguem na rede social, contribuem para a construção da identidade, pois, ela “é formada na “interação” entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p.11).

Desse modo, a identidade é o conflito entre o “interior” e o “exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público”.

Mediante a pergunta, se existe um padrão de beleza nas redes sociais, as interlocutoras da pesquisa deram as seguintes respostas,

“Eu acho que sim, é o padrão de beleza da mulher, é sempre magra, branca, é, bem pan! Olhos azuis.” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, tem que ter estilo, saber se vestir. Ser bonita. Ter olho, cabelo bonito.” LAIRIS, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, sobre o corpo, cabelo, maquiagem.” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Ah! A pessoa se atraente. Cabelo perfeito. Ter um corpo bonito, magro, cabelo bonito.” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Influenciando demais Instagram que as pessoas gostam mais é de magra, alta” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

As interlocutoras da pesquisa responderam que existe um padrão de beleza no *Instagram*, Isa, Lairis, Michele e Patrícia: mulher branca, cabelo bonito, corpo magro, cabelo perfeito. Assim, os corpos desejados hoje, são principalmente os que “ocupam pouco espaço: são magros, depilados, cuidados por esticistas, sem marcas ou rugas” (CARNEIRO; FERREIRA, 2014, p. 1426).

Desse modo, a beleza do corpo ideal referenciado pelas mídias sociais pelas redes sociais é em sua maioria fundamentada em um modelo eurocêntrico. Isto é, “aquele que é centralizado em valores e modelos da sociedade europeia, o qual está focado na ideia de que a Europa é o centro cultural do mundo e que as sociedades deveriam ser constituídas seguindo seus padrões” (SANTANA, 2020, p. 61). Assim, o padrão de corpo ideal é uma construção social que foi construída desde a antiguidade.

Além disso, os padrões de beleza são construídos através de opiniões das pessoas e reforçados pelas belezas midiáticas, valorizando sempre o corpo da mulher branca, cabelos lisos, olhos claros. É importante mencionar também que os brancos segundo pesquisa do IBGE de 2012, ainda possuem uma melhor posição financeira nas classes sociais, “os brancos representam 70,6%, enquanto os negros eram 27,7%. Entre os 10% de menor rendimento. Isso de inverte: 75,2% são negros e 23,7% brancos.” Sendo assim, os negros pobres demoram mais ter acesso à tecnologia (celulares, televisão, redes sociais). Ficando evidente que a população branca é a que tem o poder no financeiro do país, sendo assim “ela é uma das maiores influenciadoras na construção de dados em pesquisas nas redes sociais e plataformas digitais” (SANTANA, 2020, p. 62). Definindo assim, o padrão aceitável na sociedade.

As interlocutoras da pesquisa Sheuba e Sthefane, responderam que:

“Sim. Na maioria das vezes são mulheres magras eh cabelo cacheado, a pele pode até ser negra ou, mas a maioria das vezes são pessoas brancas.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Acho que sim porque se eu parar pra reparar em todas as pessoas que eu sigo no Instagram eles tipo assim são quase todos brancos se eu parar pra reparar eu quase não sigo pessoas negras eu parei pra reparar nisso essa semana quando eu estava olhando.” (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Desse modo, a existência de um padrão de beleza que tem como representação a brancura, numa sociedade miscigenada, afeta diretamente a construção da identidade das

adolescentes pretas interlocutoras da pesquisa. Pois, como nos afirma Gomes (2020, p. 28), “a identidade negra é entendida, como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial”.

A partir disso, podemos refletir através da fala de Sthefane, que diz: “*se eu parar pra reparar eu quase não sigo pessoas negras eu parei pra reparar nisso essa semana quando eu estava olhando.*”

Ao que tudo indica, o processo identitário é permeado de conflitos, pois, ocorre através da relação com o outro. Assim, a identidade não é fixa, essencial ou permanente. Ela é construída através de mudanças e interações. Então, as adolescentes não seguindo pessoas negras, suas identidades serão construídas através do ideal de beleza eurocêntrica.

Diante disso, “a adolescência é imperativo na construção de uma identidade, que por sua vez é influenciada pelo grupo social e por valores culturais da sociedade contemporânea. Associa-se ainda a mídia, que oferece recursos simbólicos para a construção de padrões sociais, influenciando as identidades individuais e sociais” (OLIVEIRA E MACHADO, 2021 p. 2664). Assim, entendemos que os estereótipos de beleza, seguem enraizados na sociedade. Atravessando assim, os corpos das adolescentes pretas.

Mediante a pergunta, do que você mais/menos gosta sobre você mesmo. Para responder ao objetivo da pesquisa, obtivemos as seguintes respostas das interlocutoras da pesquisa:

“Eu gosto mais do cabelo e do sorriso. O corpo é uma coisa que me incomoda.” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Cabelo e dentes e menos gosta tamanho do cabelo.” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Gosto do olho, menos do meu corpo, meu sorriso, meu rosto, tudo praticamente. Meu corpo me incomoda.” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Gosto mais do cabelo. Menos gosto sorriso”. (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Olho, menos gosto corpo.” (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“O que eu mais gosto de mim eu acho que é meu cabelo e a minha eu amo a minha cor. Meu sorriso eu não gosto disso.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Cabelo e menos gosto o pé.” (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA

PESQUISA, 2022).

Diante das respostas obtidas, podemos entender o corpo como “um objeto de consumo, segue como lócus privilegiado da construção da identidade feminina, sendo a imagem da mulher e do que é considerado feminino associada à beleza (branca e jovem), e isso revela o emaranhado de discursos, com destaque para os discursos sexista, racista e capitalista.” (CARNEIRO E FERREIRA, 2014, p. 1424).

Assim, o corpo é identidade, ele é expressão da identidade negra no Brasil.

Os corpos são atravessados por classificações e atribuições de qualidades e status, o corpo velho é desvalorizado, assim como o corpo negro. As mídias, a medicina, as políticas públicas são alguns espaços de configuração dos corpos, e os agentes sociais têm participação direta nesse processo, ao selecionarem e disseminarem imagens e discursos que apresentam corpos e produtos- habitualmente corpos brancos, magros- e constroem significados positivados sobre estes, deixando os outros corpos sem representatividade significativa nestes espaços. (CARNEIRO; FERREIRA, 2014, p.1427).

Dessa forma, podemos compreender as respostas das interlocutoras da pesquisa, sobre a não aceitação de algumas características do seu corpo.

Para Oliveira e Machado (2021, p. 2664),

as transformações vivenciadas, como a perda do corpo infantil e a reestruturação corporal podem trazer sofrimento ao adolescente na busca pela aceitação social, gerando preocupações com a imagem corporal, a forma como se apresenta e se relaciona, o corpo que tem e como ele é reconhecido. As influências socioculturais das mídias e do mercado de consumo, ligada à indústria do corpo, definem o padrão de beleza ideal e atuam como importante fator de risco para insatisfação corporal.

Mas, podemos perceber também a questão da representatividade em relação ao cabelo, seis interlocutoras da pesquisa, responderam que gostam do seu cabelo, pois, se antes o cabelo negro era visto como algo “ruim”, expressão do racismo e da desigualdade racial. Hoje, mudar o cabelo segundo Gomes (2020) pode significar “a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste”. Podendo ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (p. 29).

Além disso, durante conversa informal, Lairis, Sheuba, Patrícia, Rafaela e Sthefane não passaram pela transição capilar (assumir os cabelos cacheados/crespos).

Enquanto Isa em conversa pelo *WhatsApp* disse:

“Eu passei porque eu comecei a me aceitar do jeito que eu sou. “E vi que não tinha necessidade de entrar em um padrão.” E disse que “Me sinto bem com o cabelo cacheado (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA,

2022).

Sendo assim, o tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar o conflito (entre o real e o ideal). “A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identária.” (GOMES, 2020, p. 29).

Além disso, durante a entrevista com Isa, interlocura da pesquisa, ela comentou sobre os filtros que ela às vezes para gravar story, assim surgiu um questionamento. Você utiliza filtro nas suas fotos do Instagram? Por qual motivo você USA?

Nas respostas dadas pelas interlocutoras, ao que tudo indica os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica reproduzida na rede social Instagram mostram a sua interferência na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas pesquisadas, moradoras da cidade de Jequié – BA, uma cidade do interior da Bahia, localizada numa região eminentemente indígena e de numerosa população negra e afrodescendente, afrobrasileira.

“Algumas vezes gravo usando o filtro. Mas, me deixa branca como eu te falei deixa muito tipo assim pálida, me deixou muito pálida” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim. Pra mudar o a qualidade da foto.” (LAIRIS, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, Porque eu acho que eles me deixam mais bonita e tipo é difícil eu postar uma foto no meu Instagram sem filtro... Ah eu me acho mais bonita a espinha que estava não está mais” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, com filtro. Para. Pra não mostrar a realidade. Uso filtro de Maquiagem” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim. Porque acho que fica mais bonita.” (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, daquele que muda até o DNA sabe. Não sei por que gosto de usar. [...] Acho que me deixa branca. Porque eu uns filtros assim. Daqueles que deixam o rosto mais iluminado, daqueles que cora, o rosto ou até aqueles de sardas. Também [...]” (STHEFANE INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, costume usar filtro porque me sinto muito insegura em relação ao meu rosto.” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Conforme foi possível observar nas falas das interlocutoras, a constituição de uma

identidade está relacionada em compreender a si mesma, o outro e, bem como, conhecer a identidade do mundo exterior a ser compreendido.

Munanga (2006, p. 17) considera a identidade como:

Uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas; a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra os inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc.

Esses filtros da rede social, em grande maioria têm na imagem mulheres brancas, com a pele perfeita e o cabelo liso. Desse modo, podemos pensar na construção da identidade das adolescentes, é construída também através das redes. Elas têm medo do julgamento dos seus seguidores, sentem inseguras em relação ao seu corpo. Nessa perspectiva, a identidade de cada um, então, está vinculada a uma classe, um grupo social, uma comunidade que a afirma e confirma (SILVA, 1987, p. 142).

Assim, a questão da imagem influência também na construção da identidade das adolescentes.

Pois, segundo as autoras Oliveira e Machado (2021), a imagem é formada através de questões intrínsecas e das vivências cotidianas do sujeito, “é uma condição de arranjo individual onde ele se conhece e é reconhecido, ou seja, se dá a partir da usão dos padrões sociais e das relações construídas. Destaca-se a relevância crucial da autoimagem na construção desta identidade” (p. 2665).

Dessa forma, como as interlocuras se percebem e percebem o outro nas relações influenciaram a sua percepção de si também. Sendo este um dos motivos para utilização dos filtros, se parecem com o branco.

Pois,

a percepção de sua imagem corporal reflete sua relação com o ambiente, relação esta que permite se conhecer e construir uma identidade. Sugere-se que na contemporaneidade a identidade se constitui pela imagem (o que nos captura e nos projeta) e pelo consumo (o que consumimos e como consumimos). Ao expressar ideais estéticos e modos de viver, a mídia influencia a construção de um padrão de corpo no inconsciente do sujeito. Na adolescência esta imagem é introjetada e validada, constituindo um valor (OLIVEIRA E MACHADO, 2021, p. 2665).

No Quadro 11, abaixo, mostramos as respostas das adolescentes investigadas sobre suas percepções sobre as categorias “vergonha por alguma foto ou *stories* postado no

Instagram por seus/suas amigos/as”.

Além de perguntar se acredita que o *Instagram* influencia no modo como a pessoa deve viver e, se a resposta for positiva, se sim, de que forma.

Vejamos no Quadro 11 as respostas dadas a essas questões pelas adolescentes pesquisadas:

Quadro 11– O que dizem/falam as adolescentes sobre foto ou stories postado no *Instagram* por amigos/as e se acredita que o *Instagram* influencia no modo como a pessoa deve viver, 2022.

Nome das Interlocutoras	Já sentiu vergonha por alguma foto ou stories postado no <i>Instagram</i> por seus/suas amigas?	Você acredita que os <i>Instagram</i> influencia no modo como a pessoa deve viver? Se a resposta for sim, de qual forma?
Isa	“Olha rapaz assim vergonha não, mas assim eu já fui incomodada com um story e inclusive eu voltei pra casa de Santo André. Meu corpo na foto, aí eu apaguei.”	“Eu acho que ia de uma forma errada porque nos stories vocês só mostram aquilo que você quer e foda-se realmente é a sua vida.”
Lairis	“Não”	“Sim. Tenho um sonho de ser maquiador aí tu começa a ver vídeos tipo assim te influencia a crescer a não desista do seu sonho não acreditar que você é consegue.”
Michele	“Já. Eu estava de biquíni foi só é uma vergonha é crítica perguntando se está grávida por causa da barriguinha.”	“Sim, de várias formas, na autoestima, nas fotos, de cuidar do seu cabelo, crespo, cacheado, ensinar amar a boca, pele e muito e tem página e coloca muita gente pra baixo”
Patrícia	“Sim, porque me achei feia na foto.”	“Os padrões tem vários padrões e pra gente entrar no <i>Instagram</i> tem que seguir situações que pra se adaptar, pra ganhar mais curtida, mais likes, mais visualização das coisas. o <i>Instagram</i> está sendo legal tem que ter pra mim no meu caso tem que beleza. Uma coisa tipo assim bem vestida.”
Rafaela	“Não”	“Rapaz nem eu sei.”
Sheuba	“Sim. Se eu não me engano só uma fotinha que meu cabelo estava feio aí eu não gostei dela postar.”	Sim sim. Eh é muita das vezes do nosso jeito de ser porque tem muitas meninas que seguem algumas blogueiras e quando elas indicam ai eu quero o meu cabelo assim o jeito da minha roupa assim. Então eu acho que sim influencia.
Sthefane	“Sim. Algumas partes zoadas que uma delas já também postou e até eu já fiz isso com elas, mas depois a gente eu peço pra elas apagarem elas apagam, elas me pedem eu também apago.”	“No dia a dia, por exemplo, a pessoa vê um post achou aquilo bonito aí que refazer daquela forma também como ela viu naquele outro perfil por exemplo. Ah também tem como os famosos infantil essas coisas aí as pessoas vão lá e tentam fazer do mesmo jeito. Diferente de coisas, tipo, tem uns famosos aqui, algumas fotos que eles já fizeram eu já tirei da mesma forma que eles fizeram.”

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

Mediante respostas das interlocutoras da pesquisa, para a categoria vergonha, seis das interlocutoras demonstram incomodo em algum momento por foto postada no *Instagram*, pois, não estava dentro do padrão aceitável na sociedade, pensamento este que fica intrínscico no pensamento das adolescentes.

De acordo com (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 29), a “necessidade

humana, nos nossos dias, de se encaixar nesse padrão estético, parece desencadear uma imagem em crise, demonstrando- -se através de uma série de sintomas”.

“Olha rapaz assim vergonha não, mas assim eu já fui incomodada com um story e inclusive eu voltei pra casa de Santo André. Meu corpo na foto, aí eu apaguei.” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Não!” (LAIRIS INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Já. Eu estava de biquíni foi só é uma vergonha é crítica perguntando se está grávida por causa da barriguinha.” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, porque me achei feia na foto.” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Não!” (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022)

“Sim. Se eu não me engano só uma fotinha que meu cabelo estava feio aí eu não gostei dela postar.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022)

“Sim. Algumas partes zoadas que uma delas já também postou e até eu já fiz isso com elas, mas depois a gente eu peço pra elas apagarem elas apagam, elas me pedem eu também apago.” (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022)

Assim, podemos compreender que autoimagem, se faz presente na forma como elas interagem no mundo virtual, pois, segundo as autoras Oliveira e Machado (2021, p. 2665),

A autoimagem pode ser compreendida como a forma como o sujeito se vê, como acha que é ou se sente. Trata-se de “um fenômeno psíquico que possibilita ao sujeito representar e registrar os eventos vividos e/ou percebidos. Forma-se como representação visual, que interfere na maneira como o sujeito percebe, reage e interage com o meio social”. Pode-se dizer que a construção desta imagem se dá na interação do sujeito com o mundo, nas suas relações afetivas e espaços socioculturais.

Gomes (2020) comenta ainda que a construção da identidade negra se dá no espaço de casa, da rua, do trabalho, da escola, do lazer, da intimidade, ou seja, na relação entre o público e o privado. Mas todos esses outros espaços sociais se articulam e transversalizam com o *Instagram*.

Desse modo, podemos perceber o quanto é difícil viver numa sociedade tão desigual e que tem padrões tão enraizados na beleza eurocêntrica. Onde as adolescentes interlocutoras da pesquisa não tem liberdade em postar suas fotos e vídeos. Pois, “gostar de si, acreditar em sua

beleza e potencialidades, valorizar-se quando não há esse eco na sociedade é deveras difícil, porém, ao passo que existem os discursos hegemônicos existe também os contra-hegemônicos, que valorizam o negro, sua cultura e beleza” (CARNEIRO; FERREIRA, 2014, p.1432).

Sendo assim, quando as adolescentes se sentem bem ao usar o cabelo cacheado/crespo, ao postar fotos mesmo que com vergonha, demonstram a luta para construir sua identidade. Gomes (2007) salienta o quão difícil é construir identidades negras positivas em nossa sociedade, considerando os discursos hegemônicos dominantes de valorização apenas da branquidade.

É importante destacar mediante a pergunta: Você acredita que o Instagram influencia no modo como a pessoa deve viver? Se a resposta for sim, de qual forma? As interlocutoras, Isa, Lairis, Michele, Patrícia, Sheuba e Sthefane, responderam que o *Instagram* influência o modo como às pessoas se verem, de se vestir, de se comportar e interfere também nas relações sociais. Apenas Rafaela, não soube responder sobre a temática.

“Eu acho que ia de uma forma errada porque nos stories vocês só mostram aquilo que você quer e foda-se realmente é a sua vida.” (ISA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim. Tenho um sonho de ser maquiador aí tu começa a ver vídeos tipo assim te influencia a crescer a não desista do seu sonho não acreditar que você é consegue.” (LAIRIS, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, de várias formas, na autoestima, nas fotos, de cuidar do seu cabelo, crespo, cacheado, ensinar amar a boca, pele e muito e tem página e coloca muita gente pra baixo” (MICHELE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Os padrões têm vários padrões e pra gente entrar no Instagram tem que seguir situações que pra se adaptar, pra ganhar mais curtida, mais likes, mais visualização das coisas. O Instagram está sendo legal tem que ter pra mim no meu caso tem que beleza. Uma coisa tipo assim bem vestida.” (PATRICIA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Rapaz, nem eu sei.” (RAFAELA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“Sim, sim. Eh é muita das vezes do nosso jeito de ser porque tem muitas meninas que seguem algumas blogueiras e quando elas indicam ai eu quero o meu cabelo assim o jeito da minha roupa assim. Então eu acho que sim influencia.” (SHEUBA, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

“No dia a dia, por exemplo, a pessoa vê um post achou aquilo bonito aí quer refazer daquela forma também como ela viu naquele outro perfil por exemplo. Ah também tem como os famosos, infantil essas coisas aí as pessoas vão lá e tentam fazer do mesmo jeito. Diferente de coisas, tipo, tem uns famosos aqui, algumas fotos que eles já fizeram eu já tirei da mesma forma que eles fizeram.” (STHEFANE, INTERLOCUTORA DA PESQUISA, 2022).

Assim, podemos entender que o processo da identidade das adolescentes interlocutoras da pesquisa, é influenciado pelo Instagram, pois, segundo Hall (1987, p. 13), “A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Corroborando com essa afirmativa, Guerin et al (2018, p. 727) diz:

Na contemporaneidade, a imagem ganha novos contornos e exige dos sujeitos outra forma de se apresentar. Neste contexto, em sua travessia para o mundo adulto, o adolescente, considerado “nativo digital” por ter nascido num mundo de novas tecnologias e mídias digitais, manifesta esta influência em seu comportamento e características, como se vê na definição de si mesmos, fortemente associada a elementos eletrônicos, direta ou indiretamente.

Desse modo, pensar na construção da identidade das adolescentes participantes da pesquisa, é entender que todo esse processo traz inúmeros questionamentos para elas, em relação aos estereótipos de beleza eurocêntrica, pois, existe uma obrigatoriedade imposta pela sociedade em seguir padrões para serem inseridas nos espaços, especificamente no Instagram. O fato de não seguir os padrões preconizados interfere nas relações com os outros e reflete de forma significativa no olhar sobre si, gerando por vezes, desconforto e insatisfação com o próprio reflexo no espelho (OLIVEIRA E MACHADO, 2021, p. 2666).

Cabe ressaltar que se vive um contexto histórico que traça o modelo de corpo e padrões de beleza ideais, que trazem repercussões que ultrapassam a subjetividade do indivíduo, estando envoltas em um contexto amplo de poder da sociedade sobre o sujeito, que busca atender às necessidades desta (LOPES, 2016, p. 24).

Portanto, diante das respostas das adolescentes suas percepções, subjetividades e identidade são construídas através do *Instagram*. É necessário que discussões sobre construção da identidade das adolescentes e como as redes sociais, especificamente a utilizada na pesquisa, influencia as relações entre elas, o mundo exterior e interior. Pois, o que se percebe ainda é que as mídias sociais e outras formas de comunicação têm contribuído

significativamente para essa busca incessante da beleza, somadas ao comércio de fabricação intensiva que segue rigorosamente à moda, aos padrões e ofuscam a beleza individual das adolescentes.

PARTE IV**CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA**

Qualquer processo identitário é conflitivo na medida em que ele serve para afirmar como um “eu” diante de um “outro”. A forma como esse “eu” se constrói está intimamente relacionada com a maneira como é visto e nomeado pelo “outro”. E nem sempre essa imagem social corresponde à minha autoimagem e vice-versa. Por isso, o conflito identitário é coletivo, por mais que se anuncie individual.

Gomes (2020, p. 28).

4. Conclusão e Considerações Finais

Me diz que sou ridículo
 Me diz que sou ridículo
 Nos teus olhos sou mau visto
 Diz até tenho má índole
 Mas no fundo, tu me achas bonito, lindo!
 Lindo, Ilê Aiyê
 Negro sempre é vilão, ah
 Até meu bem provar que não, que não
 Negro sempre é vilão
 Até meu bem provar que não, que não
 É racismo meu? Não

(Ilê de luz, Canção de Caetano Veloso e Ilê Aiyê, 1992).

Concluir uma investigação nem sempre é muito fácil, por isso, buscamos Caetano Veloso para dizer que o racismo é uma construção perversa, traiçoeira, que precisa ser combatido, é um mal que não pode ficar se alastrando pela vida toda pelos espaços da sociedade e, também, um ato, uma ação de uma pessoa contra outra ou a um grupo que não pode ficar impune, é preciso fazer justiça social.

Nesta dissertação de mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, as reflexões elaboradas e apresentadas até aqui são frutos de resultados que buscaram responder ao objetivo principal desta pesquisa, que se propôs analisar as percepções de adolescentes pretas dos anos finais do Ensino Fundamental, alunas de 6 (seis) Escolas Públicas e uma Escola Privada, sediadas em Jequié- BA, sobre sua autoestima, padrão de beleza e construção de sua identidade.

Para isso, foram acionados nos marcos teóricos alguns conceitos pertinentes para compreensão da trajetória das relações étnico-raciais, a saber: A mulher, o patriarcado e o processo de colonização europeia da sociedade Brasileira; A construção da Identidade da adolescente preta; A representação e constituição da identidade da pessoa preta no Brasil; A mulhe preta no Instagram; A rede Social *Instagram*, as quais dão sustentação ao objeto de pesquisa. Neste ambiente virtual muitas coisas aconteceram: conversas, encontros, bate-papos, entrevistas, aplicação de formulários – *Google forms*, alguns encontros, muitas vezes, inesperados, outros marcados, combinados e que suscitava a espera da pesquisadora pelo encontro com suas interlocutoras.

Podemos afirmar que abordar sobre questões étnico-raciais, é adentrar num campo rico de teorias e informações. Porém, que a sociedade ainda se encontra enraizadas em ideias

arcaicas, vindas dos colonizadores. Onde, mulheres pretas, precisam todo momento buscar suas identificações e lutar por seus direitos e reconhecimento. A autora bel hooks (2019) em seu livro, fala sobre a “força” de mulheres negras, como elas lidam com a opressão. A mulher preta, foi dado o símbolo de mulher “forte”, como marca de glória, tentando assim silenciar todo o sofrimento da preta.

Corroborando com a pesquisa realizada, abordar as questões étnico-raciais, é falar sobre as formas de opressão existente na sociedade. Pois, a autora Souza (2018), diz que a possibilidade de construir uma identidade negra, tarefa eminentemente política, exige como condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras, pais ou substitutos que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro terá condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio. Desse modo, a pesquisa buscou investigar como essas relações são construídas e de que forma a Rede Social *Instagram*, interfere na construção da identidade das adolescentes pretas do Ensino Fundamental, na cidade de Jequié-Bahia.

E assim, a pesquisa foi pensada, a partir das inquietações que eu enquanto mulher preta sentir na minha fase de adolescência, depois atravessada pelas adolescentes que atravessaram meu caminho na psicologia e em todas as leituras que realizei durante o mestrado. Durante o processo de coleta e análise dos dados, por diversas vezes, sentir o peso das palavras das adolescentes pretas, o sofrimento que elas enfrentam, muitas vezes, sem perceber o quanto é difícil construir sua identidade em uma sociedade machista, racista, autoritária, misógina e sexista. Cada adolescente participante, ao seu modo, contribuiu para construção dessa pesquisa.

Através dos dados obtidos, a construção da identidade foi construída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura. E, em nosso país, o corpo é identidade.

Assim, Gomes (2020), aponta que ele é usado como critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade, assim como as várias gradações de negrura por meio das quais a população brasileira se autoclassifica nos censos demográficos. Assim, podemos compreender o porquê das adolescentes preferirem a autodeclaração como parda. Além disso, é importante destacar que a adolescente que se autodeclarou indígena, ao que tudo indica e pode ser observado durante a pesquisa, tem dificuldade de se compreender enquanto adolescente preta.

Nesse sentido, podemos relacionar as questões estéticas, pois, o corpo humano é o

primeiro motivo de estética, de beleza, possuidor de um elemento maleável que, tal como a madeira e o barro, possibilitam diferentes recortes, detalhes e modelagens. Por isso corpo e cabelo, no plano da cultura, puderam ser transformados em emblemas étnicos (GOMES, 2020, p.36). Desse modo, a representação das adolescentes se constrói no âmago das relações sociais e raciais, não podem ser separadas.

Além disso, a adolescência é um período de construção da identidade na sociedade Ocidental, por ser um período vivencial caracterizado por peculiaridades que estão além das transformações biológicas, o adolescente está em busca do reconhecimento social que ultrapasse o núcleo familiar (OLIVEIRA E MACHADO, 2021, p. 2664).

Assim, podemos entender que a construção da identidade das adolescentes, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, “identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 23).

Assim, encontramos como resultado da pesquisa, que o Instagram influencia a forma como as adolescentes se relacionam com o mundo, pois, como dizem Oliveira e Machado (2021), a complexidade das mudanças vividas torna-o vulnerável frente às mídias e exigências sociais.

Essas questões impõem determinados padrões de comportamento e estilo de vida à adolescentes investigadas pela pesquisa e essas são exigências que as enlaçam em uma condição existencial, uma condição de vida com muitas barreiras sociais e raciais, “com o risco de se reduzir à imagem numa sociedade na qual os valores subjetivos se desfazem. O culto ao corpo transforma -o em um objeto de consumo, e alcançar o ideal estético torna-se mais relevante que pensar, sentir, criar ou ser saudável” (OLIVEIRA; MACHADO, 2021, p. 2664).

Sendo assim, essa pesquisa possibilitou um espaço para que as adolescentes pudessem ter voz, compartilhar suas percepções, vivências os padrões socialmente impostos e de que forma as suas relações foram construídas até o período da adolescência. Foi possível observar nos discursos o *Instagram*, faz parte do universo dos adolescentes e exercem forte influência na construção de sua identidade, uma vez que estão intensamente imersos nesse ciberespaço.

Além disso, os padrões estéticos apresentados no mundo virtual são os mesmos existentes na vivência real, em todos os espaços eles são utilizados como definição de beleza, e tendem a ser ditatoriais, trazendo consequências negativas para as adolescentes que não

atendem a essas expectativas, como baixa autoestima e autodepreciação. Exigem ainda um esforço excessivo dos que tentam se ajustar a um modelo pré-estabelecido para se reapresentar socialmente, com corpo-imagem ideais.

Portanto, as adolescentes participantes da pesquisa estão imersas em cobranças que perpassam os padrões sociais, midiáticos e a própria autocobrança e, nesse sentido, estão constantemente insatisfeitos, principalmente, fisicamente, ora com o cabelo, ora com a cor da pele, dentre outras formas estéticas, de insatisfação com o corpo, tipo de beleza.

Sendo assim, esta pesquisa possibilitou conhecer a percepção das mesmas sobre os estereótipos que estão sendo tomados como padrão para a construção de suas identidades. O padrão eurocêntrico. O que nos leva a uma análise crítica e reflexiva sobre o tema. Portanto, espera-se que estas reflexões ofereçam subsídios para outras análises e caminhos possíveis para se pensar o cuidado em saúde Mental das adolescentes, na perspectiva biopsicossocial, que possa contribuir para a construção de sua identidade.

Desse modo, as questões raciais precisam ser discutidas em todos os espaços, sejam em casa, na escola, no *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*. Por fim, termino essa tese de dissertação, lembrando da música *Ilê de luz*, do cantor Caetano Veloso, que expressa todos os resultados obtidos na minha pesquisa,

E desejo que as novas Isa, Lairis, Micheles, Patricias, Rafaelas, Sheubas, Sthefanes possam passar pelo processo de construção da sua identidade, com menos padrões eurocêntricos, que ditam corpo, cabelo e beleza. Assim, essa ideia de padrão cristalizada acabará quando toda a sociedade tiver consciência que o processo de colonização deixou marcas na sociedade até hoje. Pois, a construção da identidade é cultural e política.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Los movimientos de rebeldia y las culturas que traicionam. *In: hooks, Bell; BRAH, Avtar; SANDOVAL, Chela; ANZALDÚA, Gloria (orgs.). **Otras inapropiables**: feminismos desde las fronteras. Traficantes de Sueños: Madrid, 2004, p. 71-80.*

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AZEVEDO, Debora; BURIGO, Beatriz Demboski; BURIGO, Joanna; DELAJUSTINE, Ana Claudia; TEIXEIRA, Thainá Battesini. “A Joanna sou eu, mas a casa é nossa”: a emergência de um *locus* midiático colaborativo feminista. **Revista Café com Sociologia**, v. 5, n. 2, p. 64-77, 2016.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (orgs.). **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011. p. 187-227.

BATISTA, Waleska Miguel. (2018). A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito E Práxis**, 9(4), 2581–2589.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo***. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 25-58.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O Pacto da Branquitude**. Companhia das Letras. 2020.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia; LIEBESNY, Brônia. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. *In: OZELLA, Sergio (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 203-222.

BONIN, Jiani. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. *In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Pesquisa em Comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS,

2016, p. 213-231.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARLÓN, Mario. Público, privado e íntimo: el caso “Chicas Bondi” y el conflicto entre derecho a la imagen y libertad de expresión en la circulación contemporánea. *In*: CASTRO, Paulo César. **Dicotomía público/privado**: estamos no camino certo? Maceió: EDUFAL, 2015. p. 211-232.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena**. Universidade Católica de Pernambuco. 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

CASTEL, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLEMAN, James; HUSÉN, Torsten. **Tornar-se adulto numa sociedade em mutação**. Porto: Afrontamento, 1985.

COLEMAN, John. Current views of the adolescent process. *In*: COLEMAN, John (Org.). **The School Years**. Current issues in the socialization of young people. London: Methuen, 1979.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Elaine Patricia. Brasil tem 24,3 milhões de crianças e adolescentes que usam internet. 17 set. 2019. *In*: **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/brasil-tem-243-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-utilizando-internet>>. Acesso em: 20 out.2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE Jr., João Francisco. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ELHAI, Jon; DVORAK Robert; LEVINE Jason, HALL, Brian James. Problematic

smartphone use: a conceptual overview and systematic review of relations with anxiety and depression psychopathology. **Journal of Affective Disorders**, 207: 251-259, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032716303196>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Geertz e os usos da diversidade: uma perspectiva pós-estruturalista. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**, ano 1, n. 1, v. 1, jan.-jun., 2016.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 1ª edição FFCL/USP, São Paulo, 1964.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FERNANDES, Viviane Barbosa; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 63, p. 103-120. jan/abr. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103](http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103.pdf).pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 63, abr., p. 103-120, 2016.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. Educação, diversidade e igualdade de direitos na escola. *In*: SANTANA, José Valdir Jesus de; FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade (Orgs.). **Diversidades, Igualdade de Direitos e Cidadania na Escola e na Sociedade Brasileira**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, p. 17-68, 2020.

FERREIRA, Ricardo Frankllin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2011, v. 31, n. 2. p. 374-389. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>. Epub 04 ago 2011. Acesso 29 out. 2022.

FOLLMAM, José Ivo. Identidade como conceito. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, n. 158, v 37, p. 43-56, 1 semestre, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. v.III, Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREITAS, Geisiane Cristina de Souza. Cabelo crespo e mulher negra: a relação entre cabelo e a construção da identidade negra. **Revista Idealogando**, v. 2, n. 2, p. 65-87, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/238062>>. Acesso em 21 abr

2023.

FREITAS, Samily Loures de. “É sobre isso”: Disparidade de remuneração entre influenciadores digitais brancos e negros no Brasil. **Anais do Seminário de Ciências Sociais**, v. 6, p. 01-14, 2021.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILLIAM, Angela. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. **Estudos Feministas**, v 3. n 2. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471>. Acesso em: 25 out. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**: o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: Ministério da Educação (org.). **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Edições, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Educação**, 2002.

GUEDES, Terezinha Aparecida; JANEIRO, Vanderly; MARTINS, Ana Beatriz Tozzo; ACORSI, Clédina Regina Lonardan. **Projeto de Ensino**: aprender fazendo estatística, 2005. Disponível em: http://www.each.usp.br/rvicente/Guedes_etal_Estatistica_Descritiva.pdf. Acesso: 04 maio 2022.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2008.

GUIOTI, Ednilson Aparecido. Identidade. *In*: FAZENDA, Ivani (Org.). **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 50-51.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2016.

HALL, Stuart. The work of representation. *In*: HALL, Stuart (org.). **Representation**: cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi:

Sage/Open University, 1997.

HOOKS Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, jan. – abr. de 2015, pp. 193-210.

HOOKS, Bell. Mujeres negras: dar forma a la teoría feminista. *In: hooks, Bell; BRAH, Avtar; SANDOVAL, Chela; ANZALDÚA, Gloria (orgs.). OTRAS INAPROPIABLES: Feminismos desde las fronteras. Traficantes de Sueños: Madrid, 2004. p. 33-50.*

HOOKS, Bell. **O feminino é para todo mundo: políticos arrebatadores.** Tradução Bhuvi Libanio. 14.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

INHAQUITE, G. Remuneração dos influenciadores digitais. **Blog Influency-me**, 2021. Disponível em: <https://www.influency.me/blog/remuneracao-de-influenciadores>. Acesso em: 25/10/22.

JACKS, Nilda. SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **Matrizes**, vol. 12, núm. 1, pp. 115-130, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143064343024/html/>. Acesso em: 20 out.2022.

JUNG, Joo Young.; KIM, Yong Chan; LIN, Wan Ying; CHEUNG, Pauline Hope. 2005. The influence of social environment on Internet connectedness of adolescents in Seoul, Singapore, and Taipei. **New Media and Society**, 7(1):64-88, 2005.

KOZINETS, Robert . On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. **Advances In Consumer Research**, New York, v. 25, p. 366-371, 2002.

LAKATOS. Eva Maria; MARCONI. Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. **O que é psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

LAPIERRE, Jean-William. Prefácio. *In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (orgs.). Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011. p. 9-14.*

LIVINGSTONE, Sonia M. From family television to bedroom culture: young people's media at home. *In: E. Devereux (Org.). Media Studies: Key issues and Debates.* London, Sage Publications, 2007, p. 302-321.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às meditações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Edna; SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Psicologia: teoria e prática** São Paulo, v. 15, n. 3, p. 118-133, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 maio 2022.

MATOS, Ricardo Hage de. Espaço. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.143-145.

MCMILLAN, Sally; MORRISON, Margaret. Coming of age with the Internet: a qualitative exploration of how the Internet has become an integral part of young people's lives. **New Media & Society**, 8(1):73-95, 2006.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo 2012. Pesquisa qualitativa *online* utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, 169-183, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIZRAHI, Mylene. Cabelos ambíguos beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 89, p. 31-45, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/rMn8wWprFYmSCjgLYPBvR4P/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 maio 2022.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. "Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia". [Artigo *online*]. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf> Acesso em 02.10.2022.

MUNANGA, Kabengele. Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In: BRANDÃO, André Augusto. Caderno PENESB. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, n. 5. Rio de Janeiro: Editora EDUFF, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades. **Revista de Antropologia** – Nº 33, São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de; BASTOS, Liliana Cabral. Saúde, doença e burocracia: pessoas e dramas no atendimento de um seguro saúde. In: RIBEIRO, Branca Teles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes. (Orgs.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. p. 162-187.

PAPALIA, Diane; OLDS, Selly Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Tradução Carla Filomena Marques Pinto Vercesi; Dulce Catunda; José Carlos Barbosa dos Santos; Mauro de Campos Silva. 10. ed. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2009.

PARKER R. Stigma, prejudice and discrimination in global public health. *Cad Saude Publica*. 2012 Jan;28(1):164-9.

PESQUISA revela forte participação de crianças e adolescentes nas redes sociais. In: **Portal de Telecomunicações, Internet e TICs**. 02 out. 2012. Disponível em: <https://nic.br/noticia/na-midia/pesquisa-revela-forte-participacao-de-criancas-e-adolescentes->

[nas-redes-sociais/](#) Acesso em 15 de mar de 2022.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio. **Raça: Novas Perspectivas Antropológicas**. Salvador, 2008

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações Raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 9, n.2, p. 257-266. jul/dez. 2014. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011.

QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora Senac, 2000.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. *In*: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora Senac, 2000. p. 13-66.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Nilton Milanez e Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

Revista Brasileira de Geografia. Instituto De Brasileiro De Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas. **Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 41. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 27 out. 2022.

RIBEIRO, Dindara. Especial Black Digital|Influenciadoras negras revelam bastidores da produção de conteúdo. **Alma Preta Jornalismo Preto e Livre**. São Paulo, 10 de novembro de 2021. Disponível em : <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/especial-black-digital-os-desafios-dos-novos-influenciadores-digitais-que-apostam-na-internet-para-ganhar-renda/> Acesso em: 26 out. 2022.

RODRIGUES, Adriano Duarte; BRAGA, Adriana A. Interação, discurso e espaço público em ambiente digital. *In*: CASTRO, Paulo César (Org.). **Dicotomia público/privado**: estamos no caminho certo?. Maceió: EDUFAL. 2015

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro, 1932.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. *In*: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.), **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002. p. 73-88.

RUSKY, Renata; BRITO, Maria Carolina. Influenciadora da autoestima: mulher negra luta por representatividade. **Correio Braziliense**, 15, nov.2020. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/revista-do-correio/2020/11/4888592-influenciadora-da-autoestima-mulher-negra-luta-por-representatividade.html> Acesso em : 25 out.2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 2001.

SALEM, Tânia. **O velho e o novo**: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do "ser negro"**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Univ. Pontificia Comillas, 2002.

SANTOS, Livia Gomes dos. A mídia e as transformações na subjetividade. *In*: ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia (Orgs.). **Sexualidade na adolescência**: Educação e Mídia. ECOS, 1990.

SANTOS, Samir Magoya de Medeiros; SILVA, Pablo Petterson Praxedes da; SANTOS Joseyson Fagner dos. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0157-1.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2022.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Companhia das Letras. 2019.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**., São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal. *In*: MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2020. **IBGE**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

SOUZA, Leila Lima. **Aprender-sendo: cidadania comunicativa e existências comunicacionais de mulheres negras de Codó e Imperatriz, no Instagram**. Tese de (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, p. 415.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPRITZER, Daniel. Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os

subtipos de dependência de tecnologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. v.17, n. 2, 44-60, 2012.

SUPLICY, Marta. Os caminhos da repressão sexual no desenvolvimento dos adolescentes. *In*: ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia (Orgs.). **Sexualidade na adolescência**: Educação e Mídia. ECOS, 1990.

TORRES, Tatiana de Lucena; CAMARGO, Brigido Vizeu; BOUSFIELD, Andréa Barbará. Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 1, jan.-mar., p. 209-218, 2016.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/abstract/?lang=pt#ModalTutores> . Acesso em: 30 mar. 2022.

TUFFE, B; RASMUSSEN J. Children and the Internet. *In*: D. Marshal (org). **Understanding Children os Consumers**. London, SAGE Publications Ltd, 2010. p. 184-201. Disponível em: <https://sk.sagepub.com/books/understanding-children-as-consumers/n11.xml> . Acesso em: 04 maio 2022.

TURKLE, S. **La vida en pantalla**: la identidad en la era de Internet. Barcelona: Paidós, 1997.

WINCH, Rafael R. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503081306_ARQUIVO_RafaelaMartins_FazendoGenero.pdf . Acesso em: 16 out. 2022.

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**

Este Grupo Focal tem como objetivo coletar dados para a pesquisa intitulada *Me siga e dê likes. estereótipos reproduzidos no instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas no ensino fundamental, Jequié-BA*, realizada pela mestrande Thailane Souza Silva Brito, sob orientação da Professora Doutora Maria de Fátima de Andrade Ferreira, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié, BA.

Instrumento de Coleta de Dados - Grupo Focal

Temas para o grupo focal

- Racismo
- Preconceito
- Discriminação
- Papel da Mulher na Sociedade
- Empoderamento Feminino
- Padrões de Beleza
- Outros temas sugeridos pelas participantes

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE-PPGREC

Roteiro de Entrevista Semiestruturada à Adolescente, interlocutora da pesquisa.

Este Roteiro de Entrevista Semiestruturada tem como objetivo coletar dados para a pesquisa intitulada *Me siga e dê likes. estereótipos reproduzidos no instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas no ensino fundamental, Jequié-BA*, realizada pela mestrandia Thailane Souza Silva Brito, sob orientação da Professora Doutora Maria de Fátima de Andrade Ferreira, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié, BA.

1. O que mais você mais gosta de fazer no Instagram?
2. Você já fez tentou fazer algo que viu nos perfis que segue?
3. Quais os perfis de mulheres que mais gosta de seguir no Instagram?
4. Você acredita que os Instagram influencia no modo como a pessoa deve viver? Se a resposta for sim, de qual forma?
5. Já sentiu vergonha por alguma foto ou stories postado no Instagram por seus/suas amigas?
6. Comente sobre sua relação com as redes sociais.
7. Você acredita em tudo que vê no Instagram?
8. Existe um padrão de beleza nas redes sociais?
9. Temas como racismo, preconceito, discriminação, homofobia já foi visto por você no Instagram? Se sim, comente sobre ele.
10. Do que você mais/menos gosta sobre você mesmo?

APÊNDICE C – Questionário aberto



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE-PPGREC

Questionário aberto à adolescente, interlocutora da pesquisa.

Este Questionário aberto tem como objetivo coletar dados para a pesquisa intitulada *Me siga e dê likes. estereótipos reproduzidos no instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas no ensino fundamental, Jequié-BA*, realizada pela mestrande Thailane Souza Silva Brito, sob orientação da Professora Doutora Maria de Fátima de Andrade Ferreira, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié, BA.

1. Nome Completo _____
2. Qual a sua idade? _____
3. Você se considera: Indígena, Preta, Parda, Amarela, Branca, Outra (especifique): _____
4. Está em qual série? _____
5. O que gosta de fazer quando não está na escola? _____
6. Tem redes sociais? _____
7. Qual ou quais redes você passa mais tempo? _____
8. Se tem Instagram, qual perfis você mais gosta de seguir? _____
9. Tem algum perfil que te inspira? _____
10. Quais perfis femininos você segue? _____

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha "Assinatura do participante".

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Thailane Souza Silva Brito

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Prof. Drª Maria de Fátima de Andrade Ferreira

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA ME SIGA E DÊ LIKES . ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS NO INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES PRETAS NO ENSINO FUNDAMENTAL , JEQUIÊ-BA.
2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa): <i>Essa pesquisa busca contribuir com as discussões no ambiente acadêmico sobre a construção da identidade das adolescentes pretas.</i>
2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos): <i>A pesquisa com as adolescentes tem como finalidade estudar os modos de viver em sociedade, bem como o Instagram (rede social utilizada por elas) influenciam na construção de sua identidade.</i>

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO: <i>Instrumentos para coleta de dados a observação participante, entrevista e questionários utilizando o grupo focal. As atividades que serão realizadas por elas são: Reuniões pelo Google Meet, com duração de uma hora, com temas (papel da mulher da sociedade, beleza, inspirações nas redes sociais, autoestima). A estudante pela qual o/a senhor/a é responsável vai responderá perguntas sobre: como se veem, do que gostam de seguir no instagram, quem são suas inspirações?.</i>
3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO: <i>No local ..., nos dias xx/yy/zz e aa/bb/cc</i>
3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO: <i>1 hora cada encontro.</i>

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - LIESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel.)

Página 1

MÍNIMO MODERADO ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Desconforto ou vergonha em participar de entrevista pelo fato de haver perguntas que mexam com o emocional, trazendo lembranças ruins.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

A estudante pela qual o/a senhor/a é responsável poderá deixar de responder qualquer pergunta caso se sinta desconfortável ou com vergonha. Haverá também sigilo do que acontecer nos encontros.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Promover o fortalecimento da autoestima da adolescentes e falar sobre o papel da mulher na sociedade.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Contribuir com as discussões sobre a construção da identidade das adolescentes pretas.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas se se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: *Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: *Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.*

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: *Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.*

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: *Nenhum.*

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: *Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.*

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: *Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.*

6.9. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R: *São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.*

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 2

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: Thailane Souza Silva Brito

Endereço: Rua Hum, Condomínio Ouro Verde, Rua H, 11 Vila Rodoviária- Jequié-Bahia

Fone:(73)988622796 / E-mail: thailane05@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequiézinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Jequié-Bahia, 05 de agosto de 2022

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Jequié-Bahia, 05 de agosto de 2022

Página 3

APÊNDICE E - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DA PESQUISA:	Me siga e dê likes: Estereótipos reproduzidos no Instagram e a construção de identidade de adolescentes pretas no Ensino Fundamental, Jequié-BA.
PESQUISADOR RESPONSÁVEL:	<i>Thallana Souza Silva Brito</i>

Estando ciente, esclarecido e assegurado quanto:

- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE);
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a quaisquer das partes envolvidas na pesquisa; e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde; Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/ 1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

AUTORIZO, através do presente documento, **e CONSINTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima indicada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de gravações (sons e imagens)

da minha pessoa

do indivíduo pelo qual sou responsável

Jequié, 05 de maio de 2022.

Assinatura do(a) participante (e/ou do seu responsável)

Assinatura do(a) pesquisador



Impressão Digital
(Se for o caso)

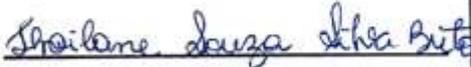
Página 1

APÊNDICE F – Folha de Rosto.



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: ME SIGA E DÊ LIKES. ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS NO INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ADOLESCENTES PRETAS NO ENSINO FUNDAMENTAL, JEQUIÉ-BA			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 20			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: THAILANE SOUZA SILVA BRITO			
6. CPF: 045.209.655-35	7. Endereço (Rua, n.º): Rua HUM VILA RODOVIARIA Condomínio Ouro Verde JEQUIE BAHIA 45207277		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 7398622796	10. Outro Telefone:	11. Email: thailane05@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>05 / 05 / 2022</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB	13. CNPJ: 13.069.489/0001-08	14. Unidade/Orgão: PPGREG/ODEERE	
15. Telefone: (73) 3525-6683	16. Outro Telefone: (73) 3526-2669		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>MARCOS LOPES DE SOUZA</u>		CPF: <u>261.152.248-02</u>	
Cargo/Função: <u>COORDENADOR DO PPGREC</u>			
Data: <u>05 / 05 / 2022</u>		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL		Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza Coordenador PPGREC Matrícula 72.421.393-2 UESB - ODEERE	
Não se aplica.			

THAILANE SOUZA SILVA BRITO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 59899322.1.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.660.177

Apresentação do Projeto:

Apresentado pela pesquisadora como a seguir: “A sociedade vem passando por diversas transformações na política, nas estruturas familiares, nas relações de gêneros e suas intersecções com raça/etnia, classe e outros marcadores sociais da diferença, principalmente nas relações sociais entre adolescentes e, aqui, nesta pesquisa, tratamos especificamente de adolescentes pretas, alunas das séries finais do Ensino Fundamental, da Escola Rosa dos Ventos, sediada na zona urbana, no município de Jequié, BA, localizado na região Sudoeste da Bahia, território de identidade Médio Rio das Contas . Utilizar-se-á o grupo focal com adolescentes, alunas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da escola-campo. Tendo como objetivo analisar de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzida na rede social Instagram interfere na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas, alunas das séries finais do Ensino Fundamental, da Escola Rosa dos Ventos, campo de pesquisa, sediada na zona urbana de Jequié – BA, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar de que forma os estereótipos de beleza feminina eurocêntrica (estereótipos sociais, raciais e sexistas) reproduzida na rede social Instagram interfere na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas na Escola de Ensino Fundamental II (...).

Objetivos Secundários:

- i) Realizar breve levantamento bibliográfico para verificar o que dizem os referenciais teóricos sobre a formação dos ideais de beleza no decorrer da história, observando o que falam sobre a construção histórica do corpo feminino e da imagem da mulher na sociedade brasileira para construir o marco teórico da pesquisa e de que modo os padrões de beleza afetam o corpo feminino negro.
- ii) Identificar qual a forma de relação de adolescentes pretas, interlocutoras da pesquisa, alunas da escola Rosa dos Ventos de ensino fundamental, campo de pesquisa, com a rede social Instagram;

iii) Analisar a relação entre o Instagram e a construção de subjetividades das alunas adolescentes pretas na escola investigada e quais as definições de beleza são utilizadas pelas interlocutoras da pesquisa e a influência dessa Rede Social na vida das usuárias, satisfação/insatisfação com sua realidade (corpo, beleza, cor, cabelos, dentre outros).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentados pela pesquisadora no Formulário de Informações Básicas da Plataforma Brasil, conforme se segue:

- Riscos: “Desconforto ou constrangimento em participar de entrevista (pela ocorrência de perguntas que toquem aspectos de foro privado ou ensejem memórias/sensações desagradáveis).”
- Benefícios: “A presente pesquisa pretende evidenciar a construção da identidade e as relações étnicas raciais no ambiente virtual.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade em nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados pela pesquisadora na segunda versão, conforme se segue:

- PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1945983.pdf em 05/08/2022 - PENDENTE
 - Autorizacao_coleta_de_dados.docx em 06/08/2022 - PENDENTE
 - BrochuraTHAILANESOUZASILVABRITO.docx em 05/08/2022 - OK
- Página 02 de
- CARTARESPPOSTAPARECERPENDENTE.docx em 05/08/2022 - OK
 - TCLE_CEP.docx em 05/08/2022 - OK
 - TALE_CEP_12_a_17_anos.docx em 05/08/2022 - OK
 - TCLE_CEPescola.docx em 05/08/2022 – OK

Apresentados pela pesquisadora na terceira versão, conforme se segue:

- PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1945983.pdf em 10/09/2022 - OK
- termodeautorizacao.pdf em 10/09/2022 - OK
- CARTARESPPOSTAPARECERPENDENTE.docx EM 10/09/2022 - OK

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu às pendências mencionadas no parecer 5.604.130. Precisa apenas estar atenta à seguinte solicitação:

Relatórios: - Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB autorizou a aprovação por ad referendum assim que as pendências fossem sanadas. Portanto, fica aprovado o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1945983.pdf	10/09/2022 21:36:17		Aceito
Outros	CARTARESPPOSTAPARECERPENDENTE.docx	10/09/2022 21:35:40	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito
Outros	termodeautorizacao.pdf	10/09/2022 21:35:00	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEP.docx	05/08/2022 18:06:02	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito

Página 03 de

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEPescola.docx	05/08/2022 18:05:39	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_CEP_12_a_17_anos.docx	05/08/2022 18:03:54	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BrochuraTHAILANESOUZASILVABRITO.docx	05/08/2022 18:03:02	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito
Outros	Termo_uso_de_imagens.docx	10/05/2022 21:45:46	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito
Outros	Declaracaodecompromissos.pdf	10/05/2022 21:45:09	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	10/05/2022 21:41:26	THAILANE SOUZA	Aceito

			SILVA BRITO	
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	10/05/2022 21:39:27	THAILANE SOUZA SILVA BRITO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 23 de Setembro de 2022

Assinado por:**Leandra Eugenia Gomes de Oliveira**
(Coordenador(a))